

Umbra, há base doutrinária para sustentá-lo?

Paulo Neto

UmbraL,

há base doutrinária para sustentá-lo?

(Versão 31)

“A maioria das pessoas ridicularizam o conceito de um meio espiritual tal como o que se desenha nas ‘revelações’; porém, esses senhores, que gastam o ridículo com tanta leviandade, não se lembram de que, assim fazendo, supõem conhecer toda a verdade a respeito do mundo espiritual...” (JAMES HERVEY HYSLOP)

Paulo Neto

Copyright 2019 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
Rosana Netto Nunes Barroso
Vladimir Alexei

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

Índice

| | |
|--------------------------------------------------------|-----|
| Prefácio..... | .4 |
| Introdução..... | .6 |
| Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral..... | 12 |
| O Umbral e sua relação com as esferas espirituais..... | 48 |
| O que se observa nas obras da Codificação..... | 85 |
| Fontes que se destacam a partir de abril/1869..... | 128 |
| Dos relatos de regressão de memória e dos de EQMs... | 192 |
| O que se vê na série “André Luiz” | 204 |
| Conclusão..... | 215 |
| Referências bibliográficas..... | 223 |
| Dados biográficos do autor..... | 231 |

Prefácio

Na obra inaugural da Doutrina Kardecista, falando-nos sobre a espécie humana, nos é dito que “os homens estão sempre inclinados a tomar as palavras na sua significação literal” (*).

Essa afirmativa é verídica. Tanto é, que nos romances psicografados por Chico Xavier e ditados pelo Espírito André Luiz, na série “A Vida no Plano Espiritual”, em todos esses livros nós nos deparamos com a palavra UMBRAL, o qual é uma região habitada por seres desencarnados que se encontram em uma vibração inferior.

Contudo, muitos Espíritas e até confrades renomados, não admitem a existência desse lugar descrito pelo “Repórter do Além”, pelo fato deste local, segundo eles, não constar da Codificação elaborada por Allan Kardec.

Ainda falando da literalidade dos termos, diremos que, “de duas, uma”: ou não houve estudo suficiente destes indivíduos ou eles interpretaram de

forma equivocada o que nos diz o Ilustre Lionês. A propósito, essa questão me faz recordar de várias pessoas que são aferradas apenas às letras bíblicas, as quais não admitem a reencarnação, porque este vocábulo não consta na Bíblia, mesmo sua ideia estando claramente lá.

Entretanto, o pesquisador e escritor Paulo Neto, através de vários textos contidos nas Obras Kardecianas, como também de outros autores, nos mostra, *ipsis litteris*, que as TREVAS descritas por diversos desencarnados correspondem à mesma narrativa que o espírito André Luiz usou.

Lendo este excelente ebook, que é fruto de um grandioso trabalho de pesquisa, o leitor amigo não terá mais dúvida alguma que o UMBRAL está, sim, contido nas Obras Fundamentais do Insigne Francês que codificou metodicamente a 3ª Revelação.

Hugo Alvarenga Novaes
Santa Rita do Sapucaí, 18/01/2020.

(*) KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, questão 54.

Introdução

“É dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha reunido um número de fatos suficientes para formar uma base sólida sobre a qual ele possa raciocinar.” (CAMILLE FLAMMARION)

Se aventurarmos perguntar a um cristão excessivamente apegado aos textos bíblicos se a reencarnação existe, certamente nos responderá que não, pois “a palavra de Deus” não fala nada disso.

É por demais óbvio, a todos nós espíritas, que se formos localizar na Bíblia o termo “reencarnação”, não o veremos sendo usado uma única vez.

Entretanto, saindo da letra, para adentrar no “espírito da coisa”, claramente constataremos que a sua crença se encontra nela, especialmente no Novo Testamento, para quem quiser ver, ou melhor, para “quem tem olhos de ver”, parafraseando Jesus.

Não é nosso propósito apresentar tudo aqui, pois esse tema já desenvolvemos no ebook **SEB - Reencarnação**, da série Espiritismo na Bíblia ⁽¹⁾, apenas mencionaremos o fato de que o próprio Jesus identificou João Batista como sendo a reencarnação do profeta Elias, cumprindo o que fora previsto por Malaquias (3,1.23-24).



Algo bem semelhante a isso vemos acontecer no movimento espírita quanto ao Umbral, cuja existência é negada por muitos, já que “Allan Kardec não disse nada sobre ele”. Nessa pesquisa, nossa intenção é exatamente isso, ou seja, ver se poderemos aceitá-lo como uma realidade.

Acreditamos que o teor desta frase de Cesare Baudi De Vesme (1862-1938), pesquisador italiano, em **Visões Espíritas na Terra e no Ar**, tem muito a ver com a situação que, na atualidade, vivemos no movimento espírita:

A tendência da natureza humana é tal que **a negação de um só basta geralmente para contrabalançar a afirmativa de cem**, de mil outras testemunhas oculares. ⁽²⁾ (Nas transcrições

e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

A negativa da existência do Umbral, por alguns dos destacados expositores, vem se alastrando no movimento espírita, porquanto o prestígio que possuem acaba inspirando confiança em muita gente que, em razão disso, acredita piamente na opinião deles.

Dizemos “opinião” pois muitos nem mesmo se deram ao trabalho de se aprofundarem no tema. Conseqüentemente, sem empreenderem uma séria e ampla pesquisa nas obras da Codificação e nas complementares e subsidiárias, ficaram apenas na superfície.

Da “Introdução” do ***Evangelho Segundo o Espiritismo*** destacamos a seguinte explicação de Allan Kardec (1804-1869):

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da **chave** que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. **Essa chave está completa no**

Espiritismo, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde. [...]. (3)

Um pouco mais à frente, bem no final do item 5, do cap. I – Não vim destruir a Lei, o Codificador arremata categórico: “[...] **O Espiritismo é a chave** com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.” (4)

Consultando no Evangelho Segundo Mateus, encontraremos Jesus se referindo a um lugar onde “haverá choro e ranger de dentes”, designando-o de “trevas exteriores” ou apenas “trevas”. Vejamos na **Bíblia de Jerusalém** as seguintes passagens em que constam essas expressões:

Mateus 8,11-12: *“Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente, e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino (5) serão postos para fora, **nas trevas**, onde haverá choro e ranger de dentes.”*

Mateus 22,11-13: *“Quando o rei entrou para examinar os convivas, viu ali um homem sem a veste nupcial e disse-lhe: ‘Amigo, como*

*entraste aqui sem a veste nupcial?’ Ele, porém, ficou calado. Então disse o rei aos que serviam: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, **nas trevas exteriores**. Ali haverá choro e ranger de dentes.’”*

Mateus 25,26-30: *“A isso respondeu-lhe o senhor: ‘Servo mau e preguiçoso, sabias que eu colho onde não semeiei e que ajunto onde não espalhei? Pois então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe o talento que tem e dai-o àquele que tem dez, porque a todos aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o fora **nas trevas**. Ali haverá choro e ranger de dentes!’”* (6)

Nessas três passagens o que há de comum é que o “lançar fora nas trevas” tem relação direta com os procedimentos menos felizes das pessoas.

Apresentaremos mais à frente, em capítulo específico, o resultado de nossa pesquisa nas obras da Codificação onde procuramos ver se há algo nelas que possa nos esclarecer a respeito dessa tal de “trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de

dentess”.

Podemos adiantar que São Luís, protetor da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fundada em 1º de abril de 1858, ao se referir às trevas, confirma se tratar de local “em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras” (7).

Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral

“Como quereis chegar à verdade interpretando tudo segundo as vossas ideias estreitas, que considerais grandes ideias?” (ESPÍRITOS SUPERIORES, LM)

A presente pesquisa sobre o tema Umbral surgiu naturalmente do teor do nosso livro *As Colônias Espirituais e a Codificação* ⁽⁸⁾, onde pontuamos que é comum aos que não aceitam as colônias contraporem dizendo:



“Na Codificação nada consta a respeito de colônias espirituais, ao contrário, nela está dito que os Espíritos errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado.”

Entendemos que as colônias espirituais existem justamente por conta do Umbral. A nossa

percepção é que, na verdade, elas são postos de assistência e auxílio aos desencarnados ainda muito apegados às coisas da Terra e aos vícios que lhes caracterizavam quando vivos.

Percebemos nitidamente que alguns confrades equivocadamente tomam o Umbral como se fosse um lugar para “punição” pós-morte, à semelhança do “inferno” das doutrinas cristãs tradicionais. Para nós, fica evidente que isso não passa de mero atavismo, pois, não se dão conta de que veem com os olhos do passado.

Por outro lado, o Umbral não representa uma criação mental de um recém-desencarnado, pois, caso fosse, os materialistas não o descreveriam e os crentes das denominações cristãs sempre diriam que estariam no “inferno”, não apareceriam, por exemplo, descrições de hospitais, etc.

Propomos levantar nas obras da Codificação Espírita, se, de fato, nelas existe alguma base para se dizer que sofreremos o que fizemos os outros sofrerem.

Narra o autor do Evangelho Segundo Mateus,

seja ele quem for ⁽⁹⁾, que Jesus teria dito a um dos discípulos que tomara da espada para o defender dos soldados romanos – em João (26,10) ele foi identificado como sendo Simão Pedro –, o seguinte: *“Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão.”* (Mateus 26,52)

Estamos enganados ou aqui Jesus diz exatamente isso, ou seja, que sofreremos o mesmo mal que fizemos aos outros?

Em **O Livro dos Espíritos**, na questão 289, temos a dúvida do Codificador a respeito de nossos parentes e amigos desencarnados se ele nos receberão quando do nosso regresso ao plano espiritual. Resumindo as respostas, teremos:

“[...] É uma graça concedida aos Espíritos bons quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece em isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.” ⁽¹⁰⁾

Ao final da resposta à questão 290, os Espíritos

superiores deixam bem claro que “a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, **uma punição.**”
(¹¹) Observamos que em resposta à questão 399, também disseram que “cada um **é punido naquilo em que pecou.**” (¹²)

De **O Livro dos Espíritos**, Livro Quatro - Esperanças e consolações, cap. II - Penas e gozos futuros, transcrevemos estas duas questões:

964. *Há necessidade de que Deus se ocupe de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são insignificantes para Ele?*

“Deus tem suas leis, que regulam as vossas ações. **Se as violais, a culpa é vossa.** Sem dúvida, quando um homem comete um excesso qualquer, **Deus não profere contra ele uma sentença**, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou punir-te. Ele traçou um limite: as doenças e, muitas vezes, a morte são a consequência dos excessos. Eis **a punição; ela resulta da infração da lei, como aliás, sucede em tudo.**”

Trecho do comentário de Allan Kardec:

Todas as nossas ações estão submetidas às Leis de Deus. Não há nenhum ato, *por mais insignificante que nos pareça*, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos

queixar de nós mesmos, que desse modo nos tornamos os artífices de nossa felicidade ou da nossa infelicidade futuras. ⁽¹³⁾ (itálico do original)

998. *A expiação se realiza no estado corpóreo ou no estado espiritual?*

“A expiação se cumpre durante a existência corpórea, por meio de provas a que o Espírito se acha submetido e, **na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.**” ⁽¹⁴⁾ (itálico do original)

E no item V da Conclusão, lemos:

O Espiritismo é forte porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; é forte, sobretudo, porque **mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrestre** e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. [...]. ⁽¹⁵⁾

De **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, destacamos:

a) Cap. V – Bem-aventurados os aflitos, tópico “Causas anteriores das aflições”:

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores são sempre, como os decorrentes das faltas atuais, a consequência dos erros cometidos, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **o homem sofre o que fez sofrer aos outros**. Se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc. ⁽¹⁶⁾

b) Cap. XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire, no tópico “Coragem da fé”:

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Já que a doutrina que professam não é outra senão o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. **Semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual**. Lá eles colherão os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza. ⁽¹⁷⁾

c) Cap. XXVII – Pedi e obtereis, tópico “Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores”:

21. **“O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de**

Deus que não acarrete a sua punição.

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

A duração do castigo é indeterminada, seja qual for a falta; *está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem*. **A pena dura tanto quanto a obstinação no mal**; seria perpétua, se a obstinação fosse perpétua; dura pouco, se o arrependimento é imediato. ⁽¹⁸⁾ (itálico do original)

Em ***O Céu e o Inferno***, 1ª parte, cap. V – O purgatório, Allan Kardec, a certa altura, diz:

[...] Na maior parte das vezes ele [o homem] é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não reparadas. **Sofre em uma vida de provas o que fez sofrer a outrem em anterior existência**. As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. [...]. ⁽¹⁹⁾

Em ***O Céu e o Inferno***, 1ª Parte, Cap. VI – Doutrina das penas eternas, tópico “Argumento a

favor das penas eternas”, no item 16, Allan Kardec discorrendo sobre o dogma da eternidade das penas, entre várias coisas, disse:

[...] **A punição que ela sofre é uma advertência do mal que praticou, devendo ter por fim reconduzi-la ao bom caminho.** Se a pena fosse irremissível, o desejo de melhorar seria supérfluo; nem mesmo o fim da Criação seria alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode regenerar-se, e podendo regenerar-se pode aspirar à felicidade. Ora, Deus seria justo se lhe recusasse os meios para isso? ⁽²⁰⁾

No tópico “Código penal da vida futura”, da 1ª parte, do cap. VII - As penas futuras segundo o Espiritismo do livro **O Céu e o Inferno**, são listados vários pontos, dos quais destacamos os três seguintes:

7º) **O Espírito sofre pelo mal que fez**, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.

8º) Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o

mal são rigorosamente considerados, **não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais**, como não há uma única ação meritória, um só bom impulso da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, visto que tais ações constituem um começo de progresso.*

9º) **Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes**, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez.

10º) **O Espírito sofre**, quer no **mundo corpóreo**, quer no **espiritual**, **a consequência das suas imperfeições**. [...]. ⁽²¹⁾ (itálico do original)

Nessas transcrições, o Codificador é bem claro e objetivo ao dizer que o homem sofre em uma vida o que fez sofrer a outros, ou seja, passará pelo mesmo sofrimento infligido ao próximo.

Por outro lado, também é dito que não há mal que não se tenha que “pagar”.

O pagamento não deve ser visto como um “castigo” ou “punição”, mas, sim, como uma oportunidade que Deus dá ao Espírito infrator de

sofrer na própria pele o que fez outro sofrer, uma vez que essa é a única forma dele avaliar o mal praticado, passando a não mais cometê-lo.

Da Segunda Parte – Exemplos, de **O Céu e o Inferno**, destacamos os seguintes casos:

1º) Cap. IV – Espíritos sofredores: Ferdinand Bertin que, em 2 de dezembro de 1863, morreria numa “grande catástrofe marítima”. Em sua comunicação, ele explica o motivo pelo qual o levou a desencarnar dessa forma:

[...] eu era muito culpado, o que mais me tortura é ter sido considerado mártir, quando na verdade não o fui... **Na precedente existência eu mandara ensacar várias vítimas ainda vivas e depois as atirei no mar.** Orai por mim! ⁽²²⁾

A manifestação desse Espírito ocorreu seis dias após afogar-se na tragédia.

2º) Cap. V – Suicidas: O pai e o conscrito, ressaltamos este trecho do diálogo:

10. [A São Luís] – *Podereis dar-nos a vossa apreciação pessoal sobre esse suicídio?* – R. Esse

Espírito sofre justamente, pois lhe **faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível**. A punição seria terrível e mais duradoura, se não tivesse a atenuá-la o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras. ⁽²³⁾ (itálico do original)

3º) Cap. V - Suicidas: Antoine Bell, que se suicidou em fevereiro de 1865. Na vida anterior envenenara seu rival na véspera do casamento. Esse crime lhe desencadeou uma obsessão pelo pai da vítima, que acabou por levá-lo ao suicídio. Do comentário de Allan Kardec, destacamos o seguinte trecho:

[...] Antoine Bell **personifica o homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em existência anterior**, qual um remorso e um aviso. Por aí já se vê que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e a bondade divinas se ostentam na faculdade conferida ao homem de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que **o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir**. ⁽²⁴⁾

Como visto, não foi a primeira vez que Allan Kardec se manifestou dessa forma. Temos, portanto, provado que as comunicações registradas em *O Céu e Inferno* foram a base para inserção em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* do princípio “o homem sofre o que fez sofrer aos outros”.

4º) Cap. VIII - Expições terrestres: Espírito Antoine B..., em 1850, foi enterrado vivo, após ter uma morte aparente. Fato descoberto quando abriram seu túmulo objetivando exumar seu corpo e notaram que havia mudado de posição. Foi evocado em agosto de 1861, e disse ser consequência de uma “cruel punição de feroz existência”, detalhando:

[...] Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu e os Espíritos do Senhor conhecíamos? Mas visto que assim é preciso, dir-vos-ei que, **numa existência anterior, eu enterrara viva uma mulher, a minha própria esposa**, e por sinal num jazigo subterrâneo. **A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.** ⁽²⁵⁾

É mais um caso em que se corrobora a aplicação da “pena de talião”, lei instituída por Deus aos infratores e incorporada ao Espiritismo como “Lei

de causa e efeito”.

De **A Gênese**, transcrevemos:

a) Cap. XI – Gênese espiritual, item 30:

Os que se assemelhavam naturalmente **se agruparam por analogia e simpatia**. [...]. ⁽²⁶⁾

b) Cap. XIV – Os fluidos, item 11:

O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que nele têm de viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais, no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. [...]. ⁽²⁷⁾

c) Cap. XVI – Teoria da presciência, item 3:

[...] Nos **Espíritos inferiores**, a visão é circunscrita, não só porque eles **difícilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos**, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as ocultam aos olhos do corpo. ⁽²⁸⁾

Dois pontos importantes, que, certamente,

valem em qualquer um dos planos da vida – físico e espiritual: reunir-se por afinidade e estar sempre no meio de um ambiente que lhe é próprio.

Vejamos este trecho do artigo “O Umbral”, de autoria de Felipe Gama, publicado no portal ***Espiritismo da Alma***:

Para o Umbral normalmente espíritos cuja vibração é muito baixa são atraídos por sintonia; espíritos que cometeram erros terríveis em vida ou que se prendem em paixões, vícios, sexo, drogas, perversões, maldades e toda sorte de qualidades inferiores, como orgulho, egoísmo, vaidade, medo, tristeza profunda, etc. Quase sempre esta “ida” ao umbral após o desencarne é compulsória e involuntária. O espírito se atrai a este ambiente psico-espiritual através das suas atitudes em vida e seus mais íntimos pensamentos. ⁽²⁹⁾

Para nós, o autor define de forma bem clara o que seja o Umbral e quem são os que irão temporariamente parar nesse ambiente espiritual.

Um ponto importante que é necessário analisar é quanto a afirmação de que as várias comunicações inseridas na **2ª parte** da obra *O Céu e o Inferno*,

representam apenas as opiniões pessoais dos Espíritos manifestantes, portanto, não teriam elas valor doutrinário. Usando de uma fala de Allan Kardec sobre a posição dos médicos a respeito do magnetismo, pode-se argumentar “que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual, que não faz força de lei” (30).

Acreditamos que é preciso ir um pouco mais além para, com isso, ver o pensamento do Codificador numa amplitude maior. Vejamos, por exemplo, o que ele disse no “Discurso do encerramento do ano social 1858-1859”, publicado na **Revista Espírita 1859**, no mês de julho:

[...] Um Espírito poderia dizer, pois, que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seria mais verdadeira porque vinda de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, saibam, pois, que **tomamos toda opinião manifestada por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de tê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação** que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos vós conheceis. (31)

O detalhe que julgamos de suma importância é o de que há, sim, a possibilidade de uma opinião individual possuir algum valor. Isso acontecerá quando ela, após passar pelo controle da lógica, venha também refletir a opinião de vários outros Espíritos, uma vez que assim teremos aquilo que Allan Kardec designou de **Universalidade do Ensino dos Espíritos**, sobre a qual, um pouco mais à frente, faremos um breve comentário.

Infelizmente, a obra *O Céu e o Inferno* publicada pela FEB ⁽³²⁾, tradução de Manoel Justino Quintão (1874-1954), não tem o Prefácio. Pode ser que outras traduções estejam nessa mesma situação. Ora, isso impossibilita aos leitores de terem conhecimento da explicação de Allan Kardec a respeito da obra, especialmente quanto as das duas partes que a compõem.

A FEB corrigiu essa falha, é preciso registrar, com publicação de ***O Céu e o Inferno***, traduzida por Evandro Noleto, da qual transcrevemos os seguintes parágrafos do Prefácio:

A **primeira parte** desta obra, chamada Doutrina,

contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias leis da natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as conseqüências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A **segunda parte** encerra **numerosos exemplos que sustentam a teoria**, ou melhor, que serviram para o seu estabelecimento. **A autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares** onde foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma fonte única, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; baseia-se, **além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias**, seja onde for que as pessoas se ocupem das manifestações espíritas, encaradas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, visto que não há Centro Espírita que não possa fornecer um notável contingente deles.

Para evitarmos repetições cansativas, tivemos de fazer uma escolha criteriosa entre os exemplos mais instrutivos. **Cada um deles é um estudo, em que todas as palavras têm o devido alcance para quantos desejem meditá-los com atenção, visto que de cada ponto jorra uma nova luz sobre a situação da alma após a morte**

e sobre a passagem, até agora tão obscura e temida, da vida corpórea à vida espiritual. **É o guia do viajante, antes de adentrar em país novo.** Aí a vida de além-túmulo se desdobra em todos os seus aspectos, como novos motivos de esperança e de consolação e novas bases para o fortalecimento da fé no futuro e na Justiça de Deus.

(³³)

Entendemos que, ao se referir às comunicações como “numerosos exemplos que sustentam a teoria”, cuja “autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares” e, finalmente, “na sua concordância com o que se obtém todos os dias”, Allan Kardec está colocando-as num patamar bem mais elevado do que “apenas opiniões individuais”, mas com as que se tornaram base para os princípios doutrinários delas emanados.

Julgamos que o Codificador ao nos recomendar o estudo e também a meditação sobre cada um desses exemplos se tem a comprovação do valor doutrinário que lhes dispensou.

No nosso sentir, não há dúvida de que as comunicações de Espíritos inseridas em *O Céu e o Inferno* fizeram parte da base com a qual o princípio

de que sofremos o que fizemos os outros sofrerem. Portanto, são muito mais do que “apenas opiniões individuais”, passaram pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Como já dissemos alhures, mas é necessário aqui repetirmos, Allan Kardec de forma providente também deu orientação quanto ao critério de utilização do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, que, como se sabe, é sustentado nestes três pontos: 1º) ter lógica; 2º) ter como fontes vários médiuns desconhecidos uns dos outros e 3º) que eles residam em diferentes localidades mundo afora.

Há um detalhe importante a respeito do **CUEE** que é preciso ser esclarecido ⁽³⁴⁾, vejamos os seguintes trechos de falas do Codificador na **Revista Espírita 1861**, **Revista Espírita 1864**, **Revista Espírita 1865** e **Revista Espírita 1867**, pela ordem:

RE 1861: “sobre diversos pontos [do globo]” ⁽³⁵⁾.

RE 1864: “em diversos pontos [do globo]” ao **mesmo tempo**” ⁽³⁶⁾.

RE 1865: “sobre os diversos pontos do globo”
(³⁷).

RE 1867: “sobre todos os pontos do globo” (³⁸).

O problema que surge é quanto a expressão “ao mesmo tempo”, que se toma ao pé da letra. Ora, no mesmo artigo publicado na **Revista Espírita 1864** em que ela é usada, podemos também ler um pouco antes:

Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí está também a causa de sua propagação tão rápida. Ao passo que a palavra de um único homem, mesmo com o recurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao ouvido de todos, eis que **milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra** para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes, como aos mais sábios, a fim de que ninguém seja deserdado. [...]. (³⁹)

Será que as milhares de vozes se fizeram ouvir simultaneamente, ou podemos entender como em um período curto de tempo? Se aqui é preciso levantar em conta o simbolismo, porque a expressão “ao mesmo tempo” deve ser tomada literalmente?

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, foi publicado o artigo “Manifestação do espírito dos animais”. Relatado o caso numa reunião, um Espírito se manifesta e sobre o teor de sua mensagem Allan Kardec, em nota, disse:

Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje **nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal**; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ⁽⁴⁰⁾

Do artigo “As mulheres têm alma?”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de janeiro, destacamos:

[...] Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelo raciocínio mas pelos fatos, seja pelas revelações de além-túmulo, seja pelo estudo que ele é capaz de fazer diariamente sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa

capital, esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o **produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal**, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações. ⁽⁴¹⁾

Na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, foi publicado o artigo “Os Evangelhos explicados”, obra de autoria de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), sobre a qual Allan Kardec comenta:

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar **essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que,**

em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. ⁽⁴²⁾

No artigo “Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão - Os alucinados, os inspirados, os fluídicos e os sonâmbulos (Segundo artigo)”, publicado na **Revista Espírita 1869**, mês de julho, lemos:

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, ter lido no número da *Revista* de fevereiro de 1868, a primeira parte deste estudo interessante em mais de um ponto de vista. Publicamos hoje a sua continuação, deixando ao Espírito que a inspirou toda a responsabilidade de suas opiniões, e nos reservando analisá-las um pouco mais tarde.

Entregamos esses documentos ao exame de todos os espíritas sérios, e **seremos reconhecidos àqueles que quiserem nos transmitir sua apreciação, ou as instruções das quais poderão ser objetos da parte dos Espíritos.** A *Revista Espírita* é, antes de tudo, um jornal de estudo, e, a este título, ela se apressa em recolher todos os elementos de natureza a esclarecer a marcha de nossos trabalhos, **deixando ao controle universal, apoiado sobre os conhecimentos adquiridos o cuidado de julgá-los em última instância.** ⁽⁴³⁾

O que temos em comum nessas quatro transcrições é o fato de o Controle Universal ser feito *a posteriori*. Assim, entendemos que, na verdade, as instruções não tenham que ser enviadas “ao mesmo tempo”, ou seja, “simultaneamente”.

Acreditamos que isso seja extremamente fácil de comprovar, basta observar que as mensagens registradas nas obras da Codificação não contêm a hora em que foram psicografadas, algumas nem mesmo consta o dia do evento.

Aliado a isso, não vimos Allan Kardec instruindo às comunidades espíritas para que nas mensagens recebidas, em seu meio, constassem o dia e hora da comunicação. Ora, sem esses dois dados, especialmente o da hora, não há como comprovar a simultaneidade.

A nosso ver, outro grande equívoco, e talvez o principal, dos que não aceitam a ideia do Umbral é considerar que após a publicação de suas obras Allan Kardec tenha colocado um ponto final na revelação espírita. Porém, nas falas do Codificador, especialmente, na *Revista Espírita* e em *A Gênese*,

se vê justamente o contrário:

a) **Revista Espírita 1866**, mês de julho:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁴⁴⁾

b) **Revista Espírita 1868**, mês de dezembro:

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem**, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós. ⁽⁴⁵⁾

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, **senão a título de hipóteses até a confirmação**. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ⁽⁴⁶⁾

c) **A Gênese**, publicada em janeiro de 1868:

Além disso, deve-se assinalar que, **em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de maneira completa**. Abarca uma quantidade tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que requerem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, de modo que seria impossível estarem reunidas no mesmo ponto todas as condições necessárias. [...].

Desse modo, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários. **Dessa maneira, prossegue ainda agora, já que nem tudo foi revelado**. [...]. ⁽⁴⁷⁾

[...] *Avançando com o progresso, o Espiritismo jamais será superado, pois, se novas descobertas demonstrarem estar em erro em um determinado ponto, ele se modificará sobre esse ponto. Se uma nova verdade se revela, ele a aceita.* ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

Apesar de Allan Kardec ser bem claro quanto à questão da possibilidade de desenvolvimento ou novas revelações, ainda encontramos espíritas que, por agirem à semelhança dos ortodoxos, comportam-se, como já o dissemos, exatamente como os crentes em relação à Bíblia, tomando o seu conteúdo como a única revelação divina, daí não esperarem nenhuma nova revelação, mesmo diante da clareza desta fala de Jesus: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não

podeis agora suportar. Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, [...].”
(João 16,12-13)

Antônio de Torres-Solanot y Casas (1840-1888), grande vulto e pioneiro do Espiritismo na Espanha, defensor e propagador da Doutrina Espírita (49), na obra **A *Médium das Flores***, publicada em Barcelona no ano de 1895, diz o seguinte:

[...] Não é possível conhecer Kardec somente estudando suas obras fundamentais; é preciso segui-lo passo a passo nos dez tomos da sua Revista (campo neutral, como ele dizia, onde aquilatava tudo) para apreciar em seu verdadeiro valor a obra daquele gigante, cuja grandeza será julgada com justiça pelas gerações vindouras. É verdade que ele forneceu mais alimento do que podiam digerir seus contemporâneos, mas não poderia ser diferente, em se tratando de uma ordem de fenômenos, que, sendo tão antigos quanto o homem, dar a eles uma base experimental ficou reservado à nossa época; **é verdade também que ele deixou pontos embrionários para que no tempo e no lugar oportunos adquirissem o conveniente desenvolvimento**; mas isto é, sem dúvida alguma, o que faz imperecível a obra do mestre, que nos legou bases e princípios fixos, imutáveis como as leis da natureza são, deixando, porém, **aos**

discípulos um vastíssimo campo para novas investigações, que, longe de destruir nada do que foi edificado, completarão o monumento do Espiritismo. ⁽⁵⁰⁾

Julgamos bem oportuno trazer o Vizconde de Torres-Solanot especialmente por ver que isso que falou continua a valer até os dias atuais. Mas, infelizmente, temos um bom número de confrades que colocaram um ponto final da revelação espírita.

Entendemos que a utilização da resposta à questão 87 de ***O Livro dos Espíritos***, fora do seu contexto como sendo uma explícita negação dos Espíritos superiores à existência das colônias espirituais e do Umbral é erro crasso. É preciso vermos a pergunta e a sua respectiva resposta na íntegra:

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?

“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a

execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que **há regiões interditas aos menos adiantados.**” ⁽⁵¹⁾
(itálico do original)

Interessante é que não se dá a mínima atenção para a afirmação de que “há regiões interditas aos menos adiantados”, o que fatalmente, nos remete a ideia de locais.

A explicação de “não haver região determinada e circunscrita no espaço” nada tem a ver com a existência ou não das colônias espirituais ou mesmo do Umbral, porquanto a questão que o Codificador apresenta aos Espíritos superiores se refere ao conceito, ainda entranhado na crença popular e, infelizmente, em uma parcela de espíritas, de que “o céu” e “o inferno” seriam locais circunscritos, ou seja, teriam um espaço físico delimitado para “gozo” e “penas” após a morte.

Entretanto, pela sutileza dessa questão, é preciso também ver, em **O Livro dos Espíritos**, o que os Espíritos disseram em resposta à pergunta 1012, que trata justamente da crença “no paraíso, no inferno e no purgatório”:

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos segundo seu merecimento?*

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desventura. E como eles estão por toda parte, **não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uns ou a outros.** [...]”

1012-a. *De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, mas, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram.**” ⁽⁵²⁾ (itálico do original)

Ao que comenta Allan Kardec:

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar* e *circunscrever* as coisas, cuja essência infinita é incapaz de compreender. ⁽⁵³⁾ (itálico do original)

Não temos dúvida alguma de que na questão

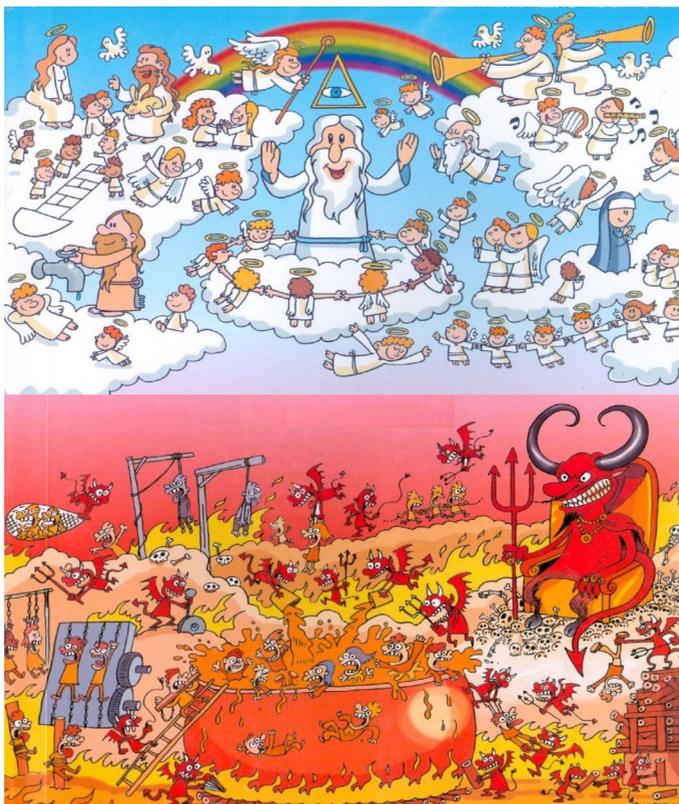
1012 os Espíritos, ao afirmarem “Já respondemos a esta pergunta”, estavam se referindo exatamente à resposta que deram à pergunta 87.

Nota-se, claramente, que o foco do Codificador, insistimos, é combater a crença de “céu” e “inferno” como locais “circunscritos ou fechados” de gozo e penas eternas. Aliás, em **O Céu e o Inferno**, Allan Kardec deixou bem claro que:

O Espiritismo não vem, pois, negar as penas futuras; vem ao contrário, confirmá-las. O que ele **destrói é o inferno localizado** com suas fornalhas e penas irremissíveis. [...]. ⁽⁵⁴⁾

Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, como o gozo à perfeição, **a alma traz em si mesma o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno** está por toda parte em que haja almas sofredoras, **como o céu se acha por toda parte onde existam almas felizes.** ⁽⁵⁵⁾

Nitidamente se percebe que o “ataque” do Codificador é a ideia de céu e inferno como locais circunscrito, nada mais além disso. Eis imagens humorísticas representando cada um deles ⁽⁵⁶⁾:



Vamos retomar a estes dois pontos que citamos no ebook **Colônias espirituais e dogmatismos de espíritas** ⁽⁵⁷⁾, porquanto, nos proporcionarão um entendimento mais ampliado da realidade do mundo espiritual.



1º) os Espíritos errantes não ficam vagando pelo espaço, qual aves sem terem onde pousar, como nos parece supor alguns:

a) Do artigo “Onde está o céu?” (58), publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de março, transcrevemos:

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, **os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam.** Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; **ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores.** A Terra é ainda um destes últimos. **Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados,** que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. [...]. (59)

b) Na **Revista Espírita 1867**, mês janeiro, foi publicado o artigo “Pensamentos espíritas que correm o mundo”, do qual destacamos o seguinte parágrafo em que Allan Kardec diz:

Para que a alma possa cumprir uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que ela não se perca nas profundezas

do infinito; deve permanecer na esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual nós vivemos, no qual se derrama a humanidade corpórea, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas Espíritos, e eis-nos em pleno Espiritismo. ⁽⁶⁰⁾

Entendemos, que os Espíritos errantes, que não possuem evolução moral para poder reencarnar em outro planeta, ficam imantados ao redor da Terra, ou seja, “na esfera de atividade terrestre” e, possivelmente, em faixa vibratória que lhe é compatível, às vezes designada de “esfera espiritual”, tema que será abordado no próximo capítulo.

2º) que “semelhante atrai semelhante” ⁽⁶¹⁾:

De ***O Livro dos Espíritos***, vamos destacar o seguinte trecho da resposta à questão 278, que será mais à frente transcrita na totalidade:

“[...] Eles [os Espíritos errantes] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. ***É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade*** e formam grupos ou

famílias de Espíritos, **unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam**: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e **pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.**”

Eis um exemplo, que tomamos do diálogo com o Espírito que assombrava a Torre Saint-Michal de Bordeaux, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de novembro, destacamos a seguinte pergunta:

14. Quando pudesdes deixar vosso corpo, onde vos encontrastes? – R. **Vi-me cercado de uma multidão de Espíritos como eu cheios de dor**, não ousando elevar para Deus seu coração preso à Terra, e desesperançado de receber seu perdão.
(⁶²)

As colônias espirituais não seriam uma criação de Espíritos bons que visam ajudar os retardatários, utilizando-se, objetivamente, da matéria própria do mundo espiritual, ainda que seja invisível e impalpável para nós? Esses retardatários, agrupados por nível vibracional (em esferas), dentro da lei “semelhante atrai semelhante”, são o alvo dos

Espíritos bons.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, Allan Kardec faz interessante consideração a respeito da “matéria própria do mundo espiritual”, senão vejamos:

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. [...]. ⁽⁶³⁾

A tendência de tudo materializar, faz com que algumas pessoas têm a matéria do mundo espiritual de idêntica consistência à do mundo físico, eis o grande problema.

O Umbral e sua relação com as esferas espirituais

É na obra **Nosso Lar**, ditada pelo Espírito André Luiz ao médium Chico Xavier (1910-2002), que encontramos a definição clássica do Umbral. Eis o que o instrutor Lísias diz ao curioso aprendiz:

– **O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura** de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...] todas as **multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas**, que se seguem aos fluidos carnaís. [...].

[...].

– O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. **Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior.** E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. **Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes**, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa,

nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. **Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias.** Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. **Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie.** Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. [...].⁽⁶⁴⁾

Pelo que entendemos de nossas pesquisas, em volta da Terra há uma espécie de campo de força, se assim podemos dizer, no qual ficam retidos todos os Espíritos - bons e maus - que não têm evolução espiritual suficiente para a deixar e irem habitar um planeta mais evoluído do que o nosso de modo a continuarem a sua caminhada evolutiva.

Na obra **Umbral: Projeções Mentais, Testemunhos e Resgate Espiritual** (2019), os autores Abel Glaser e Adriana Glaser, colocam-na como sendo do **Espírito Cairbar Schutel**, temos a seguinte explicação:

[...] é preciso conhecer mais do ambiente

retratado como *Umbral*, visto ser o lugar para onde seguirão vários degredados, até que encontrem outro mundo inferior a habitar; é também o **local para onde se dirigem muitos desencarnados, atualmente, enquanto aguardam a melhoria de seu estado perispiritico e mental, de modo a poder seguir a alguma colônia espiritual.**

O Umbral não é o inferno, um ambiente subterrâneo, habitado pelos desencarnados, em completa bagunça, além de permeado de sofrimentos infligidos por criaturas diabólicas, onde se passará o restante da eternidade. **Está longe disso.** Trata-se de um lugar mais sombrio que as colônias espirituais, mas não se cuida de um local de tortura proposital de Espíritos conduzida por outros Espíritos designados para isso, como a alegórica imagem do inferno retratado por outros entendimentos filosóficos ou religiosos. Visam a atemorizar encarnados, buscando levá-los à trilha do bem pelo seu receio quanto ao futuro, que poderia, em tese, ser pior que o presente, pois no inferno, destaca-se essa linha de ilustração. Não para o Espiritismo, que aponta o Umbral como uma zona vibratória específica, que congrega muitos desencarna dos sofredores, mas sem criaturas diabólicas para praticar torturas sem medidas. Trata-se de um cenário lúgubre, pois inspira tristeza e dor, sentimentos emanados dos próprios **Espíritos que ali habitam transitoriamente.**

O Umbral é um lugar de passagem, razão pela qual não possui moradas, nem pontos encantadores da Natureza, como lagos, arvoredo com vegetação, flores, frutos, animais e tantos

outros detalhes maravilhosos que o Toque Divino concebeu ao Planeta Terra. **Os Espíritos, ao desencarnar, num primeiro momento experimentam uma fase de escuridão e silêncio total.** Os mais preparados começam a detectar luzes do Alto, assim que os laços com o corpo material são cortados de vez. **Ocorre, então, o resgate pelos Emissários do Bem,** seguindo para vários possíveis pontos, a depender do grau de evolução espiritual alcançado. Podem seguir para câmaras de retificação em Postos de Socorro; nesta hipótese, geralmente continuam mergulhados em sono profundo, sem memória viva, sem sonhos (pois não há desprendimento), em total silêncio, para se recuperarem, regenerando o perispírito carregado de focos materialistas, enegrecidos e pesados, incompatíveis com a vida em colônias como Alvorada Nova. **Outros, mais evoluídos,** possuindo um perispírito significativamente purificado, depois de sua passagem pela crosta terrestre **seguem as luzes do Alto, estando despertos e conscientes, atingindo cidades espirituais.** Na colônia, conseguem imediatamente contato com os demais habitantes e adquirem um posto para seu trabalho e para a continuidade da sua evolução espiritual. ⁽⁶⁵⁾ (itálico do original)

Quando se menciona ser infinito o Amor Divino é a pura verdade, mas o que se encontra equivocada é a forma de aplicação desse Amor, que, por ser Divino, é soberanamente Justo. Diante disso, algumas verdades precisam ser apreciadas:

- 1) **nenhum Espírito, ao desencarnar, será**

condenado a passar o resto da eternidade no Umbral (ou inferno, para alguns); todos têm a oportunidade de progredir; devem passar um período de expiação para alcançar o esclarecimento necessário a viver em comunidade nas cidades espirituais; [...]. ⁽⁶⁶⁾ (itálico do original)

Além do fato de que a permanência no Umbral é temporária, nem todos os desencarnados “passam” por lá, uma vez que nessa faixa vibracional só são “atraídos” os Espíritos ainda não desmaterializados.

Pontos importantes constantes das obras da Codificação que têm a ver com o tema:

1) ***O Livro dos Espíritos:***

a) Introdução, item XII:

A experiência nos ensina que **os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos** e em famílias. [...]. ⁽⁶⁷⁾

b) Questão 268:

[...] Ora, mesmo sem ser perfeito, **o Espírito**

que se elevou a um certo grau não tem mais provas a sofrer. Porém, sempre **tem deveres** que o ajudam a se aperfeiçoar e que nada têm de penosos, **ainda que consistam em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.** ⁽⁶⁸⁾

c) Questão 278:

[...] Os [Espíritos] da mesma categoria **se reúnem por uma espécie de afinidade** e formam grupos ou famílias de Espíritos, **unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons**, pelo desejo de fazerem o bem; **os maus**, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles. ⁽⁶⁹⁾

d) Questão 976:

“[...] [os Espíritos bons] **Auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as mãos:** essa é a ocupação deles e que se torna um prazer quando bem-sucedidos.” ⁽⁷⁰⁾

2) **Revista Espírita 1860**, mês de novembro, artigo Relações afetuosas dos Espíritos:

[...] Sabemos que **os Espíritos se reúnem e**

concordam entre eles **para agirem de comum acordo** com mais força em certas ocasiões, **tanto para o mal, quanto para o bem**; [...]. ⁽⁷¹⁾

3) **O Céu e o Inferno**, cap. III – O Céu, item 15:

Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, qualquer que seja o grau atingido, e cada uma na medida das suas forças, seja no estado de encarnação, **seja no estado de espírito**. Existe atividade em toda parte, desde a base até o ápice da escala, onde **todos se instruem, auxiliam-se mutuamente e se dão as mãos para alcançarem o ponto culminante**. ⁽⁷²⁾

4) **A Gênese**:

a) Cap. I – Caráter da Revelação Espírita, item 5:

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. **Mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores**. Todos os povos tiveram homens de gênio, que surgiram em diversas épocas para impulsioná-los e tirá-los da

inércia. (73)

Esse auxílio não se restringe somente no caso citado, mas abrange também os desencarnados, que ajudam a todos quer os que se encontram no plano espiritual, quer os que estão na prisão no corpo físico.

b) Cap. XIV - Os fluidos, tópico Qualidade dos fluidos, item 18:

O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o **dos desencarnados**, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias; **conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.**

Uma vez que os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, **seu envoltório perispírico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, deve, com mais forte razão, guardar as marcas de suas qualidades boas ou más.** Os fluidos viciados pelos eflúvios dos Espíritos maus podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio. (74)

c) Cap. XVIII – Os tempos são chegados, tópico
A geração nova, item 29:

[...] Uma vez [os Espíritos] subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corpóreo, a maioria deles verá as coisas de maneira inteiramente diversa da que viam quando em vida, conforme os numerosos exemplos que conhecemos. **Para isso, são auxiliados por Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho em que seguiam.** Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos. ⁽⁷⁵⁾

5) **Obras Póstumas:**

Cap. Questões e problemas, parágrafo final da mensagem assinada por Clélia Duplantier:

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, **reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente.** [...]. ⁽⁷⁶⁾

Tudo isso que transcrevemos das obras da Codificação pode ser observado no livro que retrata a opinião do Espírito Cairbar Schutel.

Ressaltamos os três seguintes pensamentos de Cairbar Schutel constantes em ***Umbral: Projeções Mentais, Testemunhos e Resgate Espiritual***:

[...] a função do Umbral, em suas diferentes zonas vibratórias: **receptionar o Espírito desencarnado, para que expie as maldades realizadas, conforme o seu grau e intensidade.** ⁽⁷⁷⁾

O Umbral, como área de acomodação àqueles Espíritos inferiores, que **precisam de tempo para reflexão independente e individual, não é o descritivo e emotivo inferno**, como já mencionamos linhas atrás. [...]. ⁽⁷⁸⁾ (itálico do original)

[...] **É área de sofrimento, mas não de tortura.** Esse sofrimento advém dos que lá habitam e não por Desígnio Divino. **O Plano Superior jamais é vingativo e não produz vibração negativa de qualquer natureza ou forma para castigar Espíritos.** ⁽⁷⁹⁾

Acreditamos que são informações bem esclarecedoras que nos permitem posicionar do que

é na realidade o Umbral, não nos permitindo vê-lo como sendo um lugar de castigo eterno, comum aos adeptos das religiões cristãs tradicionais.

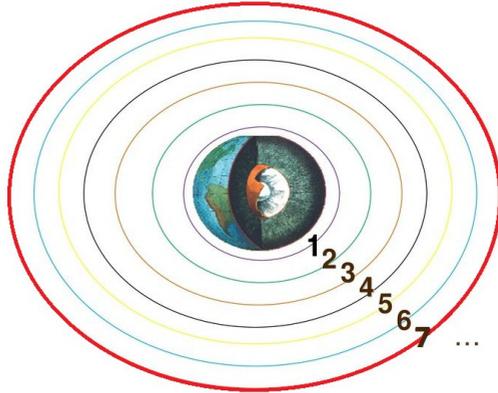
Nessa obra, temos 48 Espíritos narrando as experiências no Umbral. Temos ainda o relato de um médium sobre sua vivência nessa região através de desdobramento espiritual.

No artigo “O Umbral”, publicado na revista ***Espiritismo & Ciência nº 16***, a autora Maísa Intelisano, assim resumiu:

No Umbral, tudo o que está fora de nós é consequência do que está dentro. Tudo o que existe em nosso mundo pessoal e nos acontece é reflexo do que trazemos na consciência. Assim, o **Umbral nada mais é que uma faixa de frequência vibratória** a que se ligam os espíritos desequilibrados, cujos interesses, desejos, pensamentos e sentimentos se afinizam. **É uma “região” energética** onde os afins se encontram e vivem, onde podem dar vazão aos seus instintos, onde convivem com o que lhes é característico, para que um dia, cansados de tanto insistirem contra o fluxo de amor e luz do universo, entreguem-se aos espíritos em missão de resgate, que estão sempre por lá em trabalhos de assistência. ⁽⁸⁰⁾

Encontramos esta imagem que dá uma boa ideia da nossa maneira de ver ⁽⁸¹⁾:

O campo magnético do nosso planeta é dividido em sete faixas vibratórias concêntricas, tendo a Terra como centro geométrico.



Essas faixas são denominadas esferas ou dimensões espirituais.

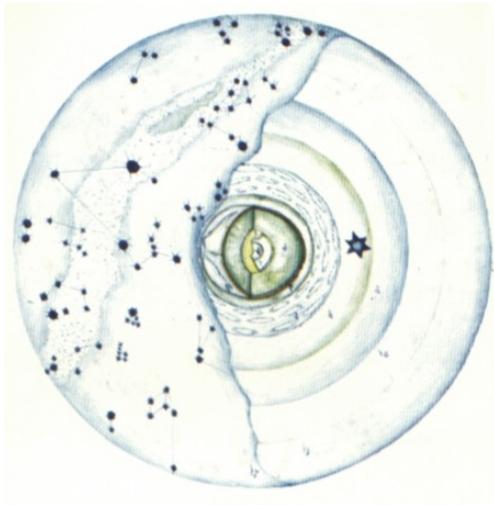
Na imagem, a linha vermelha representaria o campo magnético da Terra, que seria a nossa concepção do campo de força. Nele existiriam várias faixas (camadas ou esferas) vibratórias, desde a mais materializada que é a bem próxima aos que vivem na crosta terrestre, onde impera a escuridão, trevas, abismo, seja lá qual for o nome que se queira designá-lo, até as mais espiritualizadas, com luminosidade indescritível, conforme o permite a escala deste mundo, que ora habitamos, já que cada

orbe tem o seu campo de força correlato.

Pela lei de sintonia, ao desencarnar o Espírito será atraído para a faixa vibratória ou esfera espiritual correspondente a vibração que emite em razão de sua evolução moral.

Em nossa maneira de ver, a última faixa mais contígua à crosta terrestre, é que estaria “localizado” o Umbral.

A seguinte imagem representativa da “Esferas Espirituais”, tomamos da obra **Cidade no Além** ⁽⁸²⁾, autoria Heigorina Cunha (1923-2013), que tem como base a obra *Nosso Lar*:



Entretanto, discordamos um pouco da autora, pois, para nós, o Umbral estaria na Esfera contígua à crosta terrestre, porquanto os “habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, [estariam] separados deles apenas por leis vibratórias” (83).

Recomendamos o vídeo postado no *YouTube* intitulado “O que é Umbral”, por Dr. Sérgio Felipe de Oliveira. (84)

Vejamos se encontraremos na Codificação algo em apoio a ideia de esferas espirituais ou faixas vibratórias.

1) ***O Livro dos Médiuns***, 15 de janeiro 1861:

No cap. XXV – Evocações, item 282, na questão 3, referindo-se a espíritos que são impedidos de atender a evocação, lê-se:

[...] Há **Espíritos** que nunca podem comunicar-se: são os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra, **bem como os que se encontram nas esferas de punição**, a menos que especial permissão, com um fim de utilidade geral. [...]. (85)

Se “o semelhante atrai semelhante”, como afirmaram os Espíritos superiores ⁽⁸⁶⁾, então não é de todo impróprio conceber que no mundo espiritual existirá separação do joio e do trigo.

No presente caso, o uso do termo “esferas” deve significar os “mundos”, especialmente se levarmos em conta a informação de que “São Luís completa a comunicação com informes sobre **os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados.**” ⁽⁸⁷⁾ Essa mencionada comunicação do protetor da Sociedade Espírita de Paris a respeito do tema, infelizmente, não logramos êxito em encontrá-la em nenhum dos fascículos da *Revista Espírita*.

Entretanto, se existem “mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados”, esses não deixam de ser locais circunscritos, o que nos leva a concluir que, quando os Espíritos negaram a existência de “locais circunscritos”, eles estavam se referindo a ideia de céu e de inferno da tradição cristã, o que se pode corroborar com o contexto e o teor da questão 1012, que dizem de lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos.

2) **Revista Espírita 1862**, mês de março:

Do artigo “A Reencarnação” (Enviado de La Haye – Médiun, Sr. barão de Kock), transcrevemos o seguinte trecho:

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes, os bons gozando-lhes a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, atormentados pela dor de estarem desamparados por Deus; mas o Espírito conservando a lembrança do passado, lembra-se das infrações aos mandamentos de Deus, [...]. ⁽⁸⁸⁾

Como o “planam nas esferas celestes” está sendo colocado como algo comum a todos os Espíritos, acreditamos que não se referem a planetas, mas como locais no mundo espiritual, em que eles se agrupam por similitude de vibrações.

Na mensagem de Lacordaire, intitulada “Instrução Moral” (Paris, grupo Faucherand. – Médiun, sr. Planche), lemos:

Do alto das esferas celestes que eu percorro, meu olhar mergulha com felicidade nas vossas reuniões, e é com um vivo interesse que sigo as

vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo em que a minha alma se alegra de um lado, de outro sente uma pena muito amarga, quando penetra os vossos corações e ali vê ainda tanto apego às coisas terrestres. [...]. ⁽⁸⁹⁾

O Espírito Lacordaire faz referência a “esferas celestes”, que poderiam designar algo relacionado ao mundo espiritual.

3) **Revista Espírita 1863**, mês de julho:

Mensagem “Bem-aventurados os que têm olhos fechados” (Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 - Médiun, sr. Vézy), ditada pelo Espírito Vianney, cura d’Ars, da qual destacamos este trecho:

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! mais feliz do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas às **esferas espirituais** que os próprios predestinados da Terra não veem. ⁽⁹⁰⁾

Aqui, o Espírito Vianney parece-nos ter sido mais específico ao se utilizar da expressão “esferas espirituais”.

4) **O Céu e o Inferno**, 01 de agosto de 1865:

Na 2ª parte, cap. IV - Espíritos sofredores, temos registrada a manifestação do Espírito Claire, em 1861. Allan Kardec, comentando a situação desse Espírito, esclarece-nos:

Esses Espíritos, quando desencarnados, não podem de uma hora para outra adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, **ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual**, tal como acontece na Terra: **assim permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso**; porém, com o tempo, a experiência e as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo de melhor do que então possuíam; [...]. ⁽⁹¹⁾

Ao mencionar as camadas inferiores do mundo espiritual, entendemos que o Codificador sanciona a existência das mencionadas gradações ou, em outras palavras, esferas ou faixas espirituais, nas quais vivem os Espíritos que se assemelham em suas características ou vibrações. Deixando bem claro que lá “permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso”.

E em obras posteriores às que foram publicadas pelo Codificador, teríamos algo? Nossa pesquisa aponta para uma resposta positiva.

Trinta Anos Entre os Mortos (1924), obra de autoria do **Dr. Carl August Wickland** (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos. Nascido na cidade de Liden, Suécia, emigrou-se para os Estados Unidos e foi morar em Chicago. ⁽⁹²⁾

Nela temos o resultado de “trinta e cinco anos de experimento psíquicos” ⁽⁹³⁾, com a médium Anna Wickland, sua esposa, no “Grupo da Misericórdia”, aqui citaremos apenas duas manifestações:

1º) Espírito: J. O. Nelson, 18/11/1919:

Espírito: – [...] O que é isso que vejo? (Com grande excitação.) Este homem diz que **estou vendo a esfera inferior, por onde viajam em meio às trevas os espíritos ignorantes**. Há aqui outro quadro que é o resultado de meu trabalho. Quão enfermos e reduzidos estão todos esses espíritos! Caminham cegos e se incitando. ⁽⁹⁴⁾

2º) Espírito: Senhor H. M., 27/01/1918:

Tinha grandes desejos de ver minha esposa. Sua imagem não se afastava de minha recordação, minha esposa, e queria lhe ver. Atravessamos, pois, o mundo dos espíritos e a esfera terrestre para chegar de novo à matéria. **A Terra é um globo pequeno, e ao redor deste globo há uma esfera.** A distância entre o mundo dos espíritos e o mundo da matéria é de umas sessenta milhas. **A esfera que rodeia a Terra é o mundo dos espíritos que estão ainda nas trevas.**

É para mim impossível descrever tudo o que vimos. Tão hediondo, tão horrendo, tão feio era tudo! Estremeci ao ver aquelas almas tão egoístas, invejosas e mal-intencionadas. Cada qual tinha um aspecto parecido ao de sua alma. Se adornavam com as mesmas vestimentas que na Terra, mas isso era por culpa de suas almas.

Parecia um enxame de vermes que se agitavam e se arrastavam uns encima dos outros. Aquilo sim que era um inferno! Me disseram que era a esfera que rodeia a Terra. ⁽⁹⁵⁾

Observamos que esses dois espíritos fazem referência a existência de uma esfera inferior, que rodeia a Terra, para a qual irão os espíritos ignorantes e compromissados com a justiça divina.

Citaremos, mais à frente, no cap. “Fontes a partir de 1º de abril de 1869” o que disseram vários outros Espíritos.

Sempre que o tema nos permite, também consultamos os designados autores espíritas clássicos que, invariavelmente, trazem importantes contribuições. Muitos deles são totalmente ignorados da massa de espíritas, como é o caso, por exemplo, do pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943).

Em ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*** (1933), vamos encontrar a Autobiografia de Ernesto Bozzano, da qual ressaltaremos estes parágrafos para compreendermos a sua importância como pesquisador, totalmente, voltado para o “Espiritismo científico”.

Nunca fiz outra coisa senão estudar. Na mocidade, todos os ramos do conhecimento, atinentes às artes e ciências, exerceram igualmente irresistível fascinação sobre mim, tornando-me até difícil seguir um caminho na vida. Decidi-me, finalmente, pela Filosofia e Herbert Spencer foi o meu ídolo.

Tornei-me um positivista-materialista convicto a tal ponto que me parecia incrível existissem pessoas de cultura intelectual, dotadas normalmente de senso comum, que pudessem crer na existência ou na

sobrevivência do espírito. Não somente pensava assim como até escrevia audaciosos artigos em apoio de minhas convicções. [...]. ⁽⁹⁶⁾

No aludido período, **li várias obras metapsíquicas, de autores então afamados**, as de Kardec, Delanne, Denis, d'Assier, Nus, Crookes, Brofferio, do Prel, porém não custei a verificar que quem desejasse realizar trabalhos científicos úteis nesse novo campo de pesquisas teria de remontar às origens do movimento espírita. Consequentemente, escrevi para Londres e New York a fim de obter as principais publicações datando do começo do movimento até 1870 e, à chegada dos livros pedidos, abriu-se para mim o período realmente frutuoso das investigações sistemáticas no vasto terreno do metapsiquismo.

Catalogava cada obra que lia, anotando os respectivos assuntos por ordem alfabética adequada, com a intenção de os utilizar para a classificação comparativa e a análise dos fatos e casos. A excelência de semelhante método de investigação ficou de tal modo provada, que continuo a empregá-lo até a presente data. Guardo imorredoura lembrança desse período de fervorosas e perseverantes pesquisas, porque **por meio delas me tornei capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável.** ⁽⁹⁷⁾

Os que não conhecem as pesquisas de Ernesto Bozzano se comportam tal e qual o que Allan Kardec

diz nesta frase em **O Livro dos Médiuns**:

[...] A verdadeira crítica deve dar provas, não só de erudição, mas também de profundo conhecimento do objeto tratado, de isenção no julgamento e de imparcialidade a toda prova. A não ser assim, **qualquer músico de feira poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um aprendiz de pintor o de censurar Rafael.** ⁽⁹⁸⁾

Em 1918, **Ernesto Bozzano** publicou a monografia “Joy Snell e a missão dos anjos”, que é o título de um dos capítulos da obra **O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas**, do qual destacaremos o seguinte trecho:

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais **a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações.** Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum valor teórico, **levando-se, porém, em consideração a descrição das esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra,**

o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o meio em questão determinado pela ‘**projeção do pensamento**’ de entidades superiores para esse fim designadas, enquanto que certa parte dependeria da “projeção do pensamento” dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma ‘ideoplastia’ espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de ‘fotografia do pensamento’ e do ‘pensamento organizador’, no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, **se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza**, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas, **afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas**. Para citar somente os exemplos mais notáveis,⁽⁹⁹⁾ recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada *Spiritualism* e constituída quase

inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d'Espérance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen.

Ora, se considerarmos que **as ideias dos povos civilizados sobre o paraíso e o inferno, ideias enraizadas desde a infância nas mentes de diferentes pessoas, são diametralmente opostas à semelhante concepção da existência espiritual**, se tudo isto for considerado, logicamente se é levado a reconhecer que a explicação alucinatória para esses casos é insustentável ante o exame dos fatos, visto que esta interpretação absolutamente não explica como tantos sensitivos tenham sido autossugestionados em sentido diametralmente contrário às suas convicções tradicionais a esse respeito. Igualmente não se chegaria a explicar o fato de todos os sensitivos descreverem o mesmo ambiente espiritual, mesmo em seus mais bizarros e inesperados detalhes, quando a maior parte deles (e este é o caso da Sra. Joy Snell) ignoravam completamente as experiências de outros videntes sobre o mesmo assunto, isto é, ignoravam o que alguns haviam visto no ambiente espiritual.

Resulta daí que, se os casos em questão continuam a ser um enigma insolúvel para todas as outras teorias, **na verdade os partidários da hipótese alucinatória se encontram numa posição ainda mais embaraçosa e não os defensores da hipótese espírita**. Com efeito, a circunstância de não se poder recorrer à

hipótese da sugestão para explicar a uniformidade de tão grande número de “revelações” faz pender o prato da balança a favor da autenticidade transcendental dos casos em exame, o que não exclui, entretanto, a possibilidade de, por vezes, se introduzirem neles elementos simbólicos, oníricos e autossugestivos.

Como quer que seja, dada a natureza aparentemente incontrolável de tais casos e, portanto, a impossibilidade de submetê-los aos métodos da investigação científica, **só nos resta adotar um sistema de controle indireto, isto é, analisar e comparar entre si as tão numerosas revelações dessa espécie**. Ao mesmo tempo, **preciso é considerar as explicações que a esse respeito fornecem as personalidades mediúnicas, explicações que, se não apresentam valor científico, nem por isto deixam de ser muito lógicas para parecerem plausíveis perante o controle da razão**, o que já é muito, visto que assim se obtém o importante resultado de despojar as revelações de todas as aparências absurdas, ao mesmo tempo que essas explicações **se transformam numa base de orientação para a posterior investigação de provas indiretas a favor de sua autenticidade transcendental**. Creio, pois, seja útil relatar alguns esclarecimentos, relativamente recentes, sobre o assunto, **esclarecimentos esses obtidos mediunicamente**. Eles têm o mérito de não terem sido dados a pedido e sim fornecidos espontaneamente, pouco antes, por espíritos desencarnados. ⁽¹⁰⁰⁾

Portanto, não faz sentido nenhuma atitude que leve a menosprezar o que Ernesto Bozzano apresenta como resultado de suas pesquisas, deixemos de nos comportar como “aprendiz de pintor”.

No capítulo “Fontes a partir de abril/1869 que se destacam” será citado o livro *A Crise da Morte*, item 8, 4º) Caso XII [capitão Hinchliffe], no qual também veremos em seus comentários referência a esferas espirituais.

No livro ***Cartas de Uma Morta*** (1935), ditado no final do ano de 1934 pelo Espírito **Maria João de Deus** através da psicografia do médium Chico Xavier encontramos algo a respeito do tema “No plano dos desencarnados”:

Ainda há pouco tempo, meu filho, manifestaste o desejo de que eu te descrevesse o local onde agora me acho no plano espiritual. É bastante difícil uma descrição literal, com respeito ao meu novo ambiente, mas vou tentar fazê-lo, apesar das deficiências naturais que se me apresentam.

A terra é o centro, isto é, a sede de grande número de esferas espirituais que a rodeiam de maneira concêntrica. Não posso precisar número

dessas esferas, porque elas se alongam até um limite que a minha compreensão, por enquanto, não pode alcançar.

Quanto mais evoluído o ser, mais elevada será a sua habitação, até alcançar o ponto em que essas esferas se interpenetram com as de outros mundos mais perfeitos, seguindo os espíritos nessa escala ascendente do progresso, sob todos os seus aspectos. Somente agora consegui passar à segunda esfera, depois de penosos labores em favor do burilamento de minha personalidade. Procurarei resumir o mais possível para oferecer-te uma ideia do meu habitar. ⁽¹⁰¹⁾

Em algumas transcrições teremos as esferas nesse sentido, e não como referência a outros mundos. Mais à frente voltaremos a citar essa obra bem como Ernesto Bozzano com outra pesquisa.

Ainda em ***Cartas de Uma Morta***, vejamos como a autora espiritual, mãe do médium Chico Xavier, esclarece a respeito do que ela designou de esferas espirituais:

Da esfera em que me encontro percebo perfeitamente que existe uma escada de luz atravessando os abismos ligando **as esferas** umas às outras. **A região imediatamente vizinha da Terra abriga muitos sofredores e muitos**

desesperados. Aí, frequentemente, descemos para buscar irmãos nossos que suplicam e choram, implorando o socorro e o auxílio de Deus.

Nessa região há organizações perfeitas e inúmeras de muitos espíritos do mal, que, reunindo-se uns aos outros, formam congregações nefastas e terríveis. Nosso combate é contínuo para pôr os encarnados a saldo de suas traições e sevícias. ⁽¹⁰²⁾

Quanto mais próxima da crosta terrestre for a esfera espiritual, mais “densa a sua atmosfera” e maior a escuridão.

No livro ***A Vida nos Mundos Invisíveis*** (1948), o médium inglês Anthony Borgia (1896-1989) publicou várias psicografias do Espírito **Mons. Robert Hugh Benson** (1871-1914), padre católico, nas quais reportou a vida no mundo espiritual. Da Segunda Parte, cap. V - Posição Geográfica, transcrevemos:

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. Essas duas palavras passaram a ser correntes entre a maioria daqueles que na terra conhecem e praticam a comunicação com o nosso mundo. Ao falar-vos assim, usei as palavras acima, suficientes para o nosso fim.

A essas esferas foram dados números, por alguns estudantes, e vão **desde o primeiro**, que é o mais baixo, **até o sétimo**, que é o mais alto. É costume entre nós seguir este sistema de numeração. A ideia, segundo me disseram, teve origem aqui entre nós, e é um método conveniente de dar informações de nossa posição na escada da evolução espiritual.

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da terra. Esses círculos alcançam o espaço infinito e estão invisivelmente ligados com o mundo terrestre na sua evolução menor sobre seu eixo, e é claro, em maior revolução à volta do Sol. O Sol não tem qualquer influência sobre o mundo espiritual. Não tomamos conhecimento dele, visto que é puramente material.

Um exemplo de círculos concêntricos nos é dado quando nos dizem que um visitante de uma esfera mais elevada vai descer a nós. Ele está relativamente acima de nós, tanto espiritual como espacialmente.

Os reinos inferiores da escuridão estão situados perto da terra, e penetram na sua parte mais baixa. Foi através desta que passei com Edwin quando ele me veio buscar **para o meu lar espiritual**, e foi por essa razão que me recomendou mantivesse os olhos fechados até que me ordenasse abri-los. Eu estava suficientemente alerta – até mesmo demais, porque estava plenamente consciente – ou teria visto algo dos horrores que a terra lançou a **essas zonas**

escuras. ⁽¹⁰³⁾

Interessante é que aqui são mencionadas esferas exatamente como ocorre em outras obras. E as zonas mais escuras são as que se encontram mais perto da Terra.

O engenheiro norte-americano George W. Meek (1839-1929), em 1971 junto com William O'Neil (1933-2023), abriu um pequeno laboratório de pesquisas sobre Fenômenos Eletrônicos de Voz (EVP) ⁽¹⁰⁴⁾ Em 1980, publica o livro ***O Que Nos Espera Depois da Morte?***



George Meek

Do cap. 16 - Um passeio por muitas moradas, da sua classificação em sete planos, destacamos os seguintes, que nos interessam mais de perto:

2. *Panos Astrais Inferiores*

Esse mundo negro, lúgubre, perigoso e, com frequência, assustador, descrito pela Bíblia como “Trevas exteriores, onde há pranto e ranger de dentes...” é o habitat de pessoas avaras,

egocêntricas, odientas e vingativas. Possuem, frequentemente impetuosos desejos e sensualidade. Aqui, também, podem acrescentar-se drogados, pervertidos sexuais, alcoólatras, assassinos ou suicidas, E, de igual modo, a morada das criaturas menos desejáveis das linhas NÃO-humanas de evolução.

Tradicionalmente, referem-se a esse nível como INFERNO, HADES ou PURGATÓRIO. São os corpos astrais, humanos ou não, desse plano que se ligam às auras magnéticas ou corpos astrais de viventes no plano terrestre (um ato de “obsessão”). Um tal “possesso” pode agir anormalmente, ser julgado insano e internado, ou cometer suicídio.

3. Planos Astrais Intermediários

Aqui, a pessoa “acorda” minutos, dias ou semanas após a partida do CORPO FÍSICO (ou meses, anos ou séculos depois de haverem chegado ao plano ASTRAL inferior).

Os planos de que tratamos agora são, *fundamentalmente, uma região de repouso e reabilitação* completa, com hospitais e suas equipes, e instituições de ensino e professores. Presta-se socorro a almas adoentadas, a pessoas que passaram por experiências traumáticas e/ou morte súbita, a indivíduos portadores de convicções mentais, emocionais ou religiosas errôneas. O corpo é, ainda, “material”, mas de substância mais sutil, num padrão vibratório mais alto. A aparência acomoda-se à preferência pessoal de cada indivíduo, geralmente a primitiva aparência da vida terrestre.

A comunicação, aqui, é tanto por pensamento quanto por palavra falada. Cada pessoa é estimulada a prosseguir no crescimento mental e espiritual. Por intermédio de tal crescimento, progride-se até aos planos astral e *mental superiores*, ou se decide por nova reencarnação de aprendizado e crescimento pessoal, na terra.

4. Planos Astrais Superiores

Este maravilhoso domínio da existência é aquilo a que os cristãos, geralmente, chamam de Céu. Um termo apto seria “A Terra do Verão”. Há reuniões cheias de felicidade com aqueles por quem se sente um laço de AMOR, ou entre grupos integrados por pessoas mentalmente afins. Existem, para cada alma, ilimitadas oportunidades e fomento para que cresçam em consciência mental e espiritual. Decresce o interesse por atividade no planeta Terra. Verificam-se encontros com anjos (seres adoráveis e prestimosos, de evolução não-humana).

Perspectivas mais amplas, mais largas vistas, magníficos panoramas! Porém, de quando em vez, a alma deve decidir se retoma ao plano terrestre, para adquirir mais experiência, ou se aceita a SEGUNDA morte. Neste último caso, podem a MENTE e a ALMA despir-se de seu corpo ASTRAL ou veículo continente e NASCER DE NOVO no NÍVEL CAUSAL ou MENTAL, para que se qualificou. Quando renascida, a alma atuará em seu corpo mental ou causal. ⁽¹⁰⁵⁾ (caixa alga e grifos do original)

Para ilustrar, George Meek apresenta o seguinte desenho (¹⁰⁶):

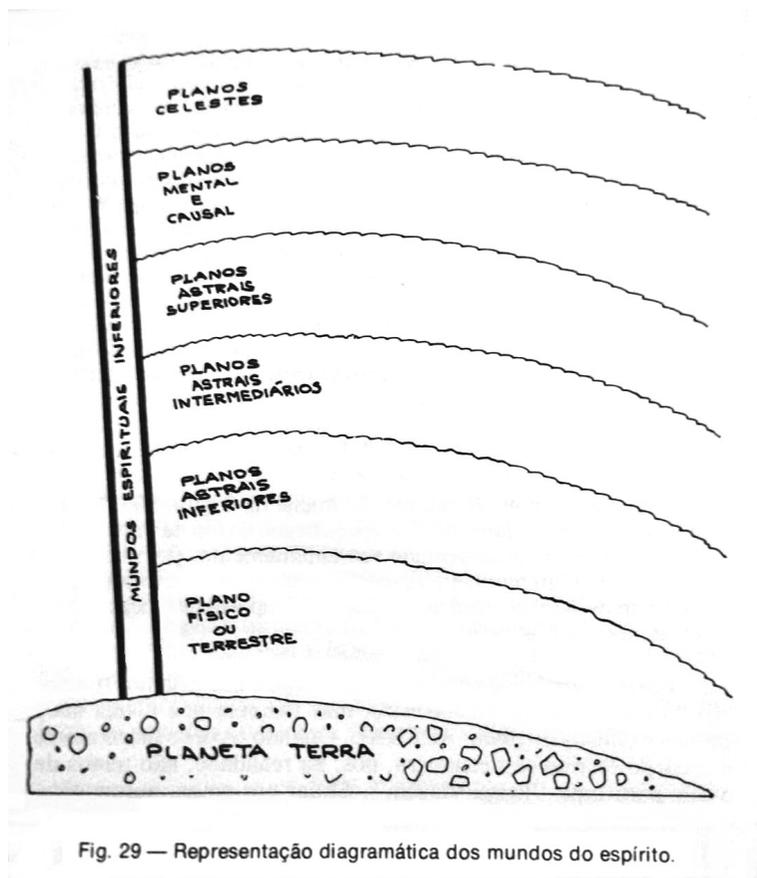


Fig. 29 — Representação diagramática dos mundos do espírito.

Do próximo intitulado cap. 17 - Decifrando o mistério, ressaltamos:

4. *Há diversos tipos de pessoas que, hoje, vivem naquilo a que você chamou de plano físico ou terrestre. Admitamos esteja você certo, ao dizer que cada pessoa vai desfazer-se de seu corpo-lagarta físico e começar a adejar feito borboleta, em algum outro nível de existência. Eis o que desejo saber: Em qual nível provavelmente me encontrei?*

Não posso responder a essa pergunta sem que o conheça. Entretanto, você pode examinar a Figura 31 e, então, ver-se a si próprio. Admitindo a razoável precisão dos grupos de caracteres listados como A, B e F, você mesmo pode responder à pergunta.

A. Indivíduos que realizaram mais do que progresso mediano nesta e/ou em vidas pretéritas, e cujas almas evoluíram até o ponto de “viverem naturalmente”, hoje, em harmonia com as características descritas na Figura 32.

B. A média de gente de bom coração, acatadora, bem-intencionada, adultos trabalhadores e todos os bebês e crianças.

F. Pessoas avarentas, cruéis, egoístas, materialistas, altamente vaidosas e incompassivas, incluindo-se, por exemplo, vigaristas, viciados em drogas, alcoólatras, perversos sexuais, suicidas, assassinos, criminosos empedernidos, déspotas políticos. (A letra F. que indica fracasso, correlaciona-se com F, na Figura 34), (A largura da seta individual é proporcional ao número de pessoas nas categorias, A, B, e F) ⁽¹⁰⁷⁾ (itálico do original)

Das figuras citadas a que nos interessa é esta:

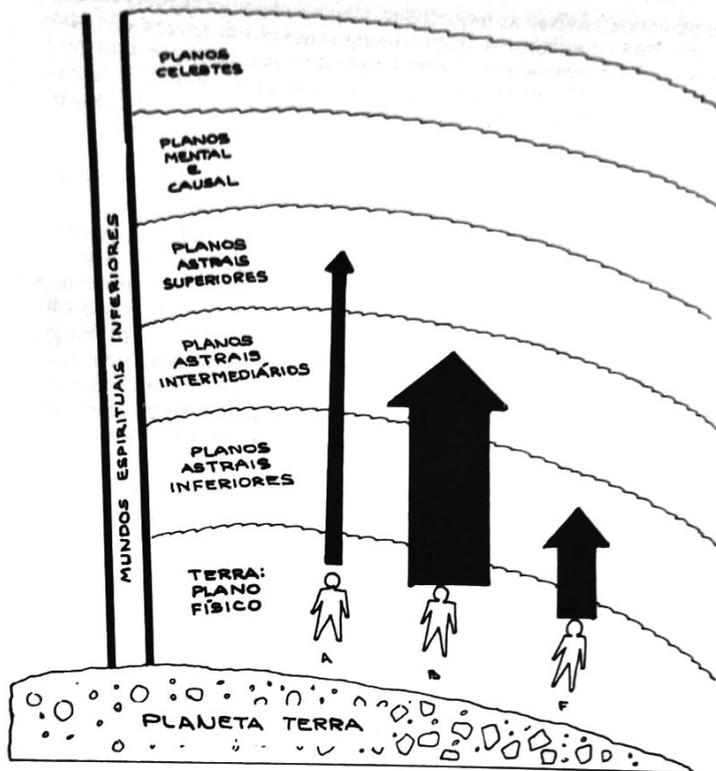


Fig. 31 — A próxima estação para todas as pessoas agora vivendo no planeta Terra.

Julgamos bem interessante as explicações de George Meek e muito ilustrativas as imagens que apresenta.

Em ***Nas Fronteiras da Loucura*** (1982), ditada pelo espírito **Manoel Philomeno de Miranda**, pela mediunidade de Divaldo Franco. No cap. 19 - Convite ao otimismo, no primeiro parágrafo lemos:

Logo depois que eu retornara à vida espiritual, percebi haver, **em torno da Terra, faixas vibratórias concêntricas, que a envolviam, deste as mais condensadas**, próximas da área física, **até as mais sutis**, distanciadas do movimento humano na Crosta. ⁽¹⁰⁸⁾

Interessante é que, ao falar em faixas vibratórias concêntricas, o autor espiritual difere apenas de Maria João de Deus, que usou o termo esferas, em vez de faixas.

Várias outras obras, que serão citadas mais à frente ⁽¹⁰⁹⁾, também aparece referência a esferas espirituais.

Vejamos, na sequência, o que existe nas obras da Codificação sobre as tais trevas.

O que se observa nas obras da Codificação

Inicialmente, traremos algo curioso a respeito de um possível fenômeno acontecido com Allan Kardec, que resultou na elaboração da questão 642 de *O Livro dos Espíritos*. Quem nos conta é o Irmão X, no capítulo 7 - Consciência Espírita, da obra ***Cartas e Crônicas***, pela psicografia de Chico Xavier:

Conta-se que Allan Kardec, quando reunia os textos de que nasceria “O Livro dos Espíritos”, recolheu-se ao leito, certa noite, impressionado com um sonho de Lutero, de que tomara notícias. O grande reformador, em seu tempo, acalentava a convicção de haver estado no paraíso, colhendo informes em torno da felicidade celestial.

Comovido, **o codificador da Doutrina Espírita, durante o repouso, viu-se também fora do corpo, em singular desdobramento...** Junto dele, identificou um enviado de Planos Sublimes que **o transportou, de chofre, a nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor.** Soluços de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura. ⁽¹¹⁰⁾

Supondo a narrativa um acontecimento real, então, vemos o próprio Codificador tendo a oportunidade de, fora do corpo físico, se deparar com uma “nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor”.

No item 100 de *O Livro dos Espíritos*, para efeitos didáticos, Allan Kardec elaborou uma escala dos espíritos, classificando-os em três ordens principais com base em suas características morais. Julgamos que esta imagem ⁽¹¹¹⁾ dará uma boa ideia do nível evolutivo dos Espíritos em cada uma delas:



É por demais óbvio que, quando desencarnados, os Espíritos se agruparão por

afinidade. É exatamente isso que se depreende da questão 278, que veremos um pouco mais à frente.

As obras que mencionaremos estarão na ordem cronológica de publicação, por julgarmos ser a mais conveniente.

1) **O Livro dos Espíritos**, 2ª edição, 18 de março de 1860:

O capítulo VI - Vida espiritual, traz várias questões sobre como é a vida do espírito no mundo espiritual, no intervalo das encarnações, ou seja, quando ele está no estado de erraticidade. Tomaremos algumas questões:

225. A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, porquanto há Espíritos errantes de todos os graus. [...]”

232. Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?

“Depende. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo em que viveu ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha

elevado. [...] Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem-dizer, consegue apenas entrevê-los, e é isso que lhe dá o desejo de melhorar-se, para se tornar digno da felicidade que ali se desfruta e poder habitá-los mais tarde.” ⁽¹¹²⁾ (itálico do original)

Uma questão que se poderia colocar é: se estão em graus diferentes, não seria lógico estarem em “lugares” também diferentes? Sendo inconcebível, que bons e maus estejam numa mesma vibração e sintonia, não valerá a lei “O semelhante atrai o semelhante” ⁽¹¹³⁾, dita pelos Espíritos superiores à Allan Kardec? Quanto a isso, vejamos a resposta à questão “278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*”:

“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. **Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos**, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam*: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal,

pela vergonha de suas faltas e **pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.**”
(¹¹⁴) (itálico do original)

Portanto, na erraticidade, os Espíritos se agrupam por simpatia e afinidade que se expressam “energeticamente”, ou seja, nas vibrações emanadas de cada um. Completamos a explicação com a resposta à próxima questão: “279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*”:

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons, são interditadas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”
(¹¹⁵)

Ora, o que seriam “as regiões habitadas” senão locais.

Voltaremos à duas questões, que pulamos intencionalmente para que as explicações que empreenderíamos não fossem interrompidas:

245. *A visão dos Espíritos é circunscrita como a*

dos seres corpóreos?

“Não, ela reside neles por inteiro.”

246. *Os Espíritos precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. **Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem achar-se por expiação.**”
(¹¹⁶) (itálico do original)

Então, de alguma forma existem “trevas”, o que, mais à frente, será confirmado com os depoimentos de Espíritos, dando conta de que estão mergulhados nelas.

Em seu comentário à resposta à questão 973, Allan Kardec explica:

[...] A diversidade dessas consequências é infinita, mas, em tese geral, pode-se dizer que **cada um é punido por aqui em que pecou**. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, **pelo isolamento, pelas trevas**, pela separação dos seres que lhes são caros etc. (¹¹⁷)

São Luís é o autor da resposta à questão 1019, da qual destacamos o último parágrafo:

“Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! **Preparam para si mesmos longos séculos de trevas** e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.” ⁽¹¹⁸⁾

Nessas duas transcrições logo acima, também encontramos referência às trevas, confirmando o já visto e o que ainda mencionaremos daqui para frente.

2) **Revista Espírita 1858**, mês de março:

Encontramos no artigo de Allan Kardec intitulado “A pluralidade dos mundos”, em que o Codificador aceita as informações dos Espíritos de que:

[...] não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que **o espaço está povoado por seres inteligente, invisíveis para nós** por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por

meios ocultos ou patentes. Assim, **tudo é povoado no Universo**, a vida e a inteligência estão por toda parte; sobre os globos sólidos, **no ar**, nas entranhas da terra, e até **nas profundezas etéreas**. [...]. ⁽¹¹⁹⁾

O destaque é para a expressão “nas profundezas etéreas”, pois pode significar regiões sem luz, ou seja, espaço encoberto por trevas. Isso isoladamente talvez seja sem valor, mas no conjunto de informações apresentados, acreditamos que passa a ter importância.

3) **Revista Espírita 1862**, mês de junho:

De uma nota em meio ao diálogo com o Espírito Sr. Sanson, Allan Kardec diz que um Espírito lhe deu um quadro dos incrédulos, destacamos o seguinte trecho:

“[...] No pesadelo comum, o despertar nos tira da inquietação, e vos sentis felizes em reconhecer que não experimentastes senão um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga, frequentemente, por muito tempo, anos mesmo, além do decesso, e o que torna a sensação mais penosa ainda para o Espírito, **são as trevas em que, algumas vezes, está mergulhado.**” ⁽¹²⁰⁾

Allan Kardec comenta o seguinte: “Fomos capazes de observar vários casos semelhantes e que provam que esta pintura nada tem de exagerada.” (121). Por óbvio, é fácil deduzir que por várias vezes o Codificador se viu diante de descrições de Espíritos mergulhados nas trevas.

4) **Revista Espírita 1862**, mês de novembro:

Um dos comentários de Allan Kardec inserido no artigo “Os mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux”.

A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. **Aqueles que são mergulhados nas trevas**, o que é muito frequente, não podem, a miúdo, dela escapar. Não veem nada, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime. (122)

A expressão “mergulhados nas trevas” é destaque dessa fala de Allan Kardec.

5) **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro:

No tópico “Dissertações Espíritas”, temos o artigo “O dia de Todos-os-Santos”, com mensagens

assinadas por Marguerite, recebidas pelo médium Sr. Perchet, em 1º de novembro de 1861, das quais destacamos o seguinte trecho:

Meu caro irmão, fiel à promessa, retorno junto a ti. Como te dissera, deixando-te ontem à noite, fui fazer **uma visita ao cemitério**; ali examinei atentamente os **diversos Espíritos em sofrimento**; é de fazer piedade; esse espetáculo doloroso arrancaria lágrimas ao coração mais duro.

Um grande número dessas almas, no entanto, estão muito aliviadas pelos vivos, e **pela assistência dos bons Espíritos**, sobretudo quando têm o arrependimento das faltas terrestres e que fazem seus esforços para se despojarem de suas imperfeições, única causa de seus sofrimentos. Compreendem, então, a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina, expiar e reparar suas faltas, e obter um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o vosso coração, por esses Espíritos arrependidos que vêm de ser esclarecidos por uma centelha de fogo. [...] muitos dentre eles sabem que têm mesmo provas terríveis a suportar; também **reclamam com instância as preces dos vivos e a assistência dos bons Espíritos**, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será obrigação.

Digo-vos ainda, e não poderia muito

frequentemente vo-lo repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de castas, nem de seitas, porque todos os homens são irmãos, e se devem apoiar mutuamente.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que têm a superar, vinde em sua ajuda. É uma bela caridade a de orar por esses pobres irmãos desconhecidos, frequentemente esquecidos de todos, e dos quais não se saberia imaginar o reconhecimento quando se veem assistidos. [...] imaginai então, se é possível, o arrebatamento desse homem, e tereis uma fraca ideia da felicidade que a prece dá aos **infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento**. Eternamente vos serão reconhecidos, porque estejais persuadidos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos como sobre a vossa Terra.

[...].

Para todos aqueles, meu caro irmão, que horríveis tormentos! É bem como dizem as Escrituras: Haverá prantos e ranger de dentes. **Serão mergulhados no abismo profundo das trevas**. São chamados vulgarmente esses infelizes de *condenados*, e embora seja mais verdadeiro chamá-los *os punidos*, não sofrem menos por isso torturas tão horríveis quanto a que se atribuem aos condenados ao meio das chamas. **Envolvidos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes**

parece insondável, se bem que não seja circunscrito como se vos ensina, sentem sofrimentos morais indescritíveis, até que abram seu coração ao arrependimento.

Ocorre que, algumas vezes, ficam séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos; também dizem que estão condenados pela eternidade. [...] cedo ou tarde, os Espíritos se abrem ao arrependimento, e então Deus, tomando em piedade suas infelicidades, **envia-lhes um anjo que lhes dirige palavras consoladoras,** e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto fez por eles mais preces aos pés do Eterno.

[...].

Se o Espírito sofredor é muito endurecido, muito material, para que a prece tenha acesso em sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso, e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que elas poderão servir ao culpado.

Para que a prece traga o seu fruto, não basta balbuciar as palavras como a maior parte dos homens; a prece que parte do coração é a única agradável ao Senhor, a única que será levada em conta e que traz alívio aos Espíritos que sofrem.

Tua irmã, que te ama,

MARGUERITE. ⁽¹²³⁾ (itálico do original)

Temos aqui, novamente, notícias do “abismo

profundo das trevas”, da possibilidade de nossas preces ajudarem os sofredores de toda ordem, e, ainda, da ajuda que Deus, através de seus mensageiros, dedica a todos.

6) **Revista Espírita 1863**, mês de agosto:

Trecho do diálogo com o Espírito Jean Reynaud (1808-1863), que, entre outros, escreveu o livro *Terre et Ciei*, condenado e colocado no *Index* ⁽¹²⁴⁾ pela corte de Roma ⁽¹²⁵⁾. Allan Kardec o considerou como um precursor do Espiritismo ⁽¹²⁶⁾:

P. Quando vivo, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não praticam; pratiquei e não professei. Do mesmo modo que todo homem é cristão, que seguem as leis do Cristo, fosse isso sem conhecê-las, do mesmo modo todo homem pode ser Espírita que crê em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava; era, pois, Espírita. Compreendi a **erraticidade**, este laço intermediário entre as encarnações, **esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova**, onde o Espírito em progresso tece

com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar. ⁽¹²⁷⁾

A comparação da erraticidade com um purgatório “onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas” é bem semelhante ao que se diz ser o Umbral.

7) **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, publicado em 29 de abril de 1864:

No capítulo III - Há muitas moradas na casa de meu Pai, Allan Kardec discorrendo sobre os “Diferentes estados da alma na erraticidade”, explica:

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independente da diversidade dos mundos, **essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade.** Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, **o meio em que ele se encontre, o**

aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito. Enquanto uns não podem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; **enquanto alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas**, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do infinito; finalmente, **enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais**, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. **Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas.** ⁽¹²⁸⁾

Entende-se perfeitamente, que existem gradações no mundo espiritual, nas quais os Espíritos se agrupam, por afinidade vibratória, de conformidade com seus graus evolutivos, como também com o objetivo de ajudar os retardatários. Aqui ainda se observa Allan Kardec mencionar o fato de que “alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas.”

8) **Revista Espírita 1864**, mês de agosto:

No artigo “Os Milagres dos Nossos Dias” ⁽¹²⁹⁾,

Allan Kardec comenta esta obra de Auguste Bez (?-?), notório espírita de Bordeaux, tendo sido Diretor de vários jornais espíritas editados pela União Espírita Bordelense (¹³⁰), na qual ele, Bez, trata da mediunidade de Jean Hillaire. Com uma publicação da editora Madras dessa obra em mãos, nela encontramos algo bem interessante:

[...] Depois de alguns minutos de muita ansiedade, viram Hillaire levantar-se, embora ainda estivesse dormindo, falar com o Espírito de seu pai – que ele parecia ver, e que ele via, devo dizer, perto dele, à sua direita.

“Para onde esse espírito me conduz, meu bom pai?, dizia ele, por que ele atravessa o espaço assim tão rapidamente?” E, repetindo para si mesmo a resposta de seu pai, ele dizia: “É o Espírito de P... **(O Espírito mau) que a vontade de Deus obriga a retomar o lugar de seus sofrimentos** e nós o seguiremos, meu filho; logo chegaremos com ele”.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele **fez a descrição de um país onde tudo lhe era desconhecido; lá, ele via, no meio da escuridão profunda, uma multiplicidade incalculável de Espíritos com aspecto, ao mesmo tempo, sinistro e infeliz**; a cena aos poucos parecia se iluminar e, logo depois, ele viu as chamas ardentes envolverem os infelizes e torturá-los sem piedade.

[...].⁽¹³¹⁾

Portanto, aqui temos a descrição de um local em meio a uma escuridão profunda, onde milhares de Espíritos infelizes vivem.

É importante colocarmos alguns trechos do comentário de Allan Kardec, constantes da **Revista Espírita 1864**, para que se tome ciência da seriedade com que ele tratou essa obra de Auguste Bez, na qual se destaca o fac-símile da dedicatória do médium a Allan Kardec, que tinha Jean Hillaire como “médium notável”⁽¹³²⁾:

As faculdades de Hillaire são muito múltiplas (sic); ele é médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e além disso escrevente. Obteve escrita direta e transportes muito notáveis. Várias vezes se elevou e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver se levantar uma mesa. **Todas as comunicações e todas as manifestações que obteve atestam a assistência de Espíritos muito bons, e ocorrem sempre em plena luz.** Frequentemente, ele entra espontaneamente no sono **sonambúlico, e é quase sempre nesse estado que se produzem os fenômenos mais extraordinários.**⁽¹³³⁾

Entendemos que Allan Kardec, por ter lido essa obra, ao fazer comentários positivos sobre ela, de certa forma dá um *referendum* a seu conteúdo.

9) **O Que é o Espiritismo**, 6ª edição de julho de 1865:

17. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações desconhecidas por nós, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados nos não permitem ver nem ouvir. **Para eles não há obscuridade, excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas.** ⁽¹³⁴⁾

Então, podemos afirmar que, conforme o pensamento do Codificador, alguns espíritos, por “punição”, habitarão, temporariamente, as trevas.

Lembrando que a “punição” é um processo decorrente do entendimento da “lei de causa e efeito”. Sou punido pela consciência e pela vida caso infrinja a Lei de amor.

10) **O Céu e o inferno**, 1º de agosto de 1865:

Na Primeira parte, capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo, do tópico “Código penal da vida futura”, destacamos o item 25º:

Alguns Espíritos estão mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço, atormentados pela ignorância de sua posição, como da sorte que os aguarda. **Os mais culpados sofrem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo**. Muitos são privados de ver os seres amados, e todos, geralmente, suportam com intensidade relativa os males, as dores e as privações que causaram aos outros, **até que o arrependimento e o desejo de reparação lhes suavizem os tormentos e os faça entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo a essa situação.** ⁽¹³⁵⁾ (itálico do original)

O destaque é a clara afirmação de que “alguns Espíritos estão mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço”.

Na sua Segunda Parte, temos vários casos que informam sobre as situações dos Espíritos no mundo espiritual. Ao término do capítulo I – A passagem, Allan Kardec, em nota, esclarece que:

[...] Esses exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, porém, forçados a limitar-lhes o número, **fizemos escolha dos que pudessem melhor esclarecer o mundo espiritual e o seu estado**, já pela situação dos Espíritos, já pelas explicações que estavam no caso de fornecer. A maior parte destes exemplos são inéditos e apenas alguns poucos já foram publicados na *Revista Espírita*. [...]. ⁽¹³⁶⁾

a) Capítulo II – Espíritos felizes, Um médico russo

Trecho do seu diálogo:

P. *Que região habitais? Acaso algum planeta? –*
R. **Tudo que não seja planeta constitui o que chamais Espaço. É aí que me encontro. Mas quantas gradações existem nessa imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia! Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como o vosso, até a depuração completa da alma! Aqui onde ora me encontro só se chega depois de uma série enorme de provas, ou seja, de muitas encarnações.** ⁽¹³⁷⁾
(itálico do original)

O Espírito identificado como “Um médico russo”, dentre os vários felizes a nós apresentados

por Allan Kardec, afirma que reside num lugar no espaço. Além disso, demonstra também haver “gradações nessa imensidade”, referindo-se ao Espaço, acreditamos que na condição de mundo espiritual, “das quais o homem não pode fazer ideia”. Porém, o que temos de espíritas fazendo ideia..., não está escrito!

b) Capítulo IV – Espíritos sofredores: Lisbeth e Claire

b.1) Espíritos sofredores: Lisbeth

5. Desde então não progredistes como Espírito?

– R. Não; a matéria se revoltava sempre, e tu não podes avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, a despeito da separação do corpo. O orgulho me prende a fores cadeias, cujos anéis comprimem cada vez mais o mísero que lhe hipoteca o coração. O orgulho, hidra de cem cabeças a se renovarem incessantemente, modulando silvos envenenados que chegam a parecer celeste harmonia! **O orgulho! Esse demônio multiforme que se amolda a todas as aberrações do Espírito**, em que oculta em todos os refolhos do coração; que penetra as velas; que absorve e **arrasta às trevas da eterna geena!** Oh! Sim... eterna! ⁽¹³⁸⁾ (itálico do original)

b.2) Espíritos sofredores: Claire.

Sobre a situação de Félix, seu marido, o Espírito Claire, diz:

[...] Queres saber a situação do pobre Félix? **Erra nas trevas, vítima da profunda nudez de sua alma.** Superficial e leviano, aviltado pelo prazer, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo dos que a assistem. **Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho** onde tudo fulgura ao brilho desse Deus que ele negou... ⁽¹³⁹⁾

Visando elucidar sobre a questão das trevas, o Codificador pergunta ao Espírito São Luís:

P. *Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão aquelas tantas vezes referidas nas Escrituras?*

R. Sim, são as trevas designadas por Jesus e pelos profetas, ao se referirem ao castigo dos maus. Isso, porém, não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual.

Certos Espíritos estão imersos em trevas, devendo-se, contudo, entender por isso uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota. Não é uma loucura da alma, porém, uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material. É, principalmente, a punição dos que duvidaram do seu destino. [...]. ⁽¹⁴⁰⁾ (itálico do original)

Evocado, novamente, o Espírito Claire disse:

Eis-me aqui. **Também eu posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nesses limbos onde tudo é soluço e misérias.** Sim, **existem as trevas visíveis de que fala a Escritura,** e os infelizes que deixam a vida, ignorantes ou culpados, **são imersos na fria região,** inconscientes de si mesmos e do seu destino. Acreditando na perenidade dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão; **são, portanto, lugares de trevas, povoados e ao mesmo tempo desertos, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos,** sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. [...] **Para o Espírito, as trevas são: a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido...** Não posso continuar...

Claire. ⁽¹⁴¹⁾

Ao que Allan Kardec esclarece que “ainda sobre este ponto obtivemos a seguinte explicação”:

“Por sua natureza, o perispírito possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispirítico como a fricção para o fósforo. **A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito**, de sorte que as menores imperfeições morais a atenuam e enfraquecem. **A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento**. Sendo o Espírito, de algum modo, o seu *próprio farol*, verá mais ou menos a intensidade da luz que produz, de onde se conclui que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.”

Esta teoria é perfeitamente exata quanto à **irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores** e é confirmada pela observação, embora não pareça ser a verdadeira causa, ou pelo menos, a única causa do fenômeno; primeiro, porque **nem todos os Espíritos inferiores estão em trevas**; segundo porque **um mesmo Espírito pode achar-se alternadamente na luz e na obscuridade**; e terceiro porque a luz também é castigo para os Espíritos muito imperfeitos. **Se a obscuridade em que estão imersos certos Espíritos fosse inerente às suas personalidades, essa obscuridade seria permanente e geral para todos os maus Espíritos**, o que, aliás, não acontece, visto que os

Espíritos da mais requintada perversidade veem perfeitamente, em trevas profundas. Tudo indica, portanto, que além da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias. Conclusão: **a obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade estranha, constituindo punição especial da Soberana Justiça, para casos determinados.** ⁽¹⁴²⁾ (itálico do original)

Confirma-se, portanto, a existência de trevas para Espíritos de certo nível evolutivo como “punição especial” da Soberana Justiça.

A impressão que ficamos é a de que a luz emanada do perispírito dos Espíritos superiores também serve de “castigo” a certos Espíritos de grau inferior.

c) Capítulo V – Suicidas, Mãe e filho:

c.1) Evocação da mãe:

– Quero ver meu filho! Tendes o poder de mo devolver? Cruéis!... Eles mo tomaram para o levarem à luz, e **a mim me deixaram em trevas.** Quero-o... quero-o porque me pertence!... De nada vale o amor materno? [...]. ⁽¹⁴³⁾

c.2) Duplo suicídio, por amor e por dever:

Vejamos o diálogo ocorrido após a evocação da mulher:

1. *Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes?* – R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. **Que noite! Que noite! E que espesso véu sobre o meu rosto!**

4. *Credes que ficareis sempre nesta situação?* – R. Oh! Sempre, sempre! **Ouçõ às vezes risos infernais, vozes assustadoras que me bradam estas palavras: “Sempre assim!”**

7. *Dissestes que **estais nas trevas**. Não nos vedes?* – R. É-me permitido ouvir algumas palavras que pronunciais, mas só vejo um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, um semblante que chora. ⁽¹⁴⁴⁾ (itálico do original)

Além de viver nas trevas, a infortunada criatura ouvia vozes dizendo que permaneceria para sempre nessa condição.

Esse caso também foi registrado na **Revista Espírita 1862**, mês de julho. Após o diálogo, Allan Kardec comenta-o em nota, da qual destacamos o parágrafo inicial:

A obscuridade, assim como o demonstra a observação dos fatos, acompanha, muito frequentemente, o castigo dos Espíritos criminosos; ela sucede imediatamente à morte, e sua duração, muito variável segundo as circunstâncias, pode ser de alguns meses a alguns séculos. Concebe-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não entrevê senão o que pode lembrar-lhe a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades do remorso.
(¹⁴⁵)

Allan Kardec confirma, portanto, que a obscuridade, ou seja, as trevas, conforme demonstra a observação dos fatos, frequentemente acompanham os Espíritos infratores da lei de amor.

c.3) Félicien, outro Espírito de suicida, também afirmou ouvir vozes, a certa altura em sua comunicação, reclama:

[...] Agora, só tenho necessidade de preces; orai, principalmente, para **que me veja livre desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, obsediando-me com gritos, sorrisos e motejos infernais.** Chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. [...]. (¹⁴⁶)

O fato desses espíritos ouvirem gritos nos leva a concluir, que, de fato, existem gradações no plano espiritual, de forma que os afins vivem na mesma faixa vibracional.

Interessante é que o relato que temos na obra *Nosso Lar*, a primeira da série “André Luiz”, também nos dá conta de uma situação incrivelmente semelhante. Há uma narrativa na qual o próprio autor espiritual confessa ter ouvido vozes a lhe dizer: “Suicida! Suicida! Criminoso infame!” (147)

c.4) O Espírito de Castelnaudary – cujo nome, soube-se depois, era Charles Dupont – que assombrava uma pequena casa perto dessa localidade. Esse caso, originalmente foi citado na *Revista Espírita 1860*, mês de fevereiro com o título “História de um condenado”:

1. P. (A São Luís.) *Tende a bondade de nos descrever o gênero de suplício deste Espírito.* – R. É atroz, porque **está condenado a habitar a casa em que cometeu o crime**, sem poder fixar o pensamento noutra coisa que não no crime, tendo-o sempre ante os olhos e acreditando na eternidade de tal tortura. Está como no momento do próprio crime, porque qualquer outra recordação

lhe foi retirada e interdita toda comunicação com qualquer outro Espírito. **Sobre a Terra, só pode permanecer naquela casa, e no Espaço só lhe restam solidão e trevas.** ⁽¹⁴⁸⁾ (itálico do original)

O curioso é a interdição, certamente temporária, desse Espírito em se comunicar com qualquer outro Espírito. Estava, por assim dizer, como que “preso” àquela casa e, caso saísse dela, só lhe restariam solidão e trevas.

Essa questão corresponde à de nº 14 do artigo da **Revista Espírita 1860**, vamos ainda acrescentar estas duas:

62. Quereis nos descrever o gênero de seu suplício? – R. É atroz para ele; **ele foi, como o sabeis, condenado a morar na casa onde o crime foi cometido**, sem poder dirigir seu pensamento sobre outra coisa que sobre esse crime, sempre diante de seus olhos, e se crê condenado a essa tortura pela eternidade.

63. **Ele está mergulhado na obscuridade?** – R. Obscuridade quando ele quer se afastar desse lugar de exílio. ⁽¹⁴⁹⁾

Ora, não faz sentido algum perguntar se

determinado espírito está mergulhado na obscuridade se não se acreditar que isso possa ocorrer.

A nota de Allan Kardec, após a questão 125, corrobora isso:

Sempre foi dito que as visões das vítimas é um dos castigos dos culpados. Aquele ainda não as vira, porque **estava no isolamento e nas trevas**; era o castigo; mas ele teme essa visão, **isto será talvez o complemento de seu suplício.** ⁽¹⁵⁰⁾

Temos aqui dois importantes personagens – São Luís e Allan Kardec – falando de “isolamento e trevas”, o que, a nosso ver, comprovaria a existência do Umbral.

Charles Dupont, o Espírito perturbador de Castelnaudary, ao ser evocado respondeu a várias perguntas, entre as quais destacamos:

17. Tende a bondade de nos descrever a vossa situação antes de vos evocarmos pela primeira vez. Haveis de compreender que este pedido tem por fim sabermos como vos poderemos ser úteis, e não por mera curiosidade. – R. Como já vos disse,

eu não tinha consciência de coisa alguma, além do meu crime, e não podia abandonar a casa em que o cometi, **a não ser para vagar no Espaço, onde só havia à minha volta solidão e obscuridade**; disso eu não poderia vos dar uma ideia, porque nunca logrei compreender o que se passava. Desde que me alçava ao Espaço, tudo era negro e vazio; nem mesmo sei o que era... Hoje o meu remorso é muito maior e, no entanto, não estou constrangido a permanecer naquela casa fatal, sendo-me permitido vagar na Terra e orientar-me pela observação de quanto aí vejo, compreendendo melhor, assim, a enormidade dos meus crimes; e se menos sofro por um lado, por outro aumentam as torturas do remorso... Mas... ainda bem que tenho esperança. ⁽¹⁵¹⁾ (itálico do original)

O próprio Espírito confirma a solidão e obscuridade que viveria, caso vagasse pelo Espaço.

d) Capítulo VII - Espíritos endurecidos: Lapommeray

É relatado também na *Revista Espírita 1864*, mês de julho, no artigo “O Castigo pela Luz” ⁽¹⁵²⁾. Eis sua mensagem:

“Que entendeis por perturbação? Para que essas palavras sem sentido? Sois sonhadores e

utopistas. Ignorais por completo o assunto de que vos ocupais. Não senhores, a perturbação não existe, a não ser nos vossos cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível e vejo claro em mim, em derredor de mim, por toda parte!... A vida é uma lúgubre comédia! Insensatos os que se retiram da cena antes que o pano caia. A morte é terror, aspiração ou castigo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, afrontam ou imploram. Mas é também para todos amarga irrisão. ***A luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser...*** Castigaram-me com as trevas do cárcere e acreditavam castigar-me ainda com as trevas do túmulo, isto é, as sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! Sois vós que padeceis da obscuridade, enquanto eu, degredado social, me coloco em plano superior. Eu quero ser o que sou... Forte pelo pensamento, desdenhando dos conselhos que zumbem aos meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando executado pelas massas, glorificam-no; quando praticado individualmente, consideram-no infâmia. Absurdo! Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, **lutarei só contra esta luz odiosa.**”

Aquele que ontem era um homem

Vejamos o primeiro parágrafo do comentário do Codificador:

Esta comunicação foi analisada na assembleia seguinte, reconhecendo-se no próprio cinismo da linguagem um grande ensinamento,

deprendendo-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Efetivamente, enquanto **alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora ou se acreditam ainda encarnados**. Para este, a luz brilha e o Espírito goza plenamente das suas faculdades, sabendo perfeitamente que está morto e não se lastimando, antes repelindo qualquer assistência e afrontando ainda as leis humanas e divinas. Significa dizer que escapará à punição? De modo algum; é que a Justiça de Deus se cumpre de todas as formas, e **o que causa alegria a uns, é tormento para outros. A luz faz o suplício desse Espírito**, e é ele próprio que o confessa, a despeito do seu orgulho, quando diz que lutará por si mesmo, só, contra essa luz odiosa. E ainda nesta frase: “a luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser”. Essas palavras: *sutileza do meu ser* são características; reconhece, assim, que o seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o atravessa qual se fora aguda flecha. ⁽¹⁵³⁾ (itálico do original)

A curiosidade aqui é que, além do “castigo” nas trevas, pode ocorrer para alguns Espíritos a “punição” na luz.

Por oportuno, vejamos também este trecho da mensagem de Erasto sobre esse caso:

Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Tanto num caso como em outro, esse homem nada vê do que o cerca e habituar-se-á mesmo mais facilmente do que a monótona claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se manifestou na última sessão exprime bem a verdade quando diz: “Oh! eu saberei libertar-me dessa odiosa luz.” **De fato, essa luz é tanto mais terrível, horrorosa, quanto ela o penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais íntimos.** Aí está uma das circunstâncias mais rudes de tal castigo espiritual. **O Espírito se encontra, por assim dizer, enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates.** Disso decorre ainda um ensinamento, visto como o que seria alegria e consolo para o sábio, transforma-se em punição infamante e contínua para o perverso, para o criminoso, para o parricida, sobressaltado em sua própria personalidade. ⁽¹⁵⁴⁾

Erasto confirma que o Espírito sofria por conta da luz, que exemplifica pelo fato de estar “enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates”. Infelizmente, não conseguimos identificar nada sobre essa casa, mas fica aí o registro.

11) **Revista Espírita 1865**, mês de dezembro:

Trecho de uma comunicação ocorrida na

Sociedade de Paris, a 29 de outubro:

Sede daqueles que se instruem; eu fui abatido na idade madura de meu orgulho, e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam aproveitáveis para aqueles que imitam meu raciocínio passado, **para evitar o abismo de trevas de onde vossos cuidados me retiraram.**

Vede, ainda há perturbação em minha linguagem; mais tarde, poderei vos falar com mais lógica; sede indulgentes com minha juventude espiritual.

M... L... (155)

Conselho de quem passou pela experiência: “abater o orgulho para não cair nas trevas”.

12) **Revista Espírita 1867**, mês de agosto:

Informa Allan Kardec “Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte”:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... **No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito**, ao que se me diz; mas não creio nos

Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... [...] também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto a vós. ⁽¹⁵⁶⁾

Interessante o relato que os Espíritos mais elevados, aqui visto como uma luz que o conduziu, trabalham incessantemente a favor de todos.

13) **Revista Espírita 1868**, mês de março:

Contém o artigo “Correspondência inédita de Lavater, com a Imperatriz Maria da Rússia”, datadas de Zurich, em 1798. O autor desses documentos, sobre o futuro da alma, trata-se de Johann Kaspar Lavater (1741-1801), escritor suíço, pastor protestante e fundador da fisiognomia (ou fisiognomonía), um movimento antirracional, religioso e literário ⁽¹⁵⁷⁾.

Citaremos um trecho da primeira carta, escrita em 1º de agosto de 1798:

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma

depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

“O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união.”

Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: ***“Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.”***

Cada alma separada de seu corpo, livre das cadeias da matéria, aparecerá a si mesma tal qual é em realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que impedem de se reconhecer e dever suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desapareceram. Ela sentirá uma tendência irresistível a se dirigir para as almas que se lhe assemelham, e a afastar-se daquelas que não se lhe assemelham. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravidade, **a atirá nos abismos sem fundo** (ao menos é assim que isso lhe parecerá); ou bem segundo o grau de sua pureza, ela se lançará como uma centelha levada pela leveza nos ares, e **passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.**

(¹⁵⁸) (itálico do original)

Temos mencionada a lei de afinidade judiciosamente representada na expressão “O semelhante atrai o semelhante” (¹⁵⁹), pela qual os espíritos se agrupam.

Fala também em “Abismos sem fundo”, ou seja, regiões de trevas, obviamente, em contrapartida com as regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

Vejamos, por oportuno, um trecho do “Preâmbulo” escrito pelo Codificador sobre essas cartas de Lavater:

As cartas de um amigo defunto que Lavater tinha juntado às **suas próprias cartas, são eminentemente espíritas; elas desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as ideias fundamentais do Espiritismo, e vêm em apoio de tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade.** As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que as cartas de um Espírito ao seu amigo na Terra não são senão uma forma poética que Lavater dá às

suas próprias ideias espiritualistas; mas aqueles que estão iniciados nas verdades do Espiritismo, as encontrarão em suas comunicações, tal como foram e são ainda dadas pelos Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns intuitivos, auditivos, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que o próprio Lavater tenha podido conceber e expor com uma tão grande lucidez e tanta precisão, ideias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma depois da morte e seus meios de comunicação com os Espíritos encarnados, quer dizer, os homens. **Estas ideias não podem provir senão dos próprios Espíritos desencarnados.** É indubitável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto para iniciá-los nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito de revelar aos homens, e do que estes últimos estão em estado de compreender. ⁽¹⁶⁰⁾

Fica bem claro, portanto, que Allan Kardec tem como verdades espíritas o que escreveu Lavater em suas cartas à Imperatriz Maria Feodorowna (1759-1828).

14) **Revista Espírita 1868**, mês de maio:

Trecho da comunicação do Espírito Philippeau:

O *médico*. Eu gostaria, de toda a minha alma, de vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder inteiramente; no entanto, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, acreditava que tudo estava acabado; portanto, quando a minha matéria ficou inerte, compreendi espantado que ainda me sentia vivo.

Vi esses homens me levarem, e disse a mim mesmo: No entanto, não estou morto! Eles não veem, pois, esses médicos imbecis, que eu vivo, que eu respiro, que eu caminho, que eu os olho, que os sigo, essas pessoas que vêm ao meu enterro!... Quem é, pois, que se enterra?... Não é, pois, a mim... Eu escuto uns e outros: “Esse pobre Philippeau, diziam, fez muitas curas; bem que matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte aí está, perdemos nosso tempo.” Inutilmente gritei: “Mas Philippeau não morre como esse; eu não estou morto!” eu não era ouvido, não era visto.

Três dias se passaram assim; eu havia desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo do que nunca. Seja acaso, seja a Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e disse a mim mesmo: Serei, por acaso, um Espírito?... Eu li, reli, e compreendi, então, a transformação de meu ser: eu não era mais um homem, mas um Espírito!... **Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? nessa nova esfera?...** Eu errava, procurava: **encontrei o vazio, a sombra, o abismo**, enfim.

O que tinha feito, pois, deixando o mundo,

para vir habitar essas trevas?... O inferno é, pois, negro e foi nesse inferno que caí?... Por quê?... Por que trabalhei toda a minha vida? Porque empreguei a minha existência para cuidar de uns e de outros, para salvá-los quando a minha ciência me permitiu?... Não! Não!... Por que então? Porquê?... procura! Procura!... Nada; eu não encontro nada. (¹⁶¹) (itálico do original)

Muitas vezes encontramos a referência a trevas como estado de inconsciência da própria morte, o que não parece ser o caso de Philippeau.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, foi publicado o artigo “Profissão de fé espírita americana”, dos itens 1 a 19 ressaltamos estes quatro:

3. Que há um mundo, ou estado espiritual, com suas realidades substanciais, objetivas tão bem quanto subjetivas.

8. Que o mundo espiritual não está longe de nós, mas que está perto, que nos cerca, ou que está misturado ao nosso presente estado de existência; e, conseqüentemente, que estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

9. Que, uma vez que os indivíduos passam constantemente da vida terrestre à vida espiritual,

em todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral, **o estado espiritual compreende todos os graus de caracteres**, do mais baixo ao mais elevado.

10. Que, uma vez que o céu e o inferno, ou a felicidade e a infelicidade, dependem antes dos sentimentos íntimos do que das circunstâncias exteriores, **há tantos graus para cada um quanto há de nuances de caracteres, cada indivíduo gravitando em seu próprio lugar por uma lei natural de afinidade**. Podem ser divididos em **sete graus gerais ou esferas; mas estes devem compreender as variedades indefinidas, ou uma “infinitude de moradas” correspondendo aos caracteres diversos dos indivíduos**, cada ser gozando tanto de felicidade quanto seu caráter lhe permite dela ter. ⁽¹⁶²⁾

Allan Kardec comenta os dezenove itens da “Declaração de princípios”, cujo parágrafo inicial transcrevemos:

Eis, pois, a base da crença dos espíritas americanos; se isso não é da totalidade, é ao menos a da maioria. **Essa crença não é mais o resultado de um sistema preconcebido nesse país do que o Espiritismo na Europa**; ninguém a imaginou; viu-se, observou-se e disto se tiraram conclusões. [...]. ⁽¹⁶³⁾

A reunião de Espíritos por afinidade é fato que não se tem dúvida. Bom, então os maus se agrupam com os de mesma vibração, eis aí um fundamento para a existência do umbral.

Diante de tudo isso que levantamos na Codificação, para nós fica bem fundamentado a existência de regiões de trevas, que não é nada impróprio as designar de Umbral.

Não seremos tão ortodoxos a ponto de exigir que sejam empregados os mesmos termos para designar a mesma coisa quando se está descobrindo uma nova realidade, pois é bem certo que, com o decorrer do tempo, um só deles sobressairá, geralmente o que for mais utilizado pelos estudiosos.

Fontes que se destacam a partir de abril/1869

Listaremos algumas obras publicadas após o desencarne de Allan Kardec, ocorrido em 31 de março de 1869, nas quais podemos ver algo sobre o nosso tema.

1) ***Revista Espírita 1869***, mês de novembro:

Lembramos ao leitor que, a partir do retorno do Codificador ao mundo espiritual, a *Revista Espírita* passou a ser administrada por seus sucessores. ⁽¹⁶⁴⁾, o que ele produziu finalizou no mês de abril de 1869, porquanto o material já estava pronto antes de sua morte.

Após uma comunicação de um Espírito sofredor, em Marseille, em setembro de 1869, manifestou-se Brunat, um dos guias protetores do grupo, aconselhando-o. De sua mensagem destacamos o seguinte trecho:

“Como vês, **a tua foi a vida de um egoísta: se**

não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. **Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os mereceste?** por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofredor e o infeliz. ⁽¹⁶⁵⁾

Por ter sido egoísta em vida, resultou em ir para as trevas. Eis a grande lição que serve a todos nós encarnados.

2) **Depois da Morte** (1889) e **No Invisível** (1903):

Nessas obras, em vários momentos, **Léon Denis** (1846-1927) fala de trevas. Mencionaremos, estes dois:

Outros Espíritos de ordem inferior **se acham mergulhados em uma noite profunda, em um completo insulamento no seio das trevas**. Sobre eles pesa a incerteza, o terror. Os criminosos são atormentados pela visão terrível e incessante das suas vítimas. ⁽¹⁶⁶⁾

Nada é mais impressionante que ouvir, **no curso das sessões de evocação**, a narrativa, a confissão das angústias suportadas pelo Espírito que empregou mal sua vida terrestre: – do egoísta, que só encontra em torno de si a indiferença e o vácuo, – do invejoso, que se vê imerso em uma sorte de noite profunda, pela acumulação de seus maus pensamentos, de seus malévolos propósitos.

Entre inúmeros fatos, citaremos o que se deu em nosso grupo de estudos: **o Espírito de uma antiga vendedora de legumes** de Amiens gostava de nos recordar sua perturbação e ansiedade quando, **após o falecimento, se achou em meio de espessas trevas**, efeito das rixas e maledicência a que frequentemente se entregava. Longa e penosa foi sua expectativa. Afinal, **depois de anos de incerteza, de sombrio insulamento, escutou vozes**: “Ora, Sofia; ora, e arrepende-te”, lhe diziam. Sofia orou; e sua prece fervorosa foi iluminando, como um pálido clarão, a noite fluídica que a envolvia. Segundo suas próprias

expressões, “a escuridão se tornava cinzenta”, de um cinzento que se ia cada vez mais atenuando, até que ela readquiriu a relativa liberdade dos Espíritos pouco adiantados. (167)

Por tudo que se vê nessas obras, não há dúvida quanto a crença de Denis na existência das trevas. Certamente é fruto das manifestações dos Espíritos nas reuniões no grupo que frequentava.

3) ***O Fenômeno Espírita*** (1893)

Na Parte terceira - Conselhos aos Médiuns e aos experimentadores e no tópico “As vidas sucessivas” da Parte Quarta - A Doutrina Espírita, respectivamente, **Gabriel Delanne** (1857-1926), esclarece-nos:

[...] nem todos os Espíritos que vivem na erraticidade estão no mesmo grau de adiantamento moral. Há grande número deles que não conhece o seu estado. Têm vida análoga à do sonho: vão e vêm, têm consciência de que existem, mas os acontecimentos desfilam diante deles sem que lhes seja possível classificá-los metodicamente. Experimentam sensações às vezes muito vivas, sem poder explicá-las. As causas disso lhes são estranhas, e a sua vontade é totalmente impotente para modificar-lhes a vida psíquica. Uns não se

acreditam mortos, e vivem da nossa existência, admirando-se de que não mais se responda às suas perguntas, ou de que aqueles a quem eles amaram pareçam não mais vê-los ou ouvi-los. **Outros acham-se em obscuridade profunda e buscam, inutilmente, conhecer o lugar em que estão: erram em silêncio e no seio de trevas espessas, as quais nenhum ruído, nenhuma claridade pode romper.** Para esses, a evocação é um benefício, porque o nosso pensamento vai arrancá-los desse estado infeliz, a fim de abrir-lhes a porta do túmulo espiritual em que se acham encerrados; mas, o seu estado não permite, as mais das vezes, que eles respondam, apesar de terem vontade de fazê-lo. ⁽¹⁶⁸⁾

Cada dia temos ocasião de verificar que Espíritos endurecidos voltam ao caminho do bem, devido às preces que fazemos por eles e às exortações que lhes dirigimos. Para muitos desses infelizes, a situação intolerável em que se acham parece-lhes eterna. **Mergulhados em espessas trevas, desde o momento em que deixaram a Terra, e sofrendo horrivelmente, acreditam que esse estado não terá fim,** e desesperam-se; mas, se um sincero arrependimento irromper do seu coração, seus olhos desvendam-se-ão: veem, então, sua verdadeira situação e pedem, como uma graça, para voltar à Terra, a fim de resgatarem, por uma vida de expiação e de sofrimento, os seus crimes anteriores. [...]. ⁽¹⁶⁹⁾

Portanto, para Delanne a realidade das trevas

era ponto pacífico.

4) **Pesquisas sobre Mediunidade** (1898):

Na terceira parte dessa obra, Gabriel Delanne cita o pesquisador **Richard Hodgson** (1855-1905), que, em 1882, se tornou membro da Sociedade de Pesquisa Psíquica, no Reino Unido.

Através da médium Leonora Evelina Simonds Piper (1859-1950), um seu amigo, designado pelo pseudônimo de Georges Pelham, manifestou-se demonstrando alegria por poder falar com os amigos. Destacamos o seguinte trecho do diálogo:

P. – Que faz você, Georges, e onde você está?

R. – Mal sou capaz de fazer qualquer coisa, ainda. Mal estou despertando para a realidade da vida depois da morte. **A princípio, fiquei numa espécie de trevas e não conseguia distinguir nada. Agora, os dias mais sombrios passaram, pode ter certeza**, Jim. Tudo era confuso, enevoado. Logo poderei ocupar-me. Atualmente, posso vê-los, meus amigos, posso ouvir você falar, Jim, distinguir sua voz com seu sotaque, mas ela ainda soa como um bombo. A minha deve chegar a vocês como um suspiro bem fraco... ⁽¹⁷⁰⁾

Não há base alguma para negar a confissão de Georges Pelham de ter estado “numa espécie de trevas”, porém que “os dias sombrios passaram”, e agora estava feliz.

5) ***A Vida Além do Véu*** (1921):

Em 15 de outubro de 1913, o Espírito Emma Owen envia uma mensagem através do médium e seu filho **rev. George Vale Owen** (1869-1931), da qual transcrevemos:

Aquele raio de luz, ou, talvez, melhor dissesse, “raio de poder e de vitalidade”, era tão forte que, se eles não protegessem a mulher, cercando-a com certa influência negativa, ela teria sido magoada, porque teria recebido um choque forte demais, para o qual não estava preparada.

Outro ponto é este. Aquele raio foi visto ao longe, **na região das trevas**, e pareceu-nos ouvir um murmúrio, que vinha de centenas de milhares de distância, através do vale.

Deparava-se-nos um fato extraordinário, pois **o som era de muitas vozes; umas de raiva e de ódio; outras de desespero; outras, finalmente, pedindo socorro e misericórdia.** E esses clamores, ao mesmo tempo que pareciam provir de um mesmo lugar, onde se achavam reunidos, ofereciam também a impressão de partir de pontos

diferentes. Não era fácil compreender o fenômeno no primeiro momento. [...].

Cada clamor, que era uma prova da existência do bem e do mal, em algumas almas humanas, naquela região, receberia a sua resposta que lhe era devida.

Quando a mulher nos foi entregue, deixamo-la, primeiro, descansar, proporcionando-lhe os meios que sobre ela tivessem influência calmante e restauradora, e depois, quando se tornou mais animada, levamo-la para uma casa onde está sendo tratada devidamente.

Não lhe fizemos nenhuma pergunta. Ela é que tinha a liberdade de nos dirigir as poucas que podia formular. **Foi então que vim a saber que a pobre criatura houvera estado naquela região de trevas, durante mais de vinte anos.** Vim a saber, ainda, alguns tópicos da sua vida terrestre, que não bastam, porém, para dar uma narrativa seguida. ⁽¹⁷¹⁾

Em *Nosso Lar*, temos notícia de que André Luiz teria ficado por 8 anos no Umbral. Nessa narrativa, temos um espírito de uma mulher que ficou lá mais de vinte anos e que foi ajudado por outros Espíritos.

6) ***Trinta Anos Entre os Mortos*** (1924):

Vejamos, inicialmente, a opinião do autor **Dr. Carl August Wickland**:

[...] Será visto em nossa relação de casos, que os **espíritos obsessores falam às vezes de um “calabouço”** em que são encerrados os espíritos rebeldes; os espíritos que se apoderam do médium se queixam com frequência de que estão reclusos em um calabouço.

Devido a uma determinada lei psíquica, os espíritos superiores podem colocar os espíritos ignorantes em uma situação que se pode chamar de cárcere, rodeando-os com um muro impenetrável, donde não podem escapar. E dentro dessa cavidade permanecem, sem ver outra coisa que sua própria imagem e tendo sempre ante os olhos suas ações passadas, até que se arrependam e deem provas de estarem dispostos a adotar um novo comportamento, conformando-se com as leis espirituais do progresso. ⁽¹⁷²⁾

Agora vamos às manifestações dos Espíritos, através da Senhora Wickland, por incorporação, no sentido literal do termo:

1 – Espírito: Senhor Hesselroth, 29/09/1920:

Espírito: - Vim somente para dizer-lhes umas palavras, porque **me ajudaram a sair das trevas**, e me converteram em um dos membros do “Grupo da Misericórdia”, que se dedica a prestar socorro.

Médico: – Quem é você, amigo?

Espírito: – Sou um dos seus colaboradores.

Costumo vir às vezes, e esta noite venho para dizer umas palavras, nada mais. **Houve um tempo em que estava nas trevas**, porém agora sou um dos desse Grupo. Pensei que lhes agradaria sabê-lo. **Se não fosse por vocês, provavelmente continuaria na escuridão.** Já se passaram muitos anos. [...]. ⁽¹⁷³⁾

2 – Espírito: o pai do Espírito Minnie Day, 15/01/1918:

Espírito: – Perdão! Perdão! Não sabia o que fazia. Eu não quis matá-la, Minnie. Estava muito nervoso, porque as crianças bagunçavam tanto... Estava, ainda, muito triste pela morte de minha esposa. Concedam-me uma oportunidade! Concedam-me uma só oportunidade! Também tenho sofrido muito. Se pudesse voltar à vida! **Tenho permanecido durante muito tempo nas trevas**, sem que ninguém pudesse vir ao meu socorro, sem poder aproximar-me dela para lhe pedir perdão, pois era só me aproximar que se assustava. [...]. ⁽¹⁷⁴⁾

Espírito: – Eu não sou digno de acompanhar minha mulher, mas me esforçarei para ser bom (chorando). Minnie, por que não perdoa o seu pai? Minha filha querida, não quis matá-la. Perdoa seu pai. Depois deste momento, em que despertei, **voltarei a desaparecer na escuridão?** Estou desperto ou sonhando? Minnie, não fuja de seu pai. Perdoa-me! ⁽¹⁷⁵⁾

3 – Espírito: Senhor Mallory, 09/03/1921:

Espírito: – Observe todos esses demônios que há aqui. (Invisíveis). Ouça como blasfemam e como riem. Dizem: “Te conheço, te conheço!” Observe neste que está sentado aí; fixe-se em todos. Escute como riem. Indicam-me que faria bem lhe dizer que rezem por eles, porque **se encontram no meio das trevas.** ⁽¹⁷⁶⁾

Espírito: – Meu nome? Sim, me chamo Mallory. Diziam que eu era um dos loucos que riem. Graças a vocês todos por sua paciência. Quando eu vim estava louco de ódio, mas isso já passou. Que Deus abençoe a todos. Tenho que chamar-lhe meu salvador, porque **você nos salvou das trevas** em que encontrávamos e não trouxe a um lugar admirável. Clara, venha você também, porque amo-lhe profundamente. Agora tudo está bem. ⁽¹⁷⁷⁾

4 – Espírito: Emily Julia Steve, 23/01/1918:

Espírito: – Você é que me faz sofrer, que não sei como faz para me aplicar uma coisa estranha nas costas. (Refere-se ao tratamento estático da enferma.) Não vejo a razão de sua conduta. É também **quem me mantém encerrada em um calabouço.** Com certeza é o que me detinha no calabouço. Mas quem é você, afinal de contas? ⁽¹⁷⁸⁾

5 – Espírito: John Sullivam, 13/01/1918:

Médico: – E onde esteve ultimamente?

Espírito: – **Andei perdido nas trevas.** Saí de minha casa e não pude ver mais nada. Parecia que

havia ficado cego. ⁽¹⁷⁹⁾

Médico: – Você tem atormentando uma mulher, e tive que afugentá-lo valendo-me da eletricidade.

Espírito: – (Tentando recomeçar a luta.) Já pego você! **Aposto que é um dos que me enfiaram naquele calabouço.** Vou ver se pego essa mulher e a destruo. ⁽¹⁸⁰⁾

Espírito: – **Foi você o que me meteu no calabouço?**

Médico: – **Não, foram certos espíritos inteligentes.** Você é um espírito egoísta, egoísta até não poder mais. Faça um esforço para compreender sua verdadeira situação. Nós estamos fazendo tudo o que podemos para que abra os olhos à verdade. ⁽¹⁸¹⁾

Espírito: – Está bem, leve a sua mulher. Não preciso dela para nada. Escute, mamãe, é inútil que continuem você e Lizzie aí ao lado, chorando, porque não a perdoarei jamais.

Médico: – **Se não perdoar** agora, em que tem semelhante oportunidade, **quando se retirar daqui irá para um escuro calabouço**, onde permanecerá até que se arrependa. Faça um esforço para compreender que você é que tem culpa de tudo.

Espírito: – Não perdoarei.

[...].

Médico: – Se não se mostrar propício ao perdão, lhe esperam ainda grandes dores.

Espírito: – **Não me importa permanecer neste**

calabouço de que você fala. Veja você, mamãe, o resultado de sua obra. Não está orgulhosa de seu filho? Tudo é obra sua. ⁽¹⁸²⁾

Comenta Dr. Wickland:

Não houve maneira de fazer com que este espírito abrisse os olhos à verdade de seu estado, e **foi necessário retirá-lo, enviando-o a um “calabouço”** até que aprendesse a se dominar e se desprendesse de seu ódio pela humanidade. ⁽¹⁸³⁾

6 – Espírito Pete Nidemeyer, 21/09/1918:

Isto me custou muito trabalho. Tive que começar por dominar a mim mesmo, e é muito difícil dominar o próprio egoísmo, quando durante toda a vida não se pensou em outra coisa que em satisfazer esse egoísmo. Antes de realizar algum progresso no mundo espiritual, há que se dominar o egoísmo.

O melhor recurso para isso é que **nos coloquem em uma habitação escura; às vezes a chamamos de calabouço.** Estando ali, não vemos mais que a nós mesmos e os nossos atos da vida passada. Estes atos vão sucedendo um a um em nossa vista. Nossas boas ações são tão poucas, que parece quase pertencerem a outras pessoas. E até que não se abram nossos corações e nossa inteligência, não saímos daquela reclusão. Porém quando nos propomos dominar nossos maus hábitos e viver para favorecer aos demais, nosso egoísmo cai por vencido. ⁽¹⁸⁴⁾

Em 30/08/1922, manifesta-se outra vez:

Agora procuro cumprir a tarefa que tenho no mundo espiritual, e não posso deixar de agradecer por haverem aberto meus olhos e por terem despertado minha compreensão à verdade. Acudo a pequenas reuniões em diferentes lugares, e procuro alentar com algumas perspectivas agradáveis aos que estão nas trevas. ⁽¹⁸⁵⁾

7 – Espírito: Senhora X, uma amiga do Dr. Wickland que se suicidara, sem data:

“Teria dado tudo para poder voltar a tomar posse de meu corpo. Tenho passado por todos os horrores do desespero e do remorso! Meu lar destruído, meu marido desconsolado e abatido, meus pequenos sem ninguém para cuidá-los...

Ignoram que estou sempre a lado deles e faço todo o possível para consolá-los, **ainda que até agora tenha vivido entre trevas e escuridão.**”
⁽¹⁸⁶⁾

Novo registro da manifestação da Senhora X:

Em 20 de novembro de 1904, durante uma visita que minha esposa e eu fazíamos a uns amigos em Chicago, organizamos um círculo psíquico, e durante o mesmo a senhora Wickland ouviu uma voz que dizia:

– **Estou na escuridão.**

Perguntou quem havia feito esta observação, mas nenhum dos que se encontravam ali reunidos

havia aberto a boca; no entanto, o cavalheiro que estava sentado ao lado da senhora Wickland ouviu também estas palavras.

Quase em seguida a senhora Wickland caiu em transe hipnótico e desabou no chão. O espírito levava as mãos ao pescoço e gritava:

– Tirem a corda! Tirem a corda! **Estou na escuridão**. Por que fiz isso? Por que o fiz? ⁽¹⁸⁷⁾

8 – Espírito: Minnie Harmening, 20/10/1918:

O espírito chorava desconsoladamente e sem poder se dominar. Não houve maneira de fazê-lo falar nos primeiros momentos, porém bruscamente gritou:

– Fui eu mesma que fiz! Fui eu mesma que fiz! Ninguém pode me socorrer agora. Eu queria falar a todos e que todos me compreendessem. Mas não me fariam caso. **Estou nas trevas** e só posso ver meu passado e todas as loucuras que cometi. Fui uma jovem amalucada.

[...].

– [...] Não sei o que fazer, porque tudo o que me ocorre é muito estranho. Queria poder dizer às pessoas do tribunal que não estou morta, que ainda estou viva. Porém, por que não me escutam? É tal a minha angústia que não sei o que fazer. Se tivesse tido um pouco mais de cabeça não teria feito jamais o que fiz; mas é inútil o quanto fale agora, porque é demasiado tarde. Queria estar dentro do meu corpo. Estudei muito, mas de nada me serviu, porque era uma jovem alucada. Agora estou sofrendo por isso. **Não vejo mais que**

trevas e não sei como sair desta situação difícil.
(¹⁸⁸)

9 – Espírito: Ralph Stevenson, 22/02/1919:

Espírito: – Houve um tempo em que eu acreditava em Deus, e houve um tempo em que acreditava nos céus e no inferno, mas já não creio nessas coisas. **Estou rodeado de escuridão e de trevas**, mas minha consciência me acusa. Deixem-me esquecer! Quero esquecer, quero esquecer!

Médico: – Você sabia que já perdeu seu corpo físico?

Espírito: – Não sei nada.

Médico: – Por que se encontra aqui?

Espírito: – Vejo todos que estão aqui; não conheço nenhum de vocês, mas ao olhar seus rostos me parecem boas pessoas. Por que me acolheram entre vocês e me dão um pouco de luz e um pouco de felicidade? Faz muitos anos que não conheço nem uma coisa nem outra.

Médico: – Qual é a causa de todas as suas penas?

Espírito: – É por que não há Deus? **Por que há de me deixar nesta escuridão e nestas trevas?** Eu era um bom rapaz, mas me fiz... Não posso dizer! Não devo dizer! Não devo! (Dando sinais de grande excitação.) (¹⁸⁹)

10 – Espírito: Minnie Morgan, 26/07/1922:

Muitos outros haviam ensinado antes essa

doutrina. Pude ver que existiram no passado muito outros mestres como Cristo. Confúcio foi um deles. Seus ensinamentos são idênticos aos de Cristo.

Eu não teria conseguido a mansão que tenho agora no mundo dos espíritos se não houvesse encontrado contrariedades, e se não me houvessem instruído acerca da verdadeira vida. Eu tinha sido uma grande pecadora; já lhes expliquei minha inclinação pela morfina. Quando meu espírito se afastou do corpo, continuei com ela. A faculdade de desejar é privativa da alma, não do corpo. O corpo é uma espécie de manto ou vestido com que se cobre a alma. Todos os desejos vitais, todas as faculdades que pertencem à alma nos acompanham ao sepulcro e vão conosco até mais além do mesmo. Que teria sido de mim se não houvesse aprendido a maneira de dominar meus desejos? Teria sido um espírito apegado à Terra e teria acabado por entrar na aura magnética de alguma pessoa sensível, convertendo-a em uma vítima da morfina, a fim de ver satisfeitos assim os meus desejos, ainda que arruinasse desta maneira a vida da pessoa sensível. **Haveria permanecido na esfera terrestre durante muitíssimos anos**, arruinando, uma depois outra, muitas vidas.

[...].

Algumas pessoas creem que lhes basta aprender a lição da verdade para penetrar na Glória dos céus. Porém o céu é uma condição em nós mesmos. Tive que vencer pouco a pouco meus desejos de morfina até que pude exclamar: “Para mim a morfina já não existe.”

Quando cheguei a este ponto, vieram ao meu encontro meus amigos e meus parentes, e me disseram: “Agora você está preparada para vir conosco à mansão que lhe destinamos.” Até então tive que progredir pelo meu próprio esforço. **Não estava em um calabouço escuro, coisa que ocorre a muitos**, mas ao redor de mim não via nada além de mim mesma. Diz o Grande Livro que Cristo desceu às esferas inferiores para ajudar e ensinar. Todos nós devemos ensinar e ajudar aos caídos, dando-lhes força para sobrepujarem os seus vícios. ⁽¹⁹⁰⁾

11 – Espírito: Wallace R., 17/10/1923:

Espírito: – Quis voltar para avançar um pouco mais no conhecimento da vida. Foi pouco o que pude aprender da última vez que estive aqui. **Estou entre trevas...** e tenho que corrigir-me de meu antigo hábito físico, que permaneceu incrustado em minha alma. ⁽¹⁹¹⁾

12 – Espírito: John J. A., sem data:

Médico: – É necessário que você compreenda que se encontra no mundo dos espíritos, e que certos espíritos que estão aqui ensinarão a maneira de sair de sua atual cegueira.

Espírito: – **Começo a ver um pouco. Vi a luz por um momento**, mas a porta fechou **outra vez e fiquei novamente na escuridão**. Estive durante algum tempo ao lado de minha mulher e de meu filho, mas ninguém olhava para mim. Voltou a fechar novamente a porta e me encontro

novamente na intempérie.

Médico: – É que você ainda não compreendeu seu verdadeiro estado.

Espírito: – E o que é que me ocorre? **De onde vem essa escuridão?** Como poderei sair dela? Nunca me encontrei com tantas dificuldades. Senti-me bem durante um instante; ouvi alguém falar. Agora volto a vê-lo. É talvez o senhor Stad?

Médico: – Este senhor esteve falando um momento antes que você chegasse, e é provavelmente quem lhe trouxe para que o ajudássemos, pois nós nos dedicamos a despertar **os espíritos apegados à Terra, que se encontram nas trevas.**

Espírito: – **Esta escuridão é terrível.** Parece que estou nela há muito tempo.

Médico: – Compreenda que não existe em realidade a morte. A vida se prolonga no mundo dos espíritos, no qual todos devem ajudar os outros se quiserem evoluir.

Espírito: – Reconheço que não fui durante minha vida o que deveria ter sido. Vivi nada mais que para mim, buscando as diversões e desperdiçando dinheiro. Até agora não vi mais do que minha vida passada; **tenho estado entre trevas, e isso é terrível.** Apresentam-se ante meus olhos todas as ações de minha vida passada. Quero fugir delas, mas não posso. Tenho-as a todo momento diante de mim, acusando-me, porque pude ter vivido de outra maneira. Tive muitas ocasiões de fazer o bem, mas é demasiadamente tarde.

Médico: – Quando uma pessoa vive sem pensar em nada mais que em si mesma, é comum que se veja perdida nas trevas após passar ao outro plano da vida. É necessário que você abra os olhos às glórias da vida espiritual, e compreenda que a vida consiste em servir aos demais. Esse é o verdadeiro céu, que não é mais que uma condição de nossa alma.

[...].

Espírito: – E onde estive durante todo este tempo? Tenho sentido fome e frio. **Às vezes parecia encontrar-me encerrado em um aposento muito escuro**, sem ver outra coisa que uma projeção de toda minha vida passada. ⁽¹⁹²⁾

13 – Espírito: Anna H., em 08/12/1918:

Espírito: – Alfred me diz que é hora de ir. Acreditei que havia tido um sonho e que morreria; porém lutei e lutei durante muito tempo. Creio que não queria morrer, e por isso pus intranquila toda a minha força de vontade, para conseguir continuar vivendo todo o tempo que me fosse possível. Certo dia me senti muito débil e fiquei dormindo durante algum tempo; mas voltei a despertar, porque queria viver. Tomaram-me por morta, mas não estava. Só estava dormindo. Queria viver, porque tenho muito apego à vida; estive enferma muito tempo e sofri intensamente. Voltei a dormir e continuei assim durante muito tempo, e quando despertei me encontrei perdida nas trevas e não via nada. **Tudo estava escuro, escuríssimo. Não via luz alguma e tudo estava escuro. Senti-me aflita, perdida**

nas trevas. [...]. ⁽¹⁹³⁾

14 – Espírito: Senhora Simons, 27/10/1919:

Espírito: – Aproximei dela porque **não via senão escuridão por todas as partes.** Parece como se houvesse estado dormindo e que de repente houvesse despertado. Vi então uma luz e me encontrei aqui. Estando com ela via uma luz muito pequena. Diga-me uma coisa. Como foi que vim aqui? Não acredito que minha amiga esteja correta. Como ela veio para a Califórnia? ⁽¹⁹⁴⁾

15 – Espírito: Alicia, 06/10/1920:

Médico: – É seu corpo o que está morto; você não está. Paulo disse: “Temos o corpo natural e temos o corpo espiritual.” Você sabe em que ano estamos? Em 1920. **Não se dá conta de que estive nas trevas durante algum tempo?**

Espírito: – **É certo; estive nas trevas** e não recordo bem as coisas.

Médico: – Isso ocorreu porque não tinha contato físico e tampouco compreendia a vida superior. Trouxeram-na aqui para que nós lhe prestássemos ajuda. Mas só poderá permanecer aqui muito pouco tempo.

Espírito: – E aonde irei?

Médico: – Ao mundo espiritual. [...]. ⁽¹⁹⁵⁾

16 – Espírito: Doutor Root, 01/01/1924:

Se se formassem pequenos grupos como este e se concentrassem mentalmente fazendo um esforço para alegrar a humanidade, esta seria melhor. Esta pequena luz da concentração parece coisa pequena, mas é de grande utilidade para **os que vivem na escuridão** e para os que se encontram rodeados de dificuldades. ⁽¹⁹⁶⁾

Sim, estendemos um pouco as citações da obra, mas quando se trata de tema polêmico, não economizamos casos e/ou fontes.

7) **Visões do Mundo Espiritual** (1926):

Nessa obra vamos encontrar uma breve descrição da vida espiritual por **Sadhu Sundar Singh** (1889-1929?) ⁽¹⁹⁷⁾. Devemos dar-lhe o devido desconto, porquanto, ao que tudo parece era adepto do catolicismo. Inicialmente, transcrevemos este parágrafo do Prefácio:

Há repetidas menções de Espíritos, Santos e Anjos nesse livro. A distinção que farei entre eles será esta: Espíritos são ambos, bons e maus, os quais após a morte existem em um estado intermediário entre o céu e o inferno. Santos são aqueles que têm passado por esse estágio para a esfera superior do mundo espiritual, e têm tido especial serviço atribuído a eles. Anjos são aqueles

seres gloriosos aos quais todo tipo de serviço superior tem sido atribuído, e entre eles estão incluídos muitos santos de outros mundos, assim como do nosso mundo, os quais vivem todos juntos como uma família. Eles servem uns aos outros em amor e, na refulgência da glória de Deus são eternamente felizes. O *Mundo dos Espíritos* significa aquele estado intermediário no qual os espíritos entram depois de deixarem os corpos. *Mundo Espiritual* significa todos os seres espirituais que **progridem através dos estágios entre a escuridão do abismo sem fim e o trono do Senhor na luz.** ⁽¹⁹⁸⁾ (itálico do original)

Vejam agora o que encontramos em seus vários capítulos:

[...] Às vezes, em casos de grande fraqueza, ou após acidente, o espírito parte – enquanto o corpo ainda está inconsciente. Então os espíritos daqueles que viveram sem pensar em, ou se preparar para, entrar no mundo espiritual, sendo **assim de repente transferidos para o mundo dos espíritos, estão extremamente desnorteados** e em um estado de grande aflição em relação ao seu destino, de modo que, **por um considerável período eles têm que permanecer nos planos mais baixos e escuros do estado intermediário.** Os espíritos **dessas esferas inferiores** muitas vezes incomodam muito as pessoas do mundo. [...]. ⁽¹⁹⁹⁾

Uma vez, no curso de uma conversa, os santos me deram esta informação: “**Após a morte**, a alma de todo ser humano entrará no mundo dos espíritos, e cada um de acordo com o estágio de seu crescimento espiritual, **habitará com espíritos de mesma mente e natureza que ele mesmo, seja na escuridão ou na luz da glória.** [...]”⁽²⁰⁰⁾

Quão diferentes desses são as almas daqueles cujas vidas têm sido más. Constrangidos na companhia dos Filhos da Luz, e atormentados pela totalmente reveladora luz de Glória, eles lutam para se esconder em lugares onde suas naturezas impuras e manchadas pelo pecado não sejam vistas. **Da parte mais baixa e mais escura do mundo dos espíritos uma fumaça preta e malignamente mal cheirosa surge**, e em seus esforços para esconderem se da luz, esses Filhos da Escuridão despencam e se lançam de cabeça para dentro dela, e dela, seus amargos lamentos de remorso e angústia são ouvidos emergindo constantemente. Mas o céu é planejado de tal modo que a fumaça não é vista, nem os lamentos de angústia são ouvidos pelos espíritos no céu, a menos que algum deles por alguma razão especial deseje ver a **terrível situação dessas almas na escuridão.**⁽²⁰¹⁾

[...] Perguntei a um dos anjos qual seria o fim deste homem, e ele respondeu: "Se a vida deste homem tivesse sido totalmente má, **então ele iria imediatamente se juntar aos espíritos da escuridão**, mas ele não é sem um senso moral; de modo que por muito tempo irá cegamente vaguear

em círculos, na penumbra das partes mais baixas do estado intermediário, e continuará batendo sua cabeça filosófica, até que, cansado de sua insensatez, ele se arrependerá. [...]. ⁽²⁰²⁾

[...] Mas há ainda outro mundo de espíritos, que é a morada temporária dos espíritos depois que eles deixam o corpo na morte. Este é um estado intermediário – um estado entre a glória e a luz dos mais altos céus, e **a obscuridade e escuridão dos infernos mais baixos**. Nele existem inumeráveis planos de existência, e a alma é conduzida àquele plano para o qual seu progresso no mundo a ajustou. Lá, anjos especialmente designados para este trabalho a instruem por um tempo, que pode ser longo ou curto, antes que ela vá para se juntar à sociedade daqueles espíritos – bons espíritos na maior luz, ou **maus espíritos na maior escuridão** – que são semelhantes na mente e em natureza com ela mesma. ⁽²⁰³⁾

[...] Ele tinha estado ocupado demais para pensar em Deus ou em coisas espirituais. Ao mesmo tempo que ele tinha morrido um outro também tinha, o qual era um cético, obstinado em suas opiniões. **Ambos foram ordenados a permanecer por um longo período longe no mundo dos espíritos em um lugar de escuridão**. Nisto, estando em aflição, começaram a gritar por ajuda. Santos e anjos, em amor e simpatia, foram instruí-los para que pudessem entender como tornarem-se membros do Reino de Glória e Luz. Mas, apesar da sua angústia, **como muitos outros espíritos, preferiam permanecer em sua**

habitação sombria, pois o pecado tinha distorcido todo o seu caráter e natureza de modo que duvidavam de tudo. [...]. ⁽²⁰⁴⁾

Uma vez vi no mundo dos espíritos um espírito que, com gritos de remorso, estava correndo como um homem louco. Um anjo disse: “No mundo este homem teve muitas chances de se arrepender e se voltar para Deus, mas sempre que sua consciência começava a incomodá-lo ele costumava afogar sua voz na bebida. [...] No mundo ele bebeu para fazer a si mesmo esquecer da voz de sua consciência, mas aqui não há a menor possibilidade de encobrir nada. Agora, sua alma está tão nua que ele próprio e todos os habitantes do mundo espiritual podem ver sua vida pecaminosa. Para ele, em seu estado endurecido pelo pecado, nenhum outro caminho é possível, **senão que ele deva se esconder na escuridão com outros espíritos malignos**, e então, em certa medida, **escapar à tortura da luz.**” ⁽²⁰⁵⁾

Um homem, que alguns anos antes matara um pregador cristão, foi mordido por uma cobra na selva e morreu. Quando ele entrou no mundo dos espíritos ele viu bons e maus espíritos ao seu redor e, porque **o aspecto total da sua alma mostrava que ele era um filho da escuridão, os espíritos malignos** logo tiveram posse dele, e **o puxaram junto com eles para baixo em direção a escuridão.** ⁽²⁰⁶⁾

O homicida disse em resposta: “Não há necessidade de confessar meus pecados, pois eles

estão abertos a todos. No mundo eu poderia escondê-los, mas não aqui. Eu quero viver com santos como você no céu, mas quando eu não posso suportar a opacidade da luz auto-reveladora no mundo dos espíritos; [...] em mim. Agora já não há nada para isso, apenas que eu seja direcionado para fora daqui para sempre. Ai de mim por meu estado infeliz!” Ao dizer isso, atingido pelo medo, **ele caiu, e seus companheiros espíritos malignos arrastaram-no para a escuridão.** ⁽²⁰⁷⁾

[...] Aquele que mente fere e engana a ninguém senão a si próprio, de modo que este homem, ao mentir, tinha matado a percepção interior da verdade que ele possuía outrora. Eu o observei quando, inextricavelmente emaranhado em seu próprio engano, **ele virou o rosto para longe da luz de cima e correu para longe para baixo, para a escuridão**, onde ninguém poderia ver seu sujo amor de mentir, exceto aqueles espíritos que eram semelhantes a ele mesmo em natureza. ⁽²⁰⁸⁾

Um assaltante morreu e entrou no mundo dos espíritos. No início, ele não tomou interesse pelo seu estado ou pelos espíritos que o cercavam, mas, como era seu hábito, imediatamente começou a se servir dos objetos de valor do lugar. [...] Ele se voltou para os espíritos que vieram para instruí-lo, como se ele os fosse fazer em pedaços, como um cão selvagem faria mesmo na presença de seu dono. Nisso, um dos anjos disse: **“Se espíritos desse tipo não fossem mantidos na escuridão do poço do abismo, eles causariam então um imenso dano aonde quer que fossem.**

A consciência desse homem está tão morta que, mesmo depois dele ter alcançado o mundo dos espíritos, ele falha em reconhecer que, ao assassinar e assaltar no mundo, ele tinha desperdiçado sua própria riqueza espiritual e destruído seu próprio discernimento espiritual e sua vida. [...].”

Depois disso, **os anjos designados para o dever o tomaram e o prenderam na escuridão da qual ele não é permitido de sair.** O estado dos malfeitores naquele lugar é tão terrível, e tão inexprimivelmente feroz é o tormento deles, que aqueles que os veem estremecem com a visão. ⁽²⁰⁹⁾

Na parte escura do mundo dos espíritos, que se chama Inferno, existem muitos graus e planos, e o local em particular em que qualquer espírito vive em sofrimento, depende da quantidade e do caráter de seus pecados. [...]. ⁽²¹⁰⁾

[...] Neste mundo dos espíritos, o progresso espiritual de qualquer um governa o grau em que ele é capaz de conhecer e sentir Deus; e o Cristo também revela Sua forma gloriosa a cada um de acordo com o seu esclarecimento e capacidade espiritual. **Se Cristo fosse aparecer na mesma luz gloriosa aos moradores das escurecidas esferas inferiores do mundo espiritual, como Ele aparece para àqueles em planos mais elevados, então eles não seriam capazes de suportar.** [...]. ⁽²¹¹⁾

Não podemos deixar de destacar esta expressão “Escapar à tortura da luz” (212), constante dessa obra, com “castigo pela luz” (213) dita por Mesmer, e provavelmente se referem à mesma coisa.

8) **A Crise da Morte** (1930):

Obra de autoria de **Ernesto Bozzano** na qual apresenta trinta relatos de Espíritos sobre o que sentiram após o desencarne. Logo no início da Introdução, ele deixa bem claro:

[...] De fato, **das investigações empreendidas surge a prova de que as abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si**, no que se refere às informações de ordem geral. Estas são também as únicas que se exigem de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, pois as aparentes divergências de ordem secundária que se encontram nas próprias revelações derivam claramente de causas múltiplas, perfeitamente justificáveis. [...]. (214)

A nosso sentir, temos aqui que, em suas pesquisas, Ernesto Bozzano, inegavelmente, aplicou

o Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Um pouco mais à frente, completa:

[...] Portanto, seria mais prático aproveitar o **imenso material** que se acumulou nesses últimos anos **sobre revelações transcendentais**, para **empreender-lhe uma severa seleção, classificá-lo, analisá-lo, compará-lo**, tendo-se o cuidado de obter informações a respeito dos conhecimentos específicos de cada médium com relação às doutrinas espíritas. Bem, **essa era a tarefa a que eu me havia proposto realizar com as minhas laboriosas pesquisas, às quais já dediquei diversos anos de trabalho.** Entretanto, observando que o volume do material reunido, e em parte comentado, assumia proporções tais que impediriam a sua publicação, julguei aconselhável limitar-me a um ensaio dos resultados obtidos, expondo um número adequado de “mensagens transcendentais” relativas **às impressões sentidas no momento da entrada no mundo espiritual pelas personalidades dos desencarnados** que se comunicaram, mas tendo ao mesmo tempo o cuidado de alertar que esta seção do livro, relatando aquelas mensagens, embora seja teoricamente interessante e sugestiva, não é a mais eficaz para demonstrar a tese aqui defendida – a das concordâncias existentes entre os dados fornecidos pelos desencarnados sobre a existência espiritual – e não é a mais eficaz nesse sentido, pois sendo esta uma simples parte inicial do tema, seção em **que se expõem episódios**

sobre os quais são exercidos, com plena eficiência, os efeitos da “lei de afinidade”, deriva dela que cada espírito desencarnado deve gravitar necessariamente rumo àquele estado espiritual com o qual se identifica com o grau de evolução psíquica alcançado como consequência do trânsito da existência encarnada; isso não pode determinar diferenças muito consideráveis nas narrações que chegam até nós, feitas pelos desencarnados acerca da sua primeira entrada no plano espiritual. **De qualquer maneira, veremos que tais divergências ocorrem unicamente nos *detalhes secundários***, tanto pessoais como de ambiente, jamais, porém, nas correspondentes condições de *ordem geral*. ⁽²¹⁵⁾ (itálico do original)

A existência de agrupamentos dos Espíritos por afinidade evolutiva é um detalhe que se vê confirmar.

E no último parágrafo, antes de apresentar os casos, explica:

Passando para a exposição dos casos citarei, antes de mais nada, **alguns episódios extraídos de obras dos primeiros pesquisadores**, a fim de deixar bem claro que desde os primórdios do movimento espiritualista já **se conseguiam mensagens mediúnicas em que eram descritos o ambiente e a existência espirituais em termos idênticos aos que**

se conseguem hoje em dia, e isso apesar de a mentalidade dos médiuns da época ser dominada pelas concepções tradicionais a respeito do paraíso e do inferno e, conseqüentemente, de estar bem longe de alimentar expectativas de receber **mensagens de desencarnados que afirmassem que o mundo espiritual era o mundo terreno espiritualizado.** ⁽²¹⁶⁾

Esclarece que na sua pesquisa surgiram descrições que correspondem as que outros pesquisadores informaram.

Agora transcreveremos a narrativa de cinco casos nos quais os Espíritos contam suas experiências e percepções quando do seu retorno ao mundo espiritual:

1º) Caso II [Dr. Horace Abraham Akley]:

[...] vi dois espíritos que eu não conhecia, para os quais me senti atraído por um sentimento de afinidade. Fiquei sabendo que eles haviam sido dois homens bastante cultos e inteligentes, mas que, como eu, não tinham se preocupado, durante a vida, em desenvolver neles mesmos os elevados princípios da espiritualidade. Eles me chamaram pelo nome, apesar de eu não tê-lo dito, e me acolheram com tão benévola familiaridade que me senti agradavelmente confortado. Com eles abandonei o lugar em que havia morrido, e onde

ficara retido até aquele momento. **A paisagem que atravessei pareceu-me nublada, escura, mas aquelas sombras me conduziram para um lugar onde encontrei reunidos numerosos espíritos,** entre os quais muitos de pessoas que eu conhecera em vida e que estavam mortas há algum tempo... ⁽²¹⁷⁾

2º) Caso VI [Amicus]:

“Mas então onde se encontra o espírito recém-nascido? Muito bem: ele emergiu naquele estado de existência que as suas condições mentais, morais, espirituais tornavam o único possível para ele. **O plano que o acolhe é determinado pelo grau de espiritualidade em que se encontra.** Através da morte ele alcança aquela morada espiritual que preparou para si mesmo e não pode ir para nenhum outro lugar. São as qualificações espirituais que fazem com que ele grave com infalível precisão para aquelas condições de existência que são matematicamente correspondentes aos seus méritos e deméritos. A grande “lei de afinidade” governa o processo, que se mostra inexorável. Depois da morte, o homem vai para o ambiente que ele preparou para si mesmo e não pode acontecer outra coisa. **Ele encontra os próprios semelhantes, gravita rumo àquelas regiões espirituais onde ficará plenamente à vontade, como na própria casa.** A sua futura morada já se encontra no âmbito da própria alma, e **os seus companheiros espirituais são os seres semelhantes a ele.** Em outras palavras: o espírito desencarnado, graças à

benéfica e justa “lei de afinidade”, por força da qual 'cada semelhante atrai o seu semelhante', **gravita no único ambiente que pode adaptar-se às suas condições de evolução espiritual, de elevação moral, de cultura intelectual, da forma que ele mesmo determinou pela própria atividade terrena. Ele vai para onde deve ir...**”(218)

3º) Caso IX [irmão da médium Mrs. Hope Hunter]:

“Afim de contas, há muito de verdade naquilo que o nosso pároco apregoava do púlpito... Existe realmente uma vida eterna. Pelo menos é nisso que nós todos acreditamos; enquanto aqueles que levaram na Terra uma existência moderadamente honesta e boa vão para um lugar que pode ser considerado um paraíso, **aqueles que tiveram uma vida depravada e má acabam indo para outro lugar que pode ser definido justamente como um 'inferno'...**” (219)

4º) Caso XII [capitão Hinchliffe]:

“[...] Querida Emília, **haverá indivíduos que não vão acreditar nas minhas palavras**, mas eu declaro a você que tenho plena certeza de tudo o que afirmo. O nosso espírito tem uma natureza bastante delicada a esse respeito, a ponto de uma mudança brusca de condições poder determinar repercussões e desorganizações na malha etérea do corpo que o reveste...

“Se você me perguntar onde estou, o que vejo à minha volta, vou lhe dizer que **de início encontrei-**

me em uma terra cinzenta, úmida, desagradável, que se mostrou deserta e estéril como certas regiões da Bélgica por sobre as quais eu tanto voava. Imagine uma região desse tipo, **com alguns grupos de árvores espalhadas, de crescimento precário e retorcidas, visíveis por entre uma atmosfera cinzenta e enevoadada, e terá assim uma ideia aproximada do lugar em que eu despertei para a nova Vida.** Dito isso, você pode bem entender que a minha primeira aspiração foi a de me afastar desta pouco atraente estada, assim que me fosse possível; estada em que muitos desencarnados permanecem durante anos.... E por que ali permanecem? Antes de mais nada porque têm uma vaga suspeita de precisar mudar para pior; depois, porque **naquela terra inóspita encontram-se com muitos outros espíritos afins à sua própria natureza;** por último, e sobretudo, porque desta região que **é a seção inferior do Plano astral,** e envolve o mundo de vocês, estando quase em contato com este torna-se bastante fácil vislumbrar e saborear com a imaginação algumas satisfações físicas do ambiente em que vocês vivem, e em que tantos desses espíritos desencarnados haviam mergulhado quando vivos, ou nele tinham pensado em demasia por opção...

[...] O mundo espiritual é uma oficina de refinamento, e enquanto um espírito não tiver passado por todas as etapas de aperfeiçoamento existentes em cada fase de vida espiritual, não lhe é possível, nem permitido, alcançar estados de beatitude radiante. Esses dados existem, mas por

enquanto a nós é concedido apenas ter percepções fugazes sobre eles, a título de encorajamento... **Eu entrei na vida espiritual sem jamais dedicar um pensamento à grande questão do além-túmulo**, assim como acontece com a maior parte dos jovens da minha idade; mas como na Terra sempre tentei sair de uma situação negativa logo que me fosse possível fazê-lo, assim aconteceu que quando **me vi em um meio espiritual estéril e desagradável**, me dediquei com ardor a sair dele o mais rápido possível, e consegui... ⁽²²⁰⁾

Dos comentários de Ernesto Bozzano sobre o caso:

Essa mensagem do falecido ‘capitão Hinchliffe’ contém uma descrição sumária relativamente resumida da existência e da paisagem espirituais da forma como são encontrados **na seção inferior do “plano astral”, que seria a seção para a qual confluem automaticamente pela lei de afinidade** – os espíritos dos que morreram depois de passar uma vida relativamente normal, ou seja, não despojada de faltas ou de excessos. Tudo isso naturalmente subentende que **venha a existir uma sucessão indefinida de outros estados, ou “Esferas” espirituais, em progressiva elevação**, em que o ambiente se sublimaria gradativamente à medida que ocorresse a sublimação do “corpo etéreo”, invólucro do espírito, até que o espírito alcance o estado de existência suprema, e para nós inconcebível, de “puro espírito não mais condicionado pela forma”. Esse tema, entretanto,

será tratado oportunamente.

Da maneira como estão as coisas, não será inútil mencionar mais uma vez, ainda que sumariamente, o fato de que **uma tal concepção da existência espiritual, da forma como nos é apresentada de uma maneira única em todas as mensagens transcendentais** é a mais racional e aceitável que se possa imaginar, se se pretende entender de alguma forma a questão da sobrevivência do espírito humano depois da morte do corpo. Discuto longamente a esse respeito em um trabalho que escrevi sob o título "Revelações transcendentais e objeção antropomórfica", publicado no volume V do meu *Investigações sobre as manifestações paranormais*, Città della Pieve, 1938. Recomendo, portanto, esse trabalho a quem quiser formar um claro conceito sobre o tema, mas não posso me eximir de citar uma página resumida dele, e isso para auxiliar os leitores que porventura não o conheçam. Eis em que termos eu me expressei:

“Uma lei psicológica de lenta adaptação governa a evolução das novas ideias; por isso, o que em um determinado momento surge como louca fantasia, torna-se, oportunamente, uma verdade reconhecida e fácil de ser assimilada. **Nenhuma dúvida de que o mesmo acontecerá em relação às repudiadas narrações acerca das analogias existentes entre o ambiente terreno e o que se encontraria nas primeiras Esferas da estada espiritual.** Para aqueles que – como o autor – aplicaram os processos da análise comparada e da convergência das provas em um material imenso,

essas narrações aparecem desde já como verídicas experimental mente, da forma como emergem das concordâncias entre as informações fornecidas por entidades de desencarnados, identificados pessoalmente através de médiuns que, em sua grande maioria, ignoravam as doutrinas espíritas e pertenciam a lugares os mais diversos, vivendo em épocas diferentes. Acrescente-se que, para qualquer um que tenha efetuado tais investigações, essas narrações fornecem a solução mais aceitável da perturbadora questão que gira em torno das modalidades da existência espiritual. 'Considere-se de fato que **ninguém que admita a sobrevivência do espírito poderia imaginar que a existência espiritual seja uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito**, sem objetivo, sem meta, sem ideais a serem alcançados, sem nada a ser executado e a ser pensado. ⁽²²¹⁾'"

“Pergunta-se aos demolidores das revelações transcendentais se porventura se satisfariam com uma perspectiva destas. Ou, talvez, teriam eles em mente alguma coisa diferente que pudesse ser a alternativa insubstituível da eterna vagabundagem pelo espaço infinito? Se assim é, espero que me revelem a arcana descoberta das suas mentes, uma vez que eu não consigo vislumbrar nenhuma. E dou uma explicação posterior a respeito: **ou habitaremos um novo mundo etéreo, em um ambiente qualitativamente diferente, mas real, em que a paisagem e as coisas são constituídas pela mesma substância de que é composto o 'corpo espiritual'**, (e, em

consequência, torna-se substancial o mundo físico para os seres revestidos de 'corpos físicos'), **ou não habitaremos espiritualmente em novos mundos etéreos, e então estaremos condenados a uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito.** Não se pode escapar desse dilema.

“Disso resulta que com base nas conclusões rigorosamente lógicas apresentadas, **será forçoso concluir no sentido em que são descritas as Esferas espirituais de transição dos desencarnados comunicantes, segundo os quais em torno de cada planeta existiriam Esferas concêntricas espirituais constituídas por uma condensação de substância etérea combinada com irradiações ultra-atômicas de origem terrena;** Esferas invisíveis e intangíveis aos nossos sentidos, enquanto seriam perfeitamente permeáveis à luz solar, da mesma forma como o é a atmosfera que rodeia a Terra; mas na realidade seriam mais substanciais – no verdadeiro sentido do termo – do que o universo físico.” ⁽²²²⁾

5º) Caso XXVII [Marmaduke]:

“Quando em vida, bastou um segundo para eu ser mandado para a morte. Estava deitado às margens de um despenhadeiro nas montanhas quando uma rocha soltou-se do alto, caiu e amassou a minha cabeça, tornando os meus traços irreconhecíveis. Só os papéis que eu trazia na carteira permitiram a minha identificação.

“Foi só um instante e **eu me vi repentinamente mergulhado em trevas profundas. Tentava às apalpadelas abrir caminho em meio a uma densa escuridão. Nenhuma luz à vista e um silêncio mortal ao meu redor:** era uma situação aterradora. Por vezes parecia-me vislumbrar uma claridade ao longe e perceber sons musicais. O que significava tudo isso? Sentia-me quase enlouquecer e em vão lutava contra o desconhecido, como um homem às voltas com o vazio. **Exausto, caí ao chão em uma crise de desespero moral assustadora e indescritível.** Amaldiçoava a Deus e ao gênero humano. Queria morrer, mas não podia morrer!... ⁽²²³⁾

Nesse cinco casos citados por Ernesto Bozzano, vemos, além da “lei de afinidade”, a informação dos Espíritos dando conta de suas experiências, nas quais perceberam regiões inóspitas e de obscuridade ou trevas.

Vejamos este trecho dos comentários de Ernesto Bozzano a respeito do Caso XXVII [Marmaduke], é o último caso:

Como se apreende dessa exposição, que está de acordo com outras do gênero, os sofrimentos expiatórios que afligiriam os “condenados” seriam, em sua grande maioria,

de ordem moral. Em um primeiro momento consistiriam em todo tipo de nostalgias e de desejos não satisfeitos. Em um segundo momento, em todo tipo de remorsos aflitivos. Quando um espírito mau tem a crise dos remorsos, está dando o primeiro passo no caminho da redenção. Ninguém poderia poupar ao espírito tal crise, às vezes bastante longa e terrível, pois **apenas através dela o “corpo etéreo” se purificaria dos “fluidos impuros” que o poluíam e o deixavam pesado** e que se acumularam por causa das vibrações do comportamento ignóbil ou indigno do próprio espírito, durante a existência terrena. Tais “fluidos impuros” haviam fatalmente – em virtude da lei de afinidade – obrigado o espírito a gravitar rumo a regiões infernais. **Só com a ação depuradora provocada pela crise dos remorsos é que seu “corpo etéreo” se tornaria mais leve, se elevaria e gravitaria – também por lei de afinidade – rumo à esfera espiritual imediatamente superior.**

Quanto aos espíritos endurecidos no mal, incapazes de remorsos, eles ficariam em região infernal, mergulhados em trevas gradativas, às vezes em solidão, outras em companhia dos seus pares, enquanto não chegasse para eles também o momento da tomada de consciência e dos remorsos. Isso às vezes se prolongaria por séculos, mas, uma vez que também os espíritos dos maus não seriam abandonados a si mesmos, passariam a ser vigiados e socorridos por espíritos-missionários destinados a essa função. ⁽²²⁴⁾

Há ainda outro caso que merece ser citado. Trata-se do Caso XVI, onde temos a manifestação do Espírito Dr. Scott, que havia se suicidado, mas não se encontrava nas trevas. Esse fato gerou o seguinte comentário de Ernesto Bozzano:

Além de tudo isso, é bom notar **o habitual e matemático funcionamento da grande “lei de afinidade”, segundo a qual todo semelhante, tendo fatalmente de gravitar rumo ao próprio semelhante**, fez com que no caso do doutor Scott ele viesse a tomar parte de uma fileira de espíritos “chegados ao ambiente espiritual muito deteriorados pelo ambiente terreno, no qual não tinham podido desenvolver suas *possibilidades* intelectuais”. E, como ele não tinham nenhuma responsabilidade sobre tais deficiências evolutivas, disso resultou que o ambiente em que veio gravitar o doutor Scott não pertencia a um estado espiritual inferior, sendo ao contrário um ambiente radioso como se exigia, a fim de estimular à ação os espíritos que ficaram atrasados, sem ter culpa disso. Tudo isso dá oportunidade para se mencionar um que deve ser esclarecido a respeito do **doutor Scott, que estaria em ambiente espiritual “de luz”, apesar de ter morrido suicidando-se. Isso estaria em flagrante contradição com as afirmações unânimes das demais entidades espirituais**, segundo as quais severas sanções aguardam aqueles que se tornam culpados de semelhante covardia diante das

provas que o destino nos reserva, e que seria nosso dever enfrentar com espírito forte.

A sensitiva, Mrs. Dawson-Scott, ignorava a existência de tal contradição nas mensagens obtidas, mas pessoas amigas chamaram sua atenção para isso, e **ela pediu explicação ao desencarnado comunicante**, que respondeu nos seguintes termos:

“Isso acontece porque existe um outro fator a ser levado em consideração: aqui nós não temos de forma alguma a mesma opinião a respeito de um grande número de questões. Eu só lhes contarei as minhas experiências pessoais, e portanto disse ter sido recebido festivamente no mundo espiritual, onde ninguém me fez nenhuma pergunta a respeito da minha morte. Acrescentei que as minhas primeiras impressões foram de alegria por ter me libertado do corpo. Isso não impede que um outro espírito possa olhar as coisas de um ponto de vista diferente, ou seja, que a um outro espírito, nas minhas condições, poderia acontecer um destino diferente. Enfim, o que exprimi foi a minha experiência pessoal, e nada mais...” (pág. 107).

Essa resposta não esgota o tema, mas em compensação fornece uma explicação posterior sobre uma grande verdade que o espírito do doutor Scott esforça-se repetidamente para introduzir na mente da própria esposa, ou seja, que os espíritos desencarnados, longe de se mostrarem oniscientes, fazem julgamentos com base em sua

experiência pessoal, exatamente como ocorre no nosso mundo. **Disso resulta que os conceitos expressos pelo médico devem ser recebidos com reservas, uma vez que representam apenas as opiniões pessoais, ou as experiências particulares** de quem pode eventualmente saber mais do que nos acerca de assuntos especiais, nada mais do que isso. [...].
(²²⁵) (itálico do original)

Pelos comentários, percebemos que as pesquisas, levadas a efeito por Ernesto Bozzano, apontavam para a realidade das trevas, razão pela qual ele procurou explicar por qual motivo o Espírito Dr. Scott estava numa região “luminosa”. Sobre ele, um pouco antes informava:

[...] O marido da escritora, que era médico, voltara da guerra em condições de esgotamento nervoso, o que foi agravado pelo fato de que em sua família existia uma forma hereditária e deprimente de melancolia (*Spleen*). Disso resultou que um dia o doutor Scott tirou a própria vida ingerindo uma dose de ácido prússico. (²²⁶)

Considerando todos os apontamentos de Ernesto Bozzano, podemos destacar estes três pontos: as trevas em que permanecem os Espíritos

endurecidos no mal, a “lei de afinidade” que “obriga” esses Espíritos a “gravitar nas regiões infernais” e, por fim, e não menos importante, o auxílio e socorro que Espíritos mais moralizados têm como missão voluntária, indistintamente, prestarem a todos os “condenados”.

9) **No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada** (1931):

Autoria de **J. Arthur Findlay** (1883-1964), foi presidente da *Psychic News*, uma revista britânica; líder espírita, era conhecido como orador, conferencista, e pesquisador. Destacamos os seguintes trechos do diálogo que estabeleceu com um Espírito, através de John Campbell Sloan (1870-1951), em sua mediunidade era produzido o fenômeno de voz direta:

P – Dissestes que **o vosso mundo gira com o nosso**. Como se dá isso? E também girais com a Terra em torno do Sol?

R. – Com **as esferas mais próximas da Terra** isso se dá, porque pertencemos a esse planeta. Não podemos ver o mundo terreno a mover-se no espaço, porque convosco nos movemos. Não podemos ver o vosso mundo, enquanto nos

achamos nas condições da Terra. Pondo-nos nessas condições, **tornamos mais lentas as nossas vibrações e descemos de um plano a outro até que, baixando cada vez mais as ditas vibrações**, as levamos ao nível das de que se compõem o vosso mundo. Todos podemos baixar; o que não podemos é ascender além do nosso plano, enquanto não estejamos preparados para sair definitivamente do plano em que nos encontramos. ⁽²²⁷⁾

As ulteriores informações que obtive confirmam que **o mundo real contém sete esferas, junto à Terra**, interpenetrando-se umas às outras, cada uma tendo um plano ou superfície e uma atmosfera que representa, para seus habitantes, um firmamento. Olhando, daqui da Terra, para cima, olhamos através deles e, como o mesmo se dá em cada plano, eles olham através do que lhes está acima, porém, não veem Sol, nem estrelas, nem planetas, ou nuvens, apenas o firmamento. Não há sombras nas esferas a que nos referimos, porque lá a luz não produz sombras. **Para os seus respectivos habitantes, é sólida a superfície de cada esfera; entretanto, pelo pensamento, podem eles baixar suas vibrações e vir diretamente de plano em plano até à Terra.** Quão poucos dentre nós se apercebem de que, quando olham para o céu, estão olhando através de **planos de densidades diferentes**, que algum dia habitaremos e onde os que já viveram na Terra estão vivendo uma existência ativa e proveitosa! ⁽²²⁸⁾

O destaque nessa transcrição é a menção a existência de esferas, que vimos em outras fontes.

10) **Minha Vida em Dois Mundos** (1931):

A médium **Gladys Osborne Leonard** (1882-1968), relata nessa obra a sua experiência na mediunidade:

Essa tem sido a **minha experiência triste e dolorosa ao visitar, durante o sono, alguns dos planos mais baixos**, especialmente onde estão as pobres almas equivocadas que cometeram suicídio. Eu não estou me referindo agora ao homem que está temporariamente “fora de sua cabeça” por doença mental ou ansiedade, mas do homem que deliberadamente ignora a dor e o sofrimento que ele vai provocar em todos aqueles que estão ligados a ele, e recusando-se a assumir as suas responsabilidades por mais tempo, as joga fora, como ele pensa – “livrar-se delas,” com o fim de sua vida física por suas próprias mãos, apenas para descobrir que ele não “se livrou” de nada, nem “terminou” com a sua vida, mas só precipitou-se em outra condição de existência.

Oh, a diferença entre **a esfera para a qual se vai**, e os planos felizes que descrevi para você! **Estes planos inferiores são mais escuros**. O próprio ar parece cinza. Uma visita a tal lugar permanece em minha mente acima de todas as outras. Percebi que eu tinha deixado meu corpo

físico, e depois de experimentar esse movimento “para cima”, que já mencionei antes, eu me encontrei, flutuando sobre um país curioso, desolado e rochoso. Rochas escuras e sombrias, formando cavernas e fendas, poças de água escura, e uma sensação esmagadora da solidão é o que eu me lembro, mais fortemente, deste plano sinistro.

[...].

Dois dias depois, o senhor Walter Gibbons veio visitar-me, parecendo muito cansado e exausto. Eu perguntei-lhe qual era o problema. Ele respondeu: “Eu tive um momento terrível no plano astral durante o sono. Na noite de anteontem, **fui levado para o plano onde ocorrem alguns suicídios**, e lá vi o meu velho amigo – que se matou no dia anterior, porque ele tinha se metido, tão terrivelmente, em dívida e problemas financeiros.”

“Espere um momento”, eu disse, “Eu acho que estive lá, também; espere até que descreva um pouco para o senhor.”

Eu fiz isso, e alternadamente o senhor Walter e eu descrevemos detalhes do lugar um para o outro, até estarmos certos de que tínhamos estado realmente no mesmo plano, e vimos o mesmo homem, ao mesmo tempo, embora eu não me lembre de ver o Sr. Walter, e ele não lembrar-se de ter me visto. De qualquer forma, nós dois oramos, e pensamos em seu amigo, que, soubemos depois, gradualmente evoluiu para uma condição superior e mais feliz.

Este não foi o único plano de que o Sr. Walter e

eu relembramos completa e detalhadamente.

[...] Há tantos planos, alguns abaixo daquele aonde vimos os suicídios, e alguns entre aquele e o plano feliz que algumas pessoas chamam de “Summerland”. **Nossos espíritos Comunicadores frequentemente nos dizem que aqueles que machucam os outros – deliberadamente e insensivelmente – vão para os planos inferiores.** Aqueles que se machucam mais do que outros ainda estão vinculados a uma condição um pouco abaixo no Mundo Espiritual, especialmente se eles tornaram-se escravos para os desejos da vida física – o corpo carnal. ⁽²²⁹⁾

A referência a planos inferiores onde impera a escuridão e das esferas destinadas a suicidas, demonstram uma semelhança muito grande com outras obras, nas quais são tomadas como parte do umbral.

11) ***Uma Olhada no Além*** (1933):

O **Espírito Alcar** dita mediunicamente essa obra a Jozef Rulof (1898-1952), Holanda – Países Baixos, entre 1932 a 1936. A primeira edição da Parte I surgiu em 1933; na obra o médium será designado de André:

Há sete Esferas, das quais a primeira e a segunda parecem muito com a Esfera terrena, embora sendo em forma espiritual. Mas lá se começa a se desenvolver, aos poucos, para se poder alcançar as regiões superiores. Estas não são mais Esferas de purificação, estas já são contadas como as Esferas de existência.

O que queremos ver não ocorre nestas Esferas, então iremos à **Terceira Esfera**. Os homens que lá vivem, atuam todos sobre o desenvolvimento do seu nível espiritual. Muitos deixaram a Terra há pouco, outros já há muito tempo. ⁽²³⁰⁾

[...] Mesmo assim os Homens serão felizes quando você lhes contar da vida após a morte e dar-lhes a segurança quem, se viveram na Terra uma vida correta, aqui virão para a luz e participarão da felicidade celestial. **Cada um virá aqui, como é interiormente e então entrará na Esfera a qual pertence espiritualmente.** Segundo a lei de causa e efeito, colherão aquilo que semearam. Muitos vêm numa situação infeliz e então muitas vezes **precisam ficar nas Esferas escuras e frias por um bom tempo**, antes deles poderem seguir espiritualmente e alcançarem uma Esfera superior. Outros porém, que já entenderam durante a existência física, que é o propósito de Deus que dediquem esta vida aos outros e ajam de acordo, sentir-se-ão logo em casa depois da sua passagem estarão felizes numa Esfera que sintoniza com o seu interior.

Eu voltarei a este assunto mais uma vez porque é de inominável importância. Os Homens precisam

saber que, os que terminaram bem a sua vida, viverão nas Esferas de luz e amor, mas, aqueles que se esqueceram, **encontrarão seu lugar nas Esferas de frio e escuridão**. Diga-lhes André, que aqui encontrarão tudo assim sintonizado com a sua vida interior, na Terra. ⁽²³¹⁾

Nas **Esferas escuras** isso também sucede, como Alcar disse, mas, se sabe de antemão e já se conta com isso. Os Espíritos que lá vivem não são confiáveis, **vivem na escuridão e na frieza**. Os que na Terra contam tudo “confidencialmente” a outros, veriam nas Esferas escuras como é manchada a sua confiança. Na Terra não se pode ver através do outro, porque o corpo físico o impede, mas, uma vez chegado no **Além e tendo se desfeito do invólucro físico, não é mais possível ao Espírito se esconder dos outros**. ⁽²³²⁾

André olhou à sua volta. Ali, diante dele, **bem fundo na escuridão**, naquela brasa escura, ele **distinguiu uma cidade grande**. Muitas torres se destacavam, nítidas, do ar vermelho-marrom. Visto do lugar deles, se estendia um panorama lindo, mas também sombrio.

“Nesta cidade grande só reina sofrimento e miséria que os Homens prepararam para si mesmos, porque não querem conhecer e amar Deus.

Muitos já estão ali há centenas de anos e em todo aquele tempo não sentiram a vontade de encontrar luz um pouco mais pura. Eles

prosseguem vivendo no mesmo êxtase em que viviam na Terra.”

A cidade se estendia até o horizonte onde o André achou perceber um pouco mais de luz.

“Não há como abranger com o olhar esta cidade, Alcar?”

“Não, André, nem em milhares de anos, porque ela se estende infinitamente. ‘Até na eternidade’ não ousou dizer, porque espero que também estas Esferas possuam, um dia, a luz mais elevada.

Você vê, que os Espíritos constroem também ali, como nas regiões mais altas, as suas casas e templos.” ⁽²³³⁾

Eis aí, uma revelação espiritual, que, de certa forma, corrobora o que é dito em outras obras.

12) ***Chamas do Ódio e a Luz do Puro Amor***
(1940)

Psicografada pelo médium **Francisco Valdomiro Lorenz** (1872-1957), residente em Dom Feliciano (RS). Do cap. XXXVII, transcrevemos o seguinte trecho:

O **Mundo Astral** consiste de substância muito mais sutil do que o éter do Mundo Físico e **tem sete subdivisões ou zonas**. [...].

[...].

Todas as zonas do Mundo Astral têm seus habitantes. [...] No **Mundo Astral vivem os Arcanjos**, que não têm corpo físico, nem corpo etérico; o seu veículo mais denso é o corpo astral. **Além dos Arcanjos, habitam o Mundo Astral muitas outras espécies de seres, entre os quais também as almas dos que morreram fisicamente.**

[...].

– **As quatro zonas inferiores do Mundo Astral formam o purgatório**, – explicou Roberto ao seu companheiro – ao passo que **as três superiores constituem o primeiro céu**. O segundo e terceiro céus estão no Mundo Mental.

E o inferno?

– Se quisermos conservar este nome, **podemos aplicá-lo à parte mais baixa do purgatório**, com a condição, porém, que não o consideremos eterno, e sim, temporal. **Ninguém fica por toda a eternidade no inferno**, porque Deus, sendo Infinita Bondade e Sabedoria, não quer a perdição de qualquer dos seus filhos, mas a todos dá as ocasiões próprias para se elevarem na escala que a Ele conduz. **Nas regiões inferiores do Mundo Astral purificam-se as almas, carregadas de vícios**. Cada alma traz consigo, para cá, seus desejos, paixões e inclinações baixas; como, porém, lhe falta o corpo carnal, não pode satisfazer esses desejos e, portanto, sofre mental- mente, até que o seu entendimento se abra à luz e compreenda que deve abandonar esses desejos.

Henrique avistou perto de si um ente que, evidentemente, sofria muito. Era a alma de Ernesto de Rosental. O seu corpo astral consistia de uma matéria escura; caminhava apalpando com as mãos, como um cego; de vez em quando, punha-se a correr, mas logo parava e, acocorado, tremia de medo. Henrique notou que o miserável **era perseguido pelas imagens mentais de suas vítimas**, que ele julgava reais.

– Posso aliviar os sofrimentos deste infeliz? – perguntou Henrique a Roberto.

Este respondeu:

– Ora por ele frequentemente, enviando-lhe pensamentos benévolos e luminosos. **Agora está ele em densas trevas**; só quando sentir verdadeiro arrependimento, começará a libertar-se, pouco a pouco, do peso do desespero. ⁽²³⁴⁾

13) **A Vida nos Mundos Invisíveis** (1948):

Como vimos, nessa obra o médium inglês **Anthony Borgia** publicou várias psicografias do Mons. Robert Hugh Benson. Na Primeira Parte, no capítulo IX, intitulado “Os domínios sombrios”, lemos:

[...] Em vez disso, Edwin nos forneceu alguns detalhes.

Alguns dos habitantes, disse ele, viviam ali, ou em suas redondezas, ano após ano, – como é contado o tempo na terra. **Eles próprios não tinham noção de tempo, e sua existência era uma interminável continuidade de escuridão,** e por sua própria culpa. **Muitas almas caridosas tinham entrado naqueles reinos para tentar efetuar uma salvação das sombras.** Algumas tinham sido bem-sucedidas, outras não. O sucesso depende não do salvador, mas do que se procura salvar. Se este não demonstra uma centelha de luz em sua mente, nem desejo de dar um passo à frente na estrada espiritual, então, nada, literalmente nada, se pode fazer!

[...].

Assim como os reinos superiores tinham criado todas aquelas belezas, **os moradores destes planos inferiores tinham edificado as condições atroztes de sua vida espiritual. Não havia luz, nem calor, nem vegetação, nem beleza.** Mas há esperança – esperança de que uma alma possa progredir. Está ao alcance de cada uma, e nada a impede, a não ser ela própria. Poderá levar infindáveis anos para subir espiritualmente uma polegada, mas é um passo na direção certa. ⁽²³⁵⁾

Novamente, vemos situações bem semelhantes às narradas em *Nosso Lar*, conferindo um certo foro de autenticidade aos relatos de André Luiz – isso quanto ao aspecto geral, não incluindo,

obviamente, os detalhes peculiares a cada escritor.

14) ***Devassando o Invisível*** (1963):

Obra na qual **Yvonne do Amaral Pereira** (1900-1984) conta sua experiência mediúnica, do cap. IV – Nas regiões inferiores, ressaltamos.

Nem sempre será dado ao médium, durante o desdobramento da sua individualidade espiritual, visitar as formosas estâncias fluídicas onde a paz e a beleza, a fraternidade e a luz, o consolo e a alegria revigoram o seu espírito para o prosseguimento da marcha terrena. **Os deveres da mediunidade também o requisitam para os locais inferiores, antros de miséria e degradação localizados, às vezes, nos próprios perímetros terrenos, como nas suas regiões atmosféricas, onde se aglomeram entidades ainda inferiorizadas pelo erro e a materialidade, e aos quais, por isso mesmo, chamaremos regiões inferiores.** Nesses locais, de que os bairros miseráveis de uma grande cidade darão ideia aproximada, exercerão os médiuns, acompanhados sempre de seus Guias e Instrutores espirituais, tarefas melindrosas nos setores da legítima fraternidade, podendo-se, mesmo, asseverar que nesse delicado exercício espiritual é que se acentua a significação da sua qualidade de médium, ou intermediário.

Esses agrupamentos de entidades

desajustadas, aos quais se têm denominado regiões Inferiores, por não se conhecer outro vocábulo que melhor os defina e retrate, **tanto poderão existir no Espaço, dentro da densidade atmosférica, como na própria Terra, pois estarão sempre onde se encontrarem as entidades que os compõem**, o que quer dizer que sua configuração poderá ser móvel. Suponhamos uma das favelas de má fama, aqui no Rio de Janeiro, cujos habitantes se mudassem, ora para Copacabana, ora para a Cinelândia, ora para Jacarepaguá ou para o Pão de Açúcar. **Todos esses locais nada mais passariam a ser senão a região trevosa criada pelos hábitos inveterados dos favelados, por sua educação ínfima ou deficiente e suas vibrações e atos viciados**, pois é sabido que cada um de nós carrega consigo próprio o seu inferno ou o seu paraíso. **De forma idêntica serão as regiões inferiores do Mundo Invisível: criações mentais coletivas de entidades afins, que praticarão, além da morte, os mesmos hábitos e os mesmos atos a que se arraigaram no estado humano**. E todos esses locais, assim construídos, ainda que se estabeleçam nos âmbitos da Terra, pertencerão sempre ao Invisível, mas não propriamente à Espiritualidade, pois esta implica a emancipação do Espírito das atrações da matéria, o domínio mental elevado ou superior, a ascensão a planos transcendentais do Infinito. ⁽²³⁶⁾

Embora a médium Yvonne Pereira não tenha se

utilizado do termo umbral, não há outra forma de descrevê-lo como ela o fez.

15) **No Limiar do Infinito** (1978):

Psicografado pelo médium **Divaldo Pereira Franco**, no qual a autora Joanna de Ângelis, no capítulo 13 – Regiões de Benção e Dor, entre várias outras coisas, explica-nos o seguinte:

É certo que se multiplicam, no além-túmulo, as regiões de dor e sombra, os abismos de sofrimento e de amargura onde não brilham as luzes da alegria, em que se rebolem os ultrajantes, os exploradores, os asseclas do mal, os impiedosos e calcetas, os dilapidadores da felicidade e da esperança alheias, os viciosos e toda a farta mole de acumpliciados com a desdita e o mal. Fizeram-se infelizes por prazer e **vincularam-se entre si de acordo com as inclinações e motivações pessoais, aglutinando-se em colônias** onde se auto-supliciam e se permitem absurda justiça, porque inúmeros se consideram destacados pela Lei Universal para a aplicação do látigo e a corrigenda dos abusos, excedendo-se, eles próprios, e caindo em mais fundos precipícios de desar e alucinação, até quando lhes chega o momento da reparação que não tarda indefinidamente.

Ninguém, o mais terrível e hediondo verdugo, se encontra à margem da misericórdia celeste que a

todos nós alcança e soergue para a vida, para o amor e para a perfeição, após o indispensável expurgo das construções infelizes a que se imanta... (237)

Apesar da forma bem erudita da autora espiritual, vê-se que ela fala de regiões de trevas, onde a dor e sofrimento é lugar-comum aos que, por afinidade, aí se aglomeram, ou seja, se “vincularam entre si de acordo com as inclinações e motivações pessoais”.

16) ***Os Mortos nos Falam*** (1988):

Autoria do **Padre François Brune**, foi um teólogo católico francês, do capítulo VII – O exílio nos mundos da infelicidade, transcrevemos do tópico “Nas trevas exteriores”:

Tudo acontece, então, a cada instante, tendo Deus ao fundo, tendo ao fundo o outro dos ícones que, aliás, tecnicamente, chama-se “a luz”. E a cada instante forma-se o mundo, pela interação entre a nossa consciência e este fundo, este campo de forças, produzindo e penetrado por Deus. A influência de nossa consciência é, em cada nível, coletiva. **É a soma dos eflúvios de todas as consciências humanas, além do tempo**

e do espaço, que dá ao mundo sua forma atual, com as nuances possíveis segundo as épocas ou as regiões. Aliás, o espaço e o tempo, tal como nós os sentimos, são produzidos pela interação desta consciência coletiva e deste campo de forças.

Mas também **no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual.** As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, **cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.**

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer veem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).

De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê no nada, encontra-se no nada. Nesta terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. **Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-**

se na escuridão e na solidão. O pior é que, neste momento, **são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los.** [...]. (238)

Temos, portanto, um padre católico dizendo quase a mesma coisa que lemos em variadas obras espíritas.

17) ***O Outro Lado da Vida*** (1999):

A médium vidente **Sylvia Browne** é a autora, cuja particularidade foi a de se utilizar do termo Umbral, já bastante comum no meio espírita:

A importância disso me foi revelada numa experiência que tive enquanto escrevia este livro. Não sou adepta da projeção astral. Não costumo deixar meu espírito viajar por aí sem o meu corpo, mas uma noite, **através da projeção astral, cheguei ao que minha Guia Espiritual me explicou mais tarde ser o Umbral.**

Eu estava cercada por pessoas que tinham morrido. Elas não me disseram uma palavra, mas eu podia perceber seu profundo desespero. O ar pesava com a tristeza, e as pessoas, cuja idade variava do início da adolescência até a velhice, arrastavam os pés ao andar e mantinham os olhos baixos, de forma que até a linguagem corporal transmitia a falta de esperança.

Além da área em que nos encontrávamos, **vi uma enorme escuridão que sinceramente me aterrorizou, fazendo com que eu quisesse me afastar dela.** Foi aí que percebi que tinha entrado pela porta da esquerda do Outro Lado e que **aquela escuridão estava cheia de entidades negras** prestes a retornar para a Terra num útero.

Também percebi que as pessoas com quem eu estava ainda **tinham o livre-arbítrio para escolher. Elas podiam seguir para a escuridão ou passar pela porta da direita para a luz de Deus do Outro Lado. Elas não estavam presas naquele Umbral, estavam esperando até fazer a escolha.**

[...].

No dia seguinte **exigi que Francine, minha Guia Espiritual, me explicasse por que nunca tinha me contado sobre o Umbral.** Ela disse o mesmo que afirma nessas situações: “Se você não fizer a pergunta, não vou lhe dar a resposta.” Odeio quando ela faz isso.

Mas Francine também me contou que eu tinha conseguido tocar dois espíritos entre os milhares que se encontravam ali. **Dois deles tinham deixado o Umbral** e atravessado, a porta da direita para a luz do Outro Lado depois que eu fui embora.

Desde aquela noite incluí aqueles **espíritos tristes e perdidos do Umbral** nas minhas preces. Espero que você faça o mesmo. Se eles não conseguem reunir a fé necessária para chegar em segurança ao Outro Lado, o mínimo que nós,

entidades brancas, podemos fazer é ajudá-los com a nossa fé.

Suicídio

Mesmo que nenhum daqueles espíritos tivesse falado comigo, **eu “sabia” por que alguns deles estavam no Umbral**, e Francine confirmou a razão. Por isso, quero esclarecer alguns fatos sobre a confusa e trágica questão de dar fim à própria vida.

Eu aprendi na infância que “as pessoas que cometem suicídio vão para o inferno”. Ponto final. Caso encerrado.

[...].

Os suicidas movidos pela desesperança e pela angústia extrema, agora eu sei, vão para o Umbral. De fato, as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte durante uma tentativa fracassada de suicídio por desespero descrevem que se viram, em um lugar de tristeza avassaladora, não em uma completa escuridão, mas como se estivessem “fora da luz”. **Estavam cercadas pelo silêncio, ou então receberam o deboche e o escárnio de outros espíritos ao redor delas, sem encontrar compaixão em lugar algum. Este é certamente o Umbral.** Mas isso significa que elas ainda podem escolher juntar-se às entidades negras na escuridão ou seguir rumo ao amor incondicional de Deus através da porta da direita do Outro lado. Mas uma vez, nossas orações podem ajudá-las muito. ⁽²³⁹⁾

A escritora Sylvia Browne é de formação católica-judaica-luterana-episcopal, nascida em Kansas City, Missouri, EUA, mas que vem corroborar a existência do Umbral.

18) ***Cidades Espirituais*** (2014):

Ditado pelo Espírito Luís Felipe, através do médium **José Fernando Araújo**, ou simplesmente, Zé Araújo, de Blumenau (SC), médium mecânico ⁽²⁴⁰⁾. Dessa obra transcrevemos os seguintes trechos:

[...] Sim, essas paragens que foram nominadas como **“umbrais”** ou **regiões inferiores, são apenas os estados conscienciais e de forte influência nos pequenos mundos plasmados e identificados por estes tantos irmãos terrenos** que se atraem num mesmo diapasão de anseios e crenças. Essas crenças geralmente são alimentadas de maneira tão forte que passam a fazer parte integral da mente desencarnada. ⁽²⁴¹⁾

O leitor mais atento perceberá que nas obras listadas há também fonte fora do meio espírita – isso é de suma importância para se demonstrar que certas ideias surgem de todos os lados.

Dos relatos de regressão de memória e dos de EQMs

Em alguns casos de regressão de memória e dos relatos de EQMs aparecem menção a uma zona no mundo espiritual onde domina a escuridão.

1º) Regressão de Memória:

Em **As Vidas Sucessivas** (1911), o pesquisador Albert de Rochas (1837-1914) apresenta dezenove casos de regressão, dos quais tomaremos apenas trechos de quatro deles que citam algo relacionado ao nosso tema:

a) Caso nº 2 – Joséphine, 1904.

Ela não queria dizer nem quem era, nem onde estava. Respondia-me, em tom brusco e com voz de homem, que estava lá, uma vez que falava; porém, ela não via nada, **encontrava-se na completa escuridão.** ⁽²⁴²⁾

Morre. Sente-se sair de seu corpo, mas a ele continua preso durante um tempo bastante longo. Pôde seguir seu enterro flutuando acima do caixão. [...] No cemitério, ficou perto de seu corpo e sentiu-o decompor-se, o que o fazia muito sofrer.

Seu corpo fluídico, que se tornou difuso depois da morte, retomou forma mais compacta. **Ele vive na obscuridade, que lhe é penosa, mas não sofre, porque não matou nem roubou.** Apenas sente sede algumas vezes, porque era bastante beberrão. [...].

As trevas nas quais estava mergulhado terminaram por ser abertas por algumas luzes frouxas. Ele teve a inspiração de reencarnar num corpo de mulher, porque as mulheres sofrem mais do que os homens e ele tinha de expiar as faltas que havia cometido abusando das moças. [...]. ⁽²⁴³⁾

Antes de sua encarnação, Philomène havia sido uma menina, morta em tenra idade. Anteriormente havia sido um homem que tinha matado e roubado, um verdadeiro bandido. **É por isso que muito sofreu na completa escuridão a fim de expiar seus crimes,** mesmo depois de sua vida de menina, quando não teve tempo para fazer o mal. ⁽²⁴⁴⁾

b) Caso nº 3 – Eugénie, 1904.

Na sessão precedente, deixamos Eugénie na fase de bebê sendo amamentada por sua mãe. Aprofundando bastante seu sono, determinei uma mudança de personalidade. Ela não estava mais viva, **flutuava numa semi-obscuridade,** não tendo nem pensamento, nem necessidades, nem comunicação com ninguém. ⁽²⁴⁵⁾

c) Caso nº 5 – Louise, 1904-1908-1910.

[...] Ela foi um padre, falecido muito velho, um bom padre simplesmente, agarrado a seus deveres sacerdotais. **Morre e permanece na penumbra, durante longo tempo**, até aperceber-se bem de seu estado, que no princípio não compreendia, pois acreditava encontrar o paraíso ou o purgatório e não via nada. Louise toma então a cabeça entre as mãos e põe-se a soluçar; as lágrimas rolam de seus olhos. ⁽²⁴⁶⁾

d) Caso nº 6 – Srta. Mayo, 1904.

Antes de ser chamada para perto de sua mãe atual, **encontrava-se na penumbra**; não sofria.

Faço-a rapidamente retornar ao passado por meio de passes longitudinais e, quando a interrogo, ela é Line; tem quinze anos, não está ainda casada, vive com a mãe, nunca viu seu pai e não sabe seu sobrenome.

Mais longe ainda no passado.

Encontra-se na completa escuridão. Sofre e não pode explicar o tipo de sofrimento; não é um sofrimento físico, é como um remorso. Recorda-se muito bem de ter sido Charles Mauville e não hesita em lembrar-se do nome de batismo e do sobrenome.

Mauville morreu aos cinquenta anos, de um resfriado. ⁽²⁴⁷⁾

e) Caso nº 7 - Senhorita Rober, 1905.

O *sujet* aparenta lançar alguma coisa e pede que lhe joguem sua bola, impacienta-se e fica encolerizado. Aos três anos pede balas e repete raivosamente: “Balas! Balas!” Com um ano destrói tudo e demonstra um péssimo caráter. Chora aos seis meses; aos dois meses, um mês, aparenta mamar. No ventre de sua mãe toma de novo a posição de feto; abandona a posição com dois meses; com um mês ele se desenrijece; quinze dias: ei-lo no espaço.

– **O que você faz no espaço?**

– **Vejo tudo muito escuro;** sou infeliz. ⁽²⁴⁸⁾

f) Caso nº 10 - Victoria, 1905.

Na mais antiga [personalidade anterior], ela é uma menina, chamada Marie Mazode, que cuidava de ovelhas e fiava na herdade de Chagne. Há senhores que dizem que brevemente os castelos serão demolidos; eles são agora soldados por quatorze anos. **Ela morre aos sessenta e nove anos.**

Morta, ela não sofre; mas aborrece-se, encontra-se na obscuridade, queria voltar a ser viva e inteligente.

Reencarna na pessoa de Jean Chastellière, nascido em 1789, em Gonestelle (Ardèche). O

pároco ensina-o primeiramente a falar um pouco de francês e, em seguida, ele estuda para entrar no seminário e tornar-se padre. [...]. ⁽²⁴⁹⁾

g) Caso nº 11 – Juliette, 1905.

Adormeço Juliette por meio de passes longitudinais e **levo-a rapidamente ao momento do nascimento**, sem sugestão, restringindo-me a perguntar-lhe de vez em quando a idade que ela tinha em cada momento.

Continuando os passes longitudinais, constato que ela muda de personalidade. **Não mais se encontra num corpo carnal, vive numa semiobscuridade** e não sofre. Vê espíritos luminosos, porém não tem permissão para falar-lhes. [...]. ⁽²⁵⁰⁾

h) Caso nº 13 – Henriette, 1906.

Rejuvenesço-a. **Ela passa pela erraticidade. Encontra-se na completa escuridão**, porém não sofre. Tomamos conhecimento sucessivamente de que foi um homem bom e instruído, talvez um bispo. Admirado por encontrar na completa escuridão tal personagem, fico sabendo que um defeito bastante grande compensava as qualidades. Nosso bispo gostava muito de mulheres. Vivia em Marselha sob o reinado de Luís XV e chamava-se Belzunce. [...].

[...].

Envelheço-a; **ela cai morta e entra na penumbra**. Diz-me que morreu com mais de oitenta anos. Lá onde está reencontrou seus pais, porém não se falam e a família já não conta muito. ⁽²⁵¹⁾ Não reencontrou seu amigo Henri, que deve ter morrido antes dela e deve estar reencarnado. [...].

[...].

Rejuvenesço-a e **levo-a ao período de erraticidade** situado entre a vida de Belzunce e a de Marie Lecourbe. Nosso *sujet* encontra-se então na completa escuridão. Não sofre, porém não se sente bem. Sente a seu redor companheiros de miséria que não vê e que lhe causam medo. ⁽²⁵²⁾

i) Caso nº 14 – Senhorita Giudato, 1907.

A jovem adormece com bastante dificuldade, no entanto levo-a por sugestão sucessivamente aos quinze anos, dez, cinco, três, um. Aos três anos ela só fala italiano. Com um ano chupa meu dedo. **Digo-lhe que ainda não está encarnada e pergunto-lhe onde se encontra**. Inicialmente não responde, em seguida **termina por dizer que se encontra na completa escuridão**, que não vê ninguém a seu redor, que não se recorda de ter vivido. Apesar de pressionar-lhe o meio da fronte, responde sempre da mesma forma. ⁽²⁵³⁾

j) Caso nº 15 – Sra. Caro, 1907-1910.

Em seguida vem a personalidade de Jean.

Se a adormeço com passes longitudinais sem parar para interrogá-la, vê-se seu rosto modificar-se para representar, seja a infância, seja a idade madura, seja a morte e a reencarnação, tomando a posição do feto. Desperto-a com passes transversais.

Vemo-la passar pelas mesmas fases em sentido inverso até seu estado normal. Quando reencarna no ventre de sua mãe, toma a posição do feto. Observando as posições fetais, pode-se determinar exatamente a vida na qual se encontra.

No intervalo das reencarnações, acha-se na penumbra sem grande sofrimento. Vê espíritos em torno de si, dentre os quais alguns maus, que se reúnem para praticar o mal.

Sua vida infeliz como Jean foi-lhe imposta como punição pelos seus excessos na personalidade precedente. Agora ela pagou sua dívida e pôde ter uma vida normal. ⁽²⁵⁴⁾

k) Caso nº 17 – Senhorita Pauline, 1910.

Levo-a por sugestões sucessivas a uma vida anterior, cujos detalhes se precisam cada vez mais. Após quatro sessões, chega a recordar que se chamava Isabelle, que havia perdido os pais bem cedo e que viveu na Argélia até vinte e três anos na casa de seu tutor, Sr. Bori. **Foi morta nessa idade,**

por um acidente de carro. Após sua morte, esteve na completa escuridão, porém sem sofrimento, até o momento em que reencarnou sem que tenha havido escolha de sua parte. É interessante acrescentar que seu avô foi empreiteiro na Argélia.
(²⁵⁵)

Embora nos dezenove casos mencionados por Albert de Rochas não haja informações sobre a erraticidade, pois alguns nem citam esse período, esses onze que listamos falando de “escuridão”, correspondem a 57,9%, percentual bem significativo para ser apenas “derrubado” por “Kardec não fala de Umbral” ou “não acredito na existência do Umbral”.

Dra. Helen Wambach (1925-1985) foi uma psicóloga norte-americana pesquisadora de regressão de memória. Em **Recordando Vidas Passadas** (1978), ela apresentou pesquisa de regressão feita em 1088 indivíduos, apresentando dados estatísticos bem interessantes. Desse livro destacamos a seguinte informação:

Cerca de **25% descreveram um breve período de escuridão** seguido de luz. Um número maior, cerca de dois terços, alçou-se bem acima dos respectivos corpos e penetrou num mundo

inundado de luz, onde foi saudado por terceiros e teve uma sensação imediata de companheirismo. [...]. (256)

Índice percentual muito significativo, comprovando, a nosso ver, a existência das “trevas”.

2º) Relatos de EQMs

Em ***Uma Prova do Céu*** (2013), o autor norte-americano Dr. Eben Alexander III relata a sua experiência de quase morte ocorrida em novembro de 2008. Foi vitimado de uma meningite, ficando em coma por sete dias. Do capítulo 5, intitulado “Mundo subterrâneo”, transcrevemos o seguinte trecho:

Escuridão, mas uma escuridão visível – como estar submerso na lama, mas ainda assim poder ver através dela. **Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.**

[...].

Eu não tinha um corpo – nenhum de que me lembrasse de alguma maneira. **Eu apenas estava... lá, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante.** Na ocasião, eu podia ser chamado de “ser primordial”. Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa

expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. [...].

[...].

[...] cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia com um eu – **como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta –**, mais os rostos que **borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores**. As batidas ritmadas do ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e massacrantemente monótona. O movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se **criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem passando em bandos** e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.

Foi então que **tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito**. Em outras palavras, um cheiro biológico, porém de morte, não de vida. À medida que minha consciência se aguçava, eu me aproximava mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar. ⁽²⁵⁷⁾

O que Dr. Eben Alexander descreve se assemelha com algumas narrativas que se vê nas obras da série André Luiz, especialmente em *Nosso*

Lar.

Diante do que Alexander III descreve, só podemos concordar com Auguste Bez, quando disse: “[...] para mim, a afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu, [...].” (258)

Em ***Os Que Voltaram Para Contar*** (2017), o autor Admir Serrano relata vários casos de EQMs, dos quais destacamos:

Estava em movimento novamente e, **à sua volta, havia apenas escuridão**. George percebeu que sobrevoavam um lugar deserto e feio. E logo avistou gente lá embaixo, sabia que nesse lugar havia apenas desencarnados. Quando seu raio de visão se expandiu, **ficou horrorizado com o que via**. Achou que estivesse em algum imenso campo de batalha: era **uma multidão de seres maltrapilhos** que se golpeavam, se mordiam, se estupravam, gritavam, gemiam, urravam...

Mestre, onde estamos? **Para aquelas criaturas, aquilo era o inferno**. Mas **um inferno autoimposto, que poderiam deixar assim que procurassem a luz**. E havia luz, aí mesmo, junto a eles. **Uma imensidão de pontos luminosos pairava na extensão daquela terrível escuridão**. George viu que **se tratava da presença de espíritos superiores que tentavam fazer contato com aqueles seres trevosos**. Mas tão densas

eram as trevas em suas consciências, tão obstinados no mal estavam esses seres irados e miseráveis, que os benfeitores espirituais não conseguiam penetrá-las. ⁽²⁵⁹⁾

Muito curiosa a informação de que os pontos luminosos que via se tratavam de Espíritos superiores que tentavam fazer contato com os seres trevosos, certamente, visando auxiliá-los.

O que se vê na série “André Luiz”

No movimento espírita brasileiro temos visto vários companheiros atacando, sistematicamente, o teor das obras que compõem a série “André Luiz”. A nosso ver, esquecem-se de que “Nunca se deve jogar a água da bacia fora, com a criança dentro”.

Na obra **Nosso Lar**, o primeiro livro da série, no capítulo 12, há explicação do que seja o Umbral. Acompanhemos este diálogo do instrutor Lísias e André Luiz:

1º § [...] As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo, dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias.

2º § Ao primeiro encontro com o generoso visitador, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me, atencioso, e replicou:

3º § – Ora, ora, pois você andou detido por lá

tanto tempo e não conhece a região?

4º § Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror.

5º § – **O Umbral** – continuou ele, solícito – **começa na crosta terrestre. É a zona obscura** de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...].

7º § – [...] **O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais** uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

10º § – O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. **Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior.** E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. **Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes,** que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, **separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá**

vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. [...] esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados.

15º § – Creio, então – observei –, que **essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens.**

16º § – Sim – confirmou o dedicado amigo –, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, **em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender.** Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível. **As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores, no Umbral,** porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas

e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece. ⁽²⁶⁰⁾

Inserimos a numeração dos parágrafos para facilitar a localização na obra. Destaque ao auxílio que “abnegados servidores” prestam aos que “habitam o Umbral”, fato que já vimos nas obras aqui mencionadas.

De **Ação e Reação**, décimo livro da série, destacamos estes dois trechos:

[André Luiz] – Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque **o imenso Umbral, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal.** ⁽²⁶¹⁾

[Instrutor Druso] – [...] Daí o motivo por que instituições qual a nossa funcionam, em vários

campos das regiões inferiores, que, na velha teologia, equivalem a regiões infernais... O que, porém, existe, de fato, é o imenso **Umbral**, situado entre a Terra e o Céu, **dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana**, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermeira. [...]. ⁽²⁶²⁾

A relação do Umbral com “região de sombras” é o destaque das transcrições acima.

Quanto às obras de André Luiz, é importante trazermos a opinião do jornalista José Herculano Pires (1914-1979), a quem Emmanuel teria se referido como “o melhor metro que mediu Kardec”.

Em nosso livro **As Colônias Espirituais e a Codificação** ⁽²⁶³⁾, citamos duas obras e uma entrevista ⁽²⁶⁴⁾ de Herculano Pires em que fala enfaticamente da existência delas, coisa que, segundo ele, não deveria causar estranheza aos estudiosos do Espiritismo.

Mencionaremos somente a sua fala em **O Mistério do Bem e do Mal**, capítulo 26, intitulado “Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do espaço”, que, em epígrafe, ele afirma “Regiões em

que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – ‘Ação e Reação’, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.”:

Como se vê, **“Ação e Reação”**, novo livro de **André Luiz**, que a **Federação Espírita Brasileira** acaba de publicar, é uma **contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição!** O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, **através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.**

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. Em **Nosso Lar**, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. **Em Os Mensageiros**, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à própria face da terra para trazerem socorro às

criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

[...].

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.**

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da vida material, não conseguiram “libertar-se em

espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.** ⁽²⁶⁵⁾

Herculano Pires, indiscutivelmente, profundo conhecedor das obras de Allan Kardec, sanciona as obras de André Luiz, que, como todos nós sabemos, contêm variadas informações sobre a vida dos Espíritos, no mundo espiritual; inclusive, a obra *Ação e Reação*, motivo de seu artigo, fala do Umbral, conforme vimos.

Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), em ***Reencarnação e Imortalidade***, no cap. 4 - Universalidade da realidade Espiritual, faz comentários sobre a obra *Telephone Between Worlds* (Telefone entre mundos), escrito pelo jornalista James Crenshaw, no qual trata a mediunidade do norte-americano Richard Zenor (1911-1978).

A certa altura, Hermínio de Miranda diz algo em apoio às obras de André Luiz:

Nos “planos” espirituais imediatamente

ligados à Terra, as condições são ainda mais próximas e há aspectos mecânicos e materiais que no Brasil se tornaram conhecidos e familiares por meio dos livros de André Luiz.

“Há regiões purgatoriais, densamente habitadas por indivíduos ainda obcecados pelas suas preocupações terrenas e que recriam réplicas dos seus próprios estados mentais e vivem e sofrem nesses estados. Os frustrados, os arrependidos, os que vivem com fobias, os que se preocupam demais, os odientos, os que buscam vingança e os desiludidos, todos esses constroem seus próprios mundos à parte... Por exemplo, o assassino esmagado pelo remorso cria sua própria punição, aprisionando-se em suas formas-pensamento, que podem ser uma constante rerepresentação do seu crime ou uma completa e vívida exibição de quadros mentais de seus piores temores de punição adequada. [...]”
(²⁶⁶)

Hermínio de Miranda, portanto, ao comparar informações de André Luiz com as obtidas através do médium Richard Zenor, vê perfeita semelhança no que trazem os autores.

Observação é que isso consta de um capítulo que tem o título “Universalidade da realidade espiritual”. Certamente que isso não foi sem

propósito. O segundo parágrafo da transcrição é da obra do médium Zenor.

Em **Testemunhos de Chico Xavier**, Suely Caldas Schubert, escritora e expositora, também fala algo sobre as críticas às obras de André Luiz:

A obra deste autor espiritual veio balançar cediças estruturas, destruir as ilusões dos que se apegavam às supostas delícias de um paraíso sonolento e tedioso, ou à eternidade de um inferno dantesco, do qual afinal de contas ninguém se julga merecedor.

André Luiz mexe com essas bases arcaicas. Não o inferno, mas regiões trevosas das quais não é lá tão fácil passar-se ao largo. **São Zonas onde estagiam temporariamente as almas que com elas se afinizam**, até que mudando o próprio tônus vibratório ascendam a outros locais da espiritualidade, que bem pouco diferem de certas universidades e hospitais terrestres.

Saber das minúcias dessas regiões e, sobretudo, que os espíritos não têm lugar “comprado” nos céus ou zonas superiores não agradou a alguns.

Allan Kardec não trata dessas minúcias da vida espiritual na Codificação – não houve tempo e nem seria o momento certo. Os Espíritos são errantes: vivem na erraticidade, eis o ponto essencial dos ensinamentos sobre o

assunto. Mas toda a sólida base para as futuras notícias sobre a vida espiritual foi assentada pelos Espíritos Superiores e pelo próprio desdobramento de Kardec em seus comentários em “A Gênese”, principalmente. ⁽²⁶⁷⁾

Sim, é fato que Allan Kardec não teve tempo para tratar de minúcias da vida no plano espiritual. Portanto, apegar-se demais ao que ele não disse para dizer que não existe, é, julgamos, faltar com a lógica.

Por outro lado, as descrições que detalham o Umbral que encontramos nas obras de André Luiz, aliás algumas até questionáveis, ainda não passaram pelo **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, razão pela qual devem ser apenas tomadas a título de opinião pessoal.

Conclusão

“Jamais encontraremos a verdade, se nos contentarmos com o que já foi descoberto. Aqueles que escreveram antes de nós não são senhores, mas guias. A verdade está aberta a todos, ela não foi ainda possuída integralmente.”
(GILBERTO TOURNAI, Séc. XII)

De nossa parte não restou dúvida alguma de que, na Codificação, podemos, sim, encontrar suporte doutrinário para defender a tese da existência do Umbral, embora ainda não tenhamos consolidado o detalhamento completo do que nele existe.

Entendemos que, s.m.j., no geral, é nítida a correlação do Umbral, mencionado na série André Luiz, com “as trevas”, termo que vemos ser utilizado inúmeras vezes nas obras kardecianas.

Ademais, essa ideia não causou nenhuma estranheza a Herculano Pires que, em **Mediunidade**

(Vida e Comunicação), tece a seguinte consideração:

[...] **As experiências da prática espírita revelaram** a situação desesperada em que se encontravam, na ressurreição imediata, não da carne, mas do espírito dos mortos, os que haviam tripudiado sobre os ensinamentos do Mestre. **Kardec, em *O Céu e o Inferno*, provava** a possibilidade de saber-se, neste mundo, o que se passa no outro. **Os quadros das aflições umbralinas, dos espíritos que não conseguiram ir além dos umbrais da Terra, permanecendo nas regiões inferiores do mundo espiritual eram realmente infernais**, embora não tanto como na imaginação dos teólogos, torturadores criadores de demônios. Os que haviam, por seus méritos, alcançado os planos superiores, não viviam entre anjos em revoadas, mas gozavam de situação realmente feliz. [...]. ⁽²⁶⁸⁾

Pelo que conseguimos levantar nessa pesquisa, que foi muito além da superfície, como muitas vezes acontece por aí, só podemos concordar com Herculano Pires.

Nos chamaram a atenção os seguintes textos constantes das obras *Nosso Lar* e *O Céu e o Inferno*:

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Nosso Lar, cap. 12, 7º § ⁽²⁶⁹⁾</p> | <p>O Céu e o Inferno, 2ª parte, cap. II, Jean Reynaud ⁽²⁷⁰⁾</p> |
| <p>O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.</p> | <p>Compreendi a erraticidade, este laço intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova, onde o Espírito em progresso tece com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar.</p> |

Em nossa maneira de ver, o que é dito em ambas obras são pontos muito semelhantes, até acreditamos ser bem difícil de negar isso, que não é impróprio ver uma forte correlação entre as duas.

Resolvemos postar esses conceitos em nossa página no **Facebook** ⁽²⁷¹⁾, o interessante é que não tardou aparecer alguns comentários de pessoas que lhes são contrários.

Mas, felizmente, tem muitos que entendem a nossa posição, entre eles, é oportuno citarmos o nosso amigo Thiago Toscano Ferrari, administrador do site *Grupo de Apologética Espírita* ⁽²⁷²⁾, que postou o seguinte:

Paulo, acredito que nas obras da Codificação, ao tratar do mundo espiritual, Kardec traz o termo erraticidade e não detalha como seriam estes planos.

A meu ver, na obra *Céu e Inferno* realmente o codificador combate as teorias de um lugar de tormento eterno e beatificação contemplativa, mas não descarta uma região transitória como bem colocou você de similitude a uma analogia ao purgatório, por falta de termo técnico à época.

André Luiz, por experiência própria, desenvolve a parte segunda da obra *Céu e Inferno* um conhecimento mais detalhado desta zona, também de transição, tal como temos inúmeros relatos de padecimentos morais relatados no que comumente conhecemos de Umbral, tal qual os espíritos sofredores da segunda parte da quinta obra da Codificação!

O fato de Kardec não deixar os princípios doutrinários encerrados a novos fatos, é justamente para que a Doutrina continue o seu progresso das ideias e não encerre conceitos que podem se aprimorar com a observação! Nesse quesito, o relato de André Luiz nas suas obras são

válidos! (273)

Ficamos muito felizes em ver que o nosso pensamento sobre o tema, resultado de profunda pesquisa e não de achismo, não é isolado: vários confrades pensam de igual forma.

Em resumo, fora as obras da Codificação, temos:

| Fontes que citam esferas espirituais, trevas, etc. | |
|-----------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| Personagens | Localidade residência/trabalho |
| Estudiosos/Pesquisadores | |
| 1. Léon Denis | Tours - França |
| 2. Gabriel Delanne | Paris - França |
| 3. Richard Hodgson | Melbourne, Austrália |
| 4. Ernesto Bozzano | Gênova - Itália |
| 5. José Herculano Pires | São Paulo, SP - Brasil |
| 6. Hermínio C. de Miranda | Volta Redonda, RJ - Brasil |
| 7. Pe. François Brune | Vernon, Eure - França. |
| 8. George W. Meek | Franklin, Carolina do Norte - EUA |
| Relatos de Regressão de memória e EQMs | |
| 1. Albert de Rochas | Paris - França |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| | |
| 2. Helen Wambach | New Jersey - EUA |
| 3. Eben Alexandre III | Carolina do Norte - EUA |
| 4. Admir Serrano | Miami - EUA |
| Experiência de Médiuns | |
| 1. Yvonne A. Pereira | Rio de Janeiro, RJ - Brasil |
| 2. Rev. G. Vale Owen | Birmingham - Inglaterra |
| 3. Heigorina Cunha | Sacramento, MG - Brasil |
| 4. Sadhu Sundar Singh | Sem residência fixa - Índia |
| 5. Sylvia Browne | Kansas City, Missouri - EUA |
| 6. Gladys O. Leonard | Lancaster - Inglaterra |
| Psicografias/Psicofonias | |
| 1. Jozef Rulof (a) | Holanda - Países Baixos |
| 2. Anna Wickland (b) | Chicago/Los Angeles - EUA |
| 3. Chico Xavier (c) | Pedro Leopoldo, MG - Brasil |
| 4. Francisco V. Lorenz (d) | Dom Feliciano, RS - Brasil |
| 5. Divaldo Franco (e) | Feira de Santana, BA - Brasil |
| 6. Anthony Borgia (f) | Londres - Inglaterra |
| 7. José Fernando Araújo (g) | Blumenau, SC - Brasil |
| <p>a) <i>Uma Olhada no Além</i>; b) <i>Trinta Anos Entre os Mortos</i>; c) <i>Cartas de Uma Morta</i>, série André Luiz e <i>Cartas e crônicas</i>; d) <i>Chamas de ódio e a luz do puro amor</i>; e) <i>No limiar do infinito</i> e <i>Nas fronteiras da loucura</i>; f) <i>A vida nos mundos invisíveis</i>; e g) <i>Cidades Espirituais</i>.</p> | |

Aos que emitem opinião sem se embrenharem numa pesquisa mais abrangente, relembramos essa judiciosa orientação do Codificador, constante da ***Revista Espírita 1859***:

[...] **O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente**, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ⁽²⁷⁴⁾

Portanto, antes de nos lançarmos opinar sobre algum ponto doutrinário é necessário que bem antes nos lancemos, com muita dedicação, ao estudo mais aprofundado do tema.

Por outro lado, não podemos agir com viés dogmático, a ponto de pensar que Allan Kardec deveria ter especificado ou detalhado mais sobre variados pontos que, em nossa opinião, sejam importantes.

Isso pode até valer para uma situação ou outra, mas julgamos que, diante do enorme trabalho

que o Codificador teve para desenvolver e explicar as principais bases da Doutrina, não lhe sobrou tempo suficiente para entrar nas particularidades de inúmeras coisas dali emanadas.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***, 3ª impressão. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- ALEXANDER, E. ***Uma Prova do Céu***. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- BEZ, A. ***Os Milagres dos Nossos Dias***. São Paulo: Madras, 2003.
- BORGIA, A. ***A Vida nos Mundos Invisíveis***. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.
- BOZZANO, E. ***O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas***. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.
- BROWNE, S. ***O Outro Lado da Vida***. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BRUNE, F. ***Os Mortos nos Falam***. Sobradinho (DF): Edicel, 1991.
- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CUNHA, H. ***Cidade no Além***. Araras (SP): IDE, 1989.
- DE ROCHAS, A. ***As Vidas Sucessivas***. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2002.
- DELANNE, G. ***O Fenômeno Espírita***. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

- DELANNE, G. **Pesquisas Sobre Mediunidade**. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2010.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FINDLAY, J. A. **No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FRANCO, D. P. **Nas Fronteiras da Loucura**. Salvador: Leal, 1991.
- FRANCO, D. P. **No Limiar do Infinito**. Salvador: LEAL, 2001.
- GLASER, Abel e GLASER, Adriana. **Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual**. Matão (SP): O Clarim, 2019.
- INTELISANO, M. **O Umbral**, in *Espiritismo & Ciência* nº 16, p. 29-33.
- KARDEC, A. **A Gênese**. São Paulo: FEAL, 2018.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Obra Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**, Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. (PDF) Brasília: FEB, 2009.
- LEONARD, G. O. **Minha Vida em Dois Mundos**. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.

- LORENZ, F. V. **Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor**. São Paulo: Pensamento, s/d.
- MEEK, G. W. **O Que Nos Espera Depois da Morte?** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- MIRANDA, H. C. **Reencarnação e Imortalidade**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.
- OWEN, G. V. **A Vida Além do Véu**. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- PEREIRA, Y. A. **Devassando o Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PIRES, J. H. **O Mistério do Bem e do Mal**. S. Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1992.
- RULOF, J. **Uma Olhada no Além**. Alkmaar (Holanda): Fundação Associação Espiritual - Científico "O Século de Cristo", 2015.
- SCHUBERT, S. C. **Testemunhos de Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- SERRANO, A. **Os Que Voltaram Para Contar**. São Paulo: Planeta, 2017.
- SINGH, S. S. **Visões do Mundo Espiritual**. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.
- TORRES-SOLANOT, V. **A Médium das Flores**. (PDF) Autores Espíritas Clássicos e Luz Espírita, 2022.
- XAVIER, F. C. **Ação e Reação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. **Cartas de Uma Morta**. São Paulo: Lake, 1981.

XAVIER, F. C. **Cartas e Crônicas**. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

XAVIER, F. C. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

VESME, C. B. **Visões Espíritas na Terra e no Ar**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1976.

WAMBACH, H. **Recordando Vidas Passadas**. São Paulo: Pensamento, 1997.

Periódico:

Espiritismo & Ciência, Ano 2, nº 16, São Paulo: Mythos Editora: s/d.

Internet:

A VOZ DO VENTO, *Sadhu* (definição) disponível em: <https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual>. Acesso em: 04 fev. 2022.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Johann-Kasper-Lavater>. Acesso em: 28 dez. 2019.

FACEBOOK, *Paulo Neto*, disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.neto.79069>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FEP – FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ, *Antônio de Torres-Solanot y Casas*, disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=605>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERRARI, T. T. Comentário sobre trecho de *O Céu e Inferno e Nosso Lar*, disponível em:

[https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?](https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif)

[comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif](https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif). Acesso em: 10 jan. 2022.

GAE – GRUPO DE APOLOGÉTICA ESPÍRITA, disponível em:

<https://apologiaespirita.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GAMA, F. *O Umbral* in *Espiritismo da Alma*, disponível em:

<https://espiritismodaalma.wordpress.com/2017/11/12/o-umbral/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MACHADO, D. *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, disponível em:

<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>. Acesso em: 28 out. 2022.

OLIVEIRA, S. F. *O que é Umbral*, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xf8OE-fdmKM>. Acesso em: 02 nov. 2020.

Postagem em nossa página no Facebook:

[https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?](https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5430844316942553¬if_id=1641678068224897¬if_t=feed_comment&ref=notif)

[comment_id=5430844316942553¬if_id=1641678068224897¬if_t=feed_comment&ref=notif](https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5430844316942553¬if_id=1641678068224897¬if_t=feed_comment&ref=notif). Acesso em: 10 jan. 2020.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível em: <https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Colônias espirituais X dogmatismo de espíritas*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/1020-as-colonias-espirituais-e-o-dogmatismo>. Acesso em: 17 out. 2023.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *SEB – Reencarnação*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/819-seb-reencarnacao>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- THE FREE DICTIONARY, *George W. Meek*, disponível em: <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Meek%2C+George+W>. Acesso em: 11 out. 2023.
- WICKLAND, C. A. *Trinta Anos Entre os Mortos*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland>. Acesso em: 25 out. 2022.
- WIKIPEDIA, *Index Librorum Prohibitorum*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Index_Librorum_Prohibitorum. Acesso em: 10 mai. 2020.

Imagens:

Capa adaptada por Ana Luísa Barroso da Silva Neto:
<https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Capa de *Mitos Cristãos*, livro publicado pela Ethos Editora, disponível em:
https://m.media-amazon.com/images/I/61EmE2K3W9L._AC_SX60_CR,0,0,60,60_.jpg. Acesso em: 28 jun. 2023.

Classes de espíritos, disponível em:
http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspirito_s2.jpg. Acesso em: 09 jul. 2023.

Esferas espirituais: https://docplayer.com.br/docs-images/45/18727979/images/page_6.jpg. Acesso em: 28 dez. 2019.

George W. Meek,
http://www.worlditc.org/h_07_meek_by_macy_Gwm.JPG
. Acesso em: 11 out. 2023.

Trevas exteriores: <http://www.blogdosincora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/umbral1.png>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de `Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os Nomes dos Títulos dos*

Evangelhos Designam Seus Autores?; 10) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 12) A Mulher na Bíblia; 13) Todos Nós Somos Médiuns?; 14) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 15) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 16) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 17) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 18) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 19) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 20) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 22) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 23) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 24) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 25) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 26) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 27) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; e 28) Reencarnação e as Pesquisas Científicas, e 29) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia).

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 SILVA NETO SOBRINHO, *SEB - Reencarnação*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/819-seb-reencarnacao>
- 2 VESME, *Visões Espíritas na Terra e no Ar*, p. 33.
- 3 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 14-15.
- 4 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 40.
- 5 Isto é, os judeus, herdeiros naturais das promessas. Aqueles dentre eles que não creram no Cristo verão os gentios tomarem seus lugares. (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1852)
- 6 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1852, 1880, 1887, respectivamente.
- 7 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 8 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível para venda em:
<https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>
- 9 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>
- 10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 174.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 175.
- 12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 205.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 419-420.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 432.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 452-453.
- 16 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 77.

- 17 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 298.
- 18 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 322.
- 19 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 64.
- 20 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 77
- 21 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 89-90.
- 22 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 250.
- 23 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 264.
- 24 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 287.
- 25 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 348.
- 26 KARDEC, *A Gênese*, p. 187.
- 27 KARDEC, *A Gênese*, p. 239.
- 28 KARDEC, *A Gênese*, p. 306.
- 29 GAMA, *O Umbral in Espiritismo da Alma*, disponível em:
<https://espiritismodaalma.wordpress.com/2017/11/12/o-umbral/>
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 261.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 176-177.
- 32 KARDEC, *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- 33 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 11-12.
- 34 Sugestão do amigo Ricardo dos Santos Malta, adv.
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 384.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 102.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 307.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 230.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 100-101.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 134.

- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 2-3.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 190-191.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 166-167.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 45 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 370.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.
- 47 KARDEC, *A Gênese*, cap. I, item 52, p. 66.
- 48 KARDEC, *A Gênese*, cap. I, item 55, p. 71.
- 49 FEP, *Antônio de Torres-Solanot y Casas*, disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=605>
- 50 TORRES-SOLANOT, *A Médium das Flores*, p. 14.
- 51 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 85-86.
- 52 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 442-443.
- 53 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443.
- 54 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. V, item 8, p. 66.
- 55 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. VII, tópico “Código penal da vida futura, q. 5, p. 89.
- 56 Capa de *Mitos Cristãos*, livro publicado pela Ethos Editora, disponível em: https://m.media-amazon.com/images/I/61EmE2K3W9L._AC_SX60_CR,0,0,60,60_.jpg
- 57 SILVA NETO SOBRINHO, *Colônias espirituais X dogmatismo de espíritas*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/1020-as-colonias-espirituais-e-o-dogmatismo>
- 58 Ao final deste artigo há uma nota, com o seguinte teor: “Este artigo, assim como o do número precedente, sobre a apreensão da morte, foram extraídos da nova obra [*O Céu e o Inferno*] que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. [...]. (KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 74)

- 59 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 72.
- 60 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 12.
- 61 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 325.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 345.
- 64 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-71.
- 65 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 16-17.
- 66 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 19.
- 67 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 36.
- 68 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 169.
- 69 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 70 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 424-425.
- 71 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 342.
- 72 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 38.
- 73 KARDEC, *A Gênese*, p. 17.
- 74 KARDEC, *A Gênese*, p. 243.
- 75 KARDEC, *A Gênese*, p. 358.
- 76 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 241.
- 77 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 21.
- 78 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 22.
- 79 GLASER, A. e GLASER, A. *Umbral: Projeções, Testemunhos e Resgate Espiritual*, p. 23.
- 80 INTELISANO, O Umbral, in *Espiritismo & Ciência* nº 16, p. 29.

- 81 Esferas Espirituais: https://docplayer.com.br/docs-images/45/18727979/images/page_6.jpg
- 82 CUNHA, *Cidade no Além*, p. 80.
- 83 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 71.
- 84 OLIVEIRA, *O que é Umbral*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xf8OE-fdmKM>
- 85 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 86 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, Edicel, p. 223.
- 88 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 88.
- 89 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 92.
- 90 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 224, mensagem publicada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VIII - Bem-aventurados os que têm puro o coração, item 20, p. 126.
- 91 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 92 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas - Carl August Wickland*, disponível em: <https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>
- 93 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 37.
- 94 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 496-497.
- 95 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 503.
- 96 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 135-136.
- 97 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 139-140.
- 98 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 24.
- 99 Nota da transcrição (N.T.): Quando Bozzano desencarnou, em 1945, ele não conhecia as obras

psicografadas, sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N.T.)

- 100 BOZZANO, *O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas*, p. 69-72.
- 101 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 66-67.
- 102 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 68-69.
- 103 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117-118.
- 104 THE FREE DICTIONARY, George W. Meek, disponível em:
<https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Meek%2C+George+W>.
- 105 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p 124-125.
- 106 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p 127.
- 107 MEEK, *O Que Nos Espera Depois da Morte?*, p. 135-137.
- 108 FRANCO, *Nas Fronteiras da Loucura*, p. 135.
- 109 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 60-61; BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 222; LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 113-116 e RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52-53 e p. 110-111.
- 110 XAVIER, *Cartas e Crônicas*, p. 36.
- 111 *Classes de espíritos*, disponível em:
<http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspirito s2.jpg>
- 112 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150-151.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 115 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.
- 116 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 156.

- 117 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 423.
- 118 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 446.
- 119 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 67.
- 120 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 172.
- 121 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 172.
- 122 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 327.
- 123 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 380-382.
- 124 *O Index Librorum Prohibitorum*, em tradução livre o Índice dos Livros Proibidos era uma lista de publicações consideradas heréticas, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja Católica. [...]. Nessa lista estavam livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo tido como impróprio. (WIKIPEDIA)
- 125 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 231.
- 126 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 234.
- 127 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 257-258.
- 128 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 51-52.
- 129 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 253-256.
- 130 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 12.
- 131 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 46-47.
- 132 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 253.
- 133 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 255.
- 134 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 155.
- 135 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 94.
- 136 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 161.
- 137 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 196.
- 138 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 242.

- 139 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 255.
- 140 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 141 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258.
- 142 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258-259.
- 143 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 268.
- 144 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 271-272.
- 145 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, 215.
- 146 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 282.
- 147 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 21.
- 148 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 149 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 55.
- 150 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 60.
- 151 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 301.
- 152 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 218-222.
- 153 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 317-318.
- 154 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 319-320.
- 155 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 380.
- 156 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 238.
- 157 ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kaspar Lavater*, disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Johann-Kaspar-Lavater>
- 158 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 76.
- 159 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 160 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 73.
- 161 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 144-145.
- 162 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 99.
- 163 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 101.

- 164 Quando a morte o colheu em 31 de março de 1869, além dos fascículos publicados, referentes aos meses de janeiro a março, já estava no prelo o número de abril do mesmo ano, que Kardec redigira integralmente, passando os demais, a partir de maio, à responsabilidade direta de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista Espírita*. (KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 5)
- 165 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 470-471.
- 166 DENIS, *Depois da Morte*, p. 202.
- 167 DENIS, *No Invisível*, p. 124.
- 168 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 203-204.
- 169 DELANNE, *O Fenômeno Espírita*, p. 224.
- 170 DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 420.
- 171 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 124-125.
- 172 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 36.
- 173 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 111-112.
- 174 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 118.
- 175 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 121.
- 176 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 127.
- 177 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 140.
- 178 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 155.
- 179 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 165.
- 180 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 169.
- 181 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 170.
- 182 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 176-177.
- 183 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 178.
- 184 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 232.

- 185 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 236.
- 186 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 239.
- 187 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 242.
- 188 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 248-249.
- 189 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 273-274.
- 190 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 283-285.
- 191 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 305.
- 192 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 430-432.
- 193 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 437.
- 194 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 444.
- 195 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 452.
- 196 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, p. 560.
- 197 O sadhu é um hindu que dedica toda a sua vida à sua religião e abandona todos os prazeres mundanos. (A VOZ DO VENTO (site), disponível em: <https://www.avozdovento.com/visoes-do-mundo-espiritual>)
- 198 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 15.
- 199 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 20-21.
- 200 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 23.
- 201 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 25.
- 202 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 28-29.
- 203 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 29.
- 204 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 34.
- 205 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 39-40.
- 206 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 41.
- 207 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 43.
- 208 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 45.

- 209 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 46-47.
- 210 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 48.
- 211 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 60-61.
- 212 SINGH, *Visões do Mundo Espiritual*, p. 39-40.
- 213 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 218-222.
- 214 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.
- 215 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 8-9.
- 216 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 10-11.
- 217 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 17.
- 218 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 39.
- 219 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 62.
- 220 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 86-87.
- 221 N.T.: Do mesmo autor, *Indagini sulle manifestazioni supernormali*, vol. V. Città della Pieve, 1938. (N. do E.)
- 222 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 89-91.
- 223 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 219.
- 224 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 222.
- 225 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 114-115.
- 226 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 110.
- 227 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 139.
- 228 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo, ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 143-144.
- 229 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 113-116.
- 230 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52.
- 231 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 52-53.
- 232 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 110-111.

- 233 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 167.
- 234 LORENZ, *Chamas de Ódio e a Luz do Puro Amor*, p. 177-179.
- 235 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 78-79.
- 236 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 84-86.
- 237 FRANCO, *No Limiar do Infinito*, p. 116-117.
- 238 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 193-194.
- 239 BROWNE, *O Outro Lado da Vida*, p. 221-224.
- 240 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 10.
- 241 ARAÚJO, *Cidades espirituais: muitas moradas*, p. 23
- 242 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 61.
- 243 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 63-64.
- 244 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 65.
- 245 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 78.
- 246 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 83.
- 247 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 101.
- 248 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 131-132.
- 249 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 178.
- 250 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 181.
- 251 N.T.: Observa-se que todos os *sujets* falam dessas sombras silenciosas como as que a Antiguidade localizava nos Campos Elísios. – A. R.
- 252 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 194-197.
- 253 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 208.
- 254 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 211.
- 255 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 214.
- 256 WAMBACH, *Recordando Vidas Passadas*, p. 101.
- 257 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 35-38.

- 258 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 110.
- 259 SERRANO, *Os Que Voltaram Para Contar*, p. 33.
- 260 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-72.
- 261 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 58.
- 262 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 256.
- 263 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível:
<https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>
- 264 PIRES, *O Infinito e o Finito, O Mistério do Bem e do Mal* e uma entrevista em “No Limiar do Amanhã”, programa 92 de 1972, disponível em: link
<https://www.youtube.com/watch?v=tYlWegi0GoA&feature=youtu.be>.
- 265 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 72-74.
- 266 MIRANDA, *Reencarnação e Imortalidade*, p. 68-69.
- 267 SHUBERT, *Testemunhos de Chico Xavier*, p. 236
- 268 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 75.
- 269 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 70-71.
- 270 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 206.
- 271 FACEBOOK, *Paulo Neto*, disponível em:
<https://www.facebook.com/paulo.neto.79069>
- 272 GAE - GRUPO DE APOLOGÉTICA ESPÍRITA, disponível em: <https://apologiaespirita.com.br/>
- 273 FERRARI, Comentário sobre trecho de *O Céu e Inferno* e *Nosso Lar*, disponível em:
https://www.facebook.com/paulo.neto.79069/posts/5424978687529116?comment_id=5434054883288163¬if_id=1641775404660469¬if_t=feed_comment&ref=notif
- 274 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.